



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS



YASMINE GRAZIELLE DA CRUZ

**VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL: uma descrição sociolinguística na fala de
estudantes da Universidade Federal de Sergipe**

SÃO CRISTÓVÃO

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL: uma descrição sociolinguística na fala de
estudantes da Universidade Federal de Sergipe

YASMINE GRAZIELLE DA CRUZ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Letras da Universidade Federal de
Sergipe como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: Linguagens, Usos e Tecnologias.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag.

SÃO CRISTÓVÃO

2026

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

C957v Cruz, Yasmine Grazielle da
Variação da lateral palatal : uma descrição sociolinguística na
fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe / Yasmine
Grazielle da Cruz ; orientadora, Raquel Meister Ko. Freitag.– São
Cristóvão, SE, 2026.
114 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2026.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa – Variação. 3.
Língua portuguesa – Português falado – Sergipe. 4. Língua
portuguesa – Palatização. I. Universidade Federal de Sergipe. II.
Freitag, Raquel Meister Ko., orient. III. Título.

CDU 81'27

TERMO DE APROVAÇÃO

YASMINE GRAZIELLE DA CRUZ

VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL: uma descrição sociolinguística na fala de
estudantes da Universidade Federal de Sergipe

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Letras da Universidade Federal de
Sergipe como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa: Linguagens, Usos e Tecnologias.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Presidenta (Orientadora)

Profa. Dra. Andréia Silva Araujo
Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC
1ª examinadora (externa à instituição)

Profa. Dra. Marta Deysiane Alves Faria Sousa
Instituto Federal de Sergipe
2ª examinadora (externa à instituição)

São Cristóvão – 13 de fevereiro de 2026.

AGRADECIMENTOS

“Cada um de nós compõe a sua história e cada ser em si carrega o dom de ser capaz, de ser feliz.” Aqui se faz mais um capítulo da minha história. Aqui marco, com o título de mestra, uma das vitórias que a vida me proporcionou. Sou Yasmine Grazielle da Cruz, resgatada pelos meus avós Raimunda Bispo da Silva Cruz e João Antônio da Cruz Filho. Apesar de em minha certidão de nascimento haver outro nome de filiação, eu sou filha mesmo é de Maria Raimunda Silva Cruz, que me deu o amor materno que nenhum laço sanguíneo é capaz de decifrar. Aqui vale citar o nome de uma das mulheres mais fortes da minha família, Maria Nazaré Silva Cruz (Tia Ná), responsável pela minha parte dengosa, pois foi ela quem mais me deu dengo na infância.

Minha história é forjada nos laços de muitas batalhas, mas essa e tantas outras vitórias não seriam possíveis sem o apoio daquelas e daqueles que sempre estiveram ao meu lado. Tenho muito o que e a quem agradecer e acho até injusto, da minha parte, citar apenas alguns nomes de quem fez e faz parte dessa vitória. Peço desculpas a quem não foi mencionada(o), mas saiba que um fato que a vida me ensinou foi ser grata, e eu sou imensamente grata por tudo o que fazem por mim. E, por tanto que já me foi feito, agradeço a uma das amigas mais cruciais dos últimos anos, Lukinhas. Amor, eu não tenho palavras para descrever o quanto você é importante para mim. Muito obrigada por cada xícara de chá de camomila, por me abraçar em meio a todo e qualquer momento.

Agradeço também ao meu amigo Alexandre Paixão, por ter me presenteado com uma trilogia de livros de Linguística, assim que comentei sobre meu desejo de participar do processo seletivo de mestrado, lá em 2023, e por ter corrigido meu pré-projeto. À Keila, por tantas horas dedicadas a me auxiliar nas dificuldades acadêmicas e pessoais. Agradeço às minhas amigas e aos meus amigos Iris, Caio, Mel, Alaíde, Gabi, Roberth, Marcell, Rosângela, Ana Luísa, Aline, Iza, Carol, e ao pessoal da Célula, por sempre me incentivarem a alcançar meus sonhos, por cuidarem de mim e me darem palavras de apoio e incentivo nos momentos em que me senti mais perdida. À Alessandra Bezerra, por ter cuidado tão bem do meu gatinho Samuel, nos dias em que tive que me ausentar para me dedicar aos estudos. Agradeço também a mi amor lindo Alejandro Triviño, pela paciência e acolhimento. A José dos Santos, por tantas orações feitas para que eu siga espiritualmente protegida e forte. Se hoje estou, é porque tive com quem contar. À Tia Maria, por ter aberto as portas de sua casa e coração para cuidar tão bem de mim e me alimentar na correria da rotina acadêmica.

Agradeço a todas as professoras e professores que me incentivaram aos estudos e, em

especial, ao meu professor Flávio Passos, que, ainda na graduação, plantou a sementinha da Sociolinguística em meu coração; à minha orientadora Raquel Freitag, por me mostrar o quanto o caminho da Sociolinguística é árduo, mas digno de ser desbravado, pois muitas das injustiças que temos no mundo advêm também do preconceito linguístico. Aos meus colegas do laboratório LAMID e do GELINS, por cada partilha, desde a tensão de uma reunião às boas gargalhadas nos lanchinhos e almoços. E um agradecimento especial a Túlio Sousa de Gois por todas as contribuições com os dados desta pesquisa e à Neyriane Santos da Conceição pela parceria em diversas etapas durante o processo de mestrado. Pessoal, o trabalho em equipe fez total diferença no meu desempenho acadêmico.

À Capes, pela bolsa de incentivo aos estudos. Sabemos o quanto é difícil para o proletariado conseguir cursar uma graduação; imaginem uma pós-graduação. Às professoras Andréia Silva Araujo e Marta Deysiane Alves Faria Sousa, pela leitura atenta, pela dedicação na correção do trabalho e pelas valiosas contribuições, que certamente enriqueceram este estudo e possibilitaram o aprimoramento dos resultados da minha pesquisa.

Ainda tenho muita história para contar, muitas coisas para descobrir. A vida é linda. Todos os sonhos podem se tornar realidade. Tudo depende de como enxergamos e lutamos pelos nossos interesses. Que você nunca desista de ver a vida pela ótica bonita e que nenhuma palavra negativa possa apagar o brilho do seu ser. Lembre-se de sempre querer “conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs”; nunca se esqueça de que “é preciso amor pra poder pulsar. É preciso paz pra poder sorrir. É preciso a chuva para florir”.

Pois todas as coisas vêm Dele, existem por meio Dele e são para Ele. A Ele seja toda a glória para sempre! Amém (Bíblia Online, 2026, n.p.).

RESUMO

A variação da lateral palatal [ʎ] constitui um fenômeno de grande interesse para as pesquisas sobre a diversidade fonética e fonológica do português brasileiro. Esse processo ocorre principalmente em posição intervocálica, é representado ortograficamente pelo dígrafo *lh* e apresenta diferentes realizações, como: i) lateral palatal [ʎ] “trabalha”; ii) palatalização [ʎ̞] “trabalha”; iii) vocalização [y] “trabaia”; iv) lateral alveolar/dental [l̪] “trabala”; e v) zero fonético [Ø] “fio” (Cristófaró Silva, 2024; Freitag, 2010; Freire, 2011). Estudos anteriores apontam os condicionamentos linguísticos e sociodemográficos como importantes para a variação do fenômeno (Madureira, 1987; Castro, 2006; Brandão, 2007; Oliveira; Mota, 2007; Soares, 2008, 2009; Pinheiro, 2009; Aguilera, 2009; Freire, 2011, 2016, 2024; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Silva; Carvalho, 2014; Santos, 2018; Plaza, 2019; Santos *et al.*, 2021; Hora; Schwindt, 2022; Lima, 2024; Muller, 2025, entre outros). Apesar dos avanços, são escassas as análises da variação da lateral palatal em amostras de único nível de escolaridade, já que predominam estudos comparativos entre mais e menos escolarizados. Em Sergipe, as pesquisas ainda são incipientes e baseadas sobretudo em tarefas de leitura e nomeação de figuras (Freitag, 2010; Santiago, 2017). Nesse sentido, esta dissertação teve como objetivo geral descrever a variação da lateral palatal na fala de estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe, à luz da teoria da variação e mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), contribuindo para a compreensão do problema do encaixamento, ao analisar como variáveis linguísticas e sociodemográficas se manifestam e se articulam no contexto universitário. A análise voltou-se para as realizações não padrão da lateral palatal [y], [l̪] e [Ø], considerando os fatores linguísticos contexto fonético anterior e posterior, tonicidade, classe gramatical e monitoramento da fala, bem como os fatores sociodemográficos sexo/gênero (feminino e masculino), tempo de curso (início e final de curso) e deslocamento (I: estudantes da Região Metropolitana de Aracaju; II: estudantes do interior de Sergipe que se deslocam diariamente para a UFS; III: estudantes do interior que se mudaram para a Grande Aracaju durante o curso; e IV: estudantes oriundos de Alagoas e Bahia que residem na Grande Aracaju). O *corpus* é composto por 73 entrevistas sociolinguísticas da amostra *Deslocamentos 2020* do Banco de Dados Falares Sergipanos (Freitag, 2013). O tratamento dos dados seguiu a abordagem quantitativa da Sociolinguística Variacionista, com análise descritiva, baseada na distribuição percentual das ocorrências. Foram identificadas 4.490 ocorrências totais, das quais cerca de 6% foram identificadas como não padrão. Os resultados indicam que as realizações não padrão estão mais associadas às variáveis linguísticas, especialmente ao contexto anterior vazio e aos contextos vocálicos [ɔ] e [ɛ]. Após a amalgamação dos dados, o contexto vazio permaneceu com maior percentual de realização não padrão, seguido dos contextos vocálicos [o] e [e]. No contexto posterior, os dados em sândi e vazio apresentaram aplicação categórica, seguidos do contexto vocálico [i]. Após a amalgamação, os contextos em sândi e vazio permaneceram com os maiores percentuais, seguidos do grupo das vogais altas anteriores [i, ɪ, ɨ]. Quanto à tonicidade, destacaram-se os contextos não se aplica e postônico; na classe gramatical, os pronomes e as interjeições; e, no monitoramento da fala, os 30 minutos finais das entrevistas. As variáveis sociodemográficas apresentaram distribuição percentual equilibrada da ocorrência da realização não padrão, sendo que apenas a variável deslocamento mostrou percentual mais elevado entre os estudantes do Deslocamento II, que se deslocam diariamente do interior para a UFS. Os resultados desta pesquisa contribuem para ampliar a compreensão do comportamento variável da lateral palatal na diversidade linguística do português brasileiro.

Palavras-chave: Variação linguística; Lateral palatal; Falares Sergipanos; Sociolinguística

ABSTRACT

The variation of the palatal lateral [ʎ] constitutes a phenomenon of great interest for research on the phonetic and phonological diversity of Brazilian Portuguese. This process occurs mainly in intervocalic position, is orthographically represented by the digraph *lh*, and presents different realizations, such as: i) palatal lateral [ʎ] “trabalha”; ii) palatalization [ʎ̥] “trabalha”; iii) vocalization [y] “trabaia”; iv) alveolar/dental lateral [l] “trabala”; and v) phonetic zero [Ø] “fio” (Cristófaró Silva, 2024; Freitag, 2010; Freire, 2011). Previous studies point to linguistic and sociodemographic constraints as important factors conditioning the variation of this phenomenon (Madureira, 1987; Castro, 2006; Brandão, 2007; Oliveira; Mota, 2007; Soares, 2008, 2009; Pinheiro, 2009; Aguilera, 2009; Freire, 2011, 2016, 2024; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Silva; Carvalho, 2014; Santos, 2018; Plaza, 2019; Santos et al., 2021; Hora; Schwindt, 2022; Lima, 2024; Muller, 2025, among others). Despite advances in the description of palatal lateral variation, analyses of its behavior in samples composed exclusively of speakers belonging to a single level of schooling remain limited, since most studies focus on comparisons between speakers with higher and lower levels of education. In addition, research on this phenomenon is still incipient in Sergipe, where investigations based on reading and picture-naming tasks predominate (Freitag, 2010; Santiago, 2017). In this context, the general objective of this dissertation was to describe the variation of the palatal lateral in the speech of university students at the Universidade Federal de Sergipe (UFS), in light of the theory of linguistic variation and change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]), contributing to the understanding of the embedding problem by analyzing how linguistic and sociodemographic variables manifest and interact in the university context. The analysis focused on the non-standard realizations of the palatal lateral [y], [l], and [Ø], considering the linguistic factors of preceding and following phonetic context, stress, grammatical class, and speech monitoring, as well as the sociodemographic factors sex/gender (female and male), time in the program (beginning and end of the course), and displacement (I: students from the Metropolitan Region of Aracaju; II: students from the interior of Sergipe who commute daily to UFS; III: students from the interior who moved to the Metropolitan Region of Aracaju during their studies; and IV: students from Alagoas and Bahia residing in the Metropolitan Region of Aracaju). The corpus consists of 73 sociolinguistic interviews from the *Deslocamentos 2020* sample of the *Banco de Dados Falaes Sergipanos* (Freitag, 2013). Data treatment followed the quantitative approach of Variationist Sociolinguistics, with descriptive analysis based on the percentage distribution of occurrences. A total of 4,490 occurrences were identified, of which about 6% were classified as non-standard. The results indicate that non-standard realizations are more strongly associated with linguistic variables, especially empty preceding context and the vocalic contexts [ɔ] and [ɛ]. After data amalgamation, the empty context remained with the highest percentage of non-standard realization, followed by the vocalic contexts [o] and [e]. In the following context, sandhi and empty contexts showed categorical application, followed by the vocalic context [i]. After amalgamation, sandhi and empty contexts remained with the highest percentages, followed by the group of high front vowels [i, ĩ, ī]. Regarding stress, the contexts *not applicable* and post-tonic stood out; in grammatical class, pronouns and interjections; and in speech monitoring, the final 30 minutes of the interviews. Sociodemographic variables showed a fairly balanced percentage distribution of non-standard realizations, with only the displacement variable presenting a slightly higher percentage among students in Displacement II, who commute daily from the interior to UFS.

Keywords: Linguistic variation; Palatal lateral; Falaes Sergipanos; Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A palavra óleo escrita como olho.....	14
Figura 2 - A palavra família escrita como família.....	15
Figura 3 - Imagem com a palavra família escrita com lh.....	24
Figura 4 - Articulação ilustrativa do fonema lateral palatal.....	25
Figura 5 - Articulação ilustrativa da palatalização.....	26
Figura 6 - Articulação ilustrativa da vocalização.....	27
Figura 7 – Ilustração da localização dos alvéolos, ápice e lâmina da língua.....	28
Figura 8 - Ilustração de como a variável estilos-contextos foi controlada por Freire (2016)...	47
Figura 9 - Localização geográfica da Universidade Federal de Sergipe.....	52
Figura 10 - Visualização das trilhas de uma transcrição feita no software ELAN.....	55
Figura 11 - Busca de múltiplos arquivos eaf no ELAN.....	56
Figura 12 - Planilha com a classificação da sílaba contendo a lateral palatal.....	58
Figura 13 - Planilha com ilustração das trilhas.....	59
Figura 14 - Distribuição das ocorrências por variante.....	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos estudos incluídos no panorama da variação da lateral palatal.	32
Quadro 2 - Estratificação da amostra Deslocamentos (2020)	53
Quadro 3 - Estratificação dos participantes quanto ao Deslocamento (2020).....	54
Quadro 4 - Resultados comparativos da variável contexto anterior.....	99
Quadro 5 - Resultados comparativos da variável contexto posterior	100
Quadro 6 - Resultados comparativos da variável tonicidade	102
Quadro 7 - Resultados comparativos da variável classe gramatical.....	103

TABELAS

Tabela 1 - Ajustes do total de dados na variável contexto posterior	70
Tabela 2 - Distribuição de frequência da lateral palatal quanto à realização	73
Tabela 3 - Distribuição dos segmentos anteriores à realização não padrão da lateral palatal ..	75
Tabela 4 - Distribuição dos segmentos anteriores amalgamados	76
Tabela 5 - Distribuição dos segmentos posteriores em função da realização não padrão da lateral palatal	80
Tabela 6 - Distribuição dos segmentos posteriores amalgamados	82
Tabela 7 - Distribuição da tonicidade em função da realização não padrão da lateral palatal .	84
Tabela 8 - Distribuição da classe gramatical em função da realização não padrão da lateral palatal	86
Tabela 9 - Distribuição da realização não padrão quanto ao monitoramento da fala.....	88
Tabela 10 - Distribuição da realização não padrão quanto ao tempo da entrevista.....	89
Tabela 11 - Distribuição da realização não padrão quanto ao sexo/gênero.....	90
Tabela 12 - Distribuição da realização não padrão quanto ao deslocamento	92
Tabela 13 - Distribuição da realização não padrão quanto ao tempo de curso	94

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
2.1	A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	19
2.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEUS CONDICIONAMENTOS	20
2.3	A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E OS PROBLEMAS DA VARIAÇÃO E DA MUDANÇA	21
3	DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL.....	24
3.1	A LATERAL PALATAL [ɭ] E SUAS FORMAS VARIÁVEIS.....	24
3.1.1	A palatalização [lʲ]	25
3.1.2	A vocalização [y].....	27
3.1.3	A alveolar/dental [l].....	27
3.1.4	O zero fonético [Ø].....	28
3.2	A VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL SOB O PONTO DE VISTA FONOLÓGICO	29
4	PANORAMA DA VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL	31
4.1	A VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL NAS REGIÕES DO BRASIL.....	36
4.1.1	Sudeste.....	36
4.1.2	Sul.....	42
4.1.3	Centro-Oeste	43
4.1.4	Norte	44
4.1.5	Nordeste.....	45
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	51
5.1	AMOSTRA LINGUÍSTICA	51
5.1.1	Sergipe, São Cristóvão e o Campus José Aloísio de Campos	51
5.1.2	A amostra Deslocamentos (2020)	53
5.1.3	As transcrições no software ELAN	55
5.1.4	Classificação semiautomática dos dados	56
5.2	VARIÁVEL DEPENDENTE	59
5.3	VARIÁVEIS INDEPENDENTES	60

5.3.1	Variáveis independentes linguísticas.....	61
5.3.2	Variáveis independentes sociodemográficas.....	66
5.4	TRATAMENTO DOS DADOS.....	69
6	RESULTADOS.....	71
6.1	RESULTADOS GERAIS.....	71
6.2	RESULTADOS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS.....	73
6.2.1	Contexto anterior.....	73
6.2.2	Contexto posterior.....	77
6.2.3	Tonicidade.....	83
6.2.4	Classe gramatical.....	85
6.2.5	Monitoramento da fala.....	87
6.3	RESULTADOS DAS VARIÁVEIS INDEPENDENTES SOCIODEMOGRÁFICAS.....	90
6.3.1	Sexo/gênero.....	90
6.3.2	Deslocamento.....	91
6.3.3	Tempo de curso.....	93
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
8	REFERÊNCIAS.....	105
	APÊNDICE – DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	114

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, como prática social, é um fenômeno dinâmico em constante transformação. As mudanças que nela ocorrem refletem não apenas a estrutura interna do sistema linguístico, mas também os contextos sociais, históricos e culturais em que os falantes estão inseridos. Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista surge como um campo de investigação que toma a variação e a mudança linguística como objetos centrais de estudo, revelando que a heterogeneidade da língua não é aleatória, mas organizada e condicionada por fatores sociais e estruturais (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]). Entre os avanços trazidos por esse campo teórico, destaca-se a compreensão de que padrões de variação podem ser identificados e explicados de maneira sistemática.

A lateral palatal [ʎ] no português brasileiro (PB) é um exemplo desses padrões de variação. Esse fonema “ocorre em português apenas em posição intervocálica e corresponde ortograficamente ao dígrafo *lh*, como na palavra *palha*” (Cristófarro Silva, 2024, p. 64). Muito embora podemos encontrar realizações de palavras com lateral palatal que não são ortograficamente representadas pelo dígrafo *lh*, como a palavra *família*, que pode ser realizada como *familha* e a palavra *óleo*, pronunciada como *olho*, processo que pode ser transposto até mesmo para a ortografia, conforme ilustra as Figuras 1 e 2.

Figura 1 – A palavra óleo escrita como olho



Fonte: Instagram (2025)¹

¹ Para ver a publicação, acesse o link: <https://n9.cl/q0fai>

Figura 2 - A palavra família escrita como familha



Fonte: Quizur (2020)²

Em linhas gerais, esse fenômeno é descrito desde o português arcaico como uma mudança fônica sistemática que modificou a configuração do sistema fonológico latino, introduzindo um novo elemento palatal no português, que passou a constituir uma nova consoante da língua. Sua ocorrência se dá também em palavras de origem não latina, que foram integradas ao léxico por meio de empréstimos de outras línguas (Mattos; Silva, 2006, p. 77).

A variação da lateral palatal [ʎ] no PB pode ocorrer de cinco maneiras: com obstrução da passagem da corrente de ar na região palatal [tra'baʎə], com consoante lateral alveolar/dental produzida com palatalização [tra'balʎə], com articulação de qualidade vocálica de “i” [tra'bayə], com perda do traço palatal, com realização da lateral alveolar [tra'balə] (Cristóvão Silva, 2024; Freitag, 2010) e com zero fonético, quando a lateral palatal sofre apagamento total, como em [ʻfiØo], deixando de ocupar espaço nos domínios métricos e melódicos da cadeia fônica (Freire, 2011).

Diversos estudos têm se dedicado à investigação da variação da lateral palatal no português brasileiro (Madureira, 1987; Nascimento, 2004; Castro, 2006; Brandão, 2007; Oliveira; Mota, 2007; Soares, 2008, 2009; Pinheiro, 2009; Aguilera, 2009; Freire, 2011, 2016, 2024; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Silva;Carvalho, 2014; Santos, 2018; Plaza, 2019; Santos *et al.*, 2021; Hora; Schwindt, 2022; Lima, 2024; Muller, 2025, entre outros), analisando o

² Para ver a publicação, acesse o link: <https://pt.quizur.com/quiz/quem-e-voce-minha-familha-tVAR>

fenômeno em diferentes regiões (Sudeste, Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste). Esses trabalhos apontam fatores linguísticos, tais como o contexto fonético anterior e posterior, classe gramatical e a tonicidade, bem como fatores sociais, como faixa etária e escolaridade, como condicionadores da variação da lateral palatal. Contudo, apesar dos avanços na descrição do fenômeno, observa-se que análises sobre o comportamento dessa variação em amostras compostas exclusivamente por falantes pertencentes a um único nível de escolaridade ainda são escassas.

Nesse contexto, a variável escolaridade é frequentemente descrita como uma das que exerce maior efeito para a variação do fenômeno (Aguilera, 2004; Castro, 2006; Brandão, 2007; De Oliveira, 2007; Freire, 2011, 2016, 2024; Santos, 2018; Muller, 2025), porém demanda análises mais detalhadas, pois, embora os estudos indiquem uma tendência de associação entre o uso de variantes padrão [ʎ/lj] e falantes com maior nível de escolaridade, e variantes não padrão [y/l/ø] a falantes com menor escolaridade, observa-se que a maioria dessas pesquisas reúne informantes de níveis de escolaridade distintos. Esse procedimento conduz a análises comparativas entre falantes mais e menos escolarizados e faz com que as pesquisas se detenham nos menos escolarizados e em como as variáveis condicionam a variação da lateral palatal neste grupo.

Essa escolha de análise pode estar relacionada ao baixo percentual de ocorrência das formas não padrão entre os mais escolarizados. Porém, por mais que estas pesquisas apontem que o percentual de ocorrências de variantes não padrão entre os indivíduos com maiores níveis de escolaridade seja reduzido, a ocorrência de realização não padrão persiste nesse grupo. Essa constatação nos leva a questionar quais são os fatores que condicionam as realizações não padrão nesses grupos e como essas formas estão encaixadas no sistema linguístico e social deles.

Pensando nisso, a presente pesquisa se ateve aos dados referentes à realização não padrão da lateral palatal, a saber: a vocalização [y], a despalatalização [l] e o zero fonético [Ø], como valor de aplicação, para análise do comportamento das variáveis linguísticas e sociodemográficas entre os estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe. Essa decisão metodológica não implica não mostrarmos o quantitativo de realização padrão no *corpus*, mas buscamos nos debruçar sobre as realizações não padrão.

Adicionalmente, no estado de Sergipe, as pesquisas sobre a variação da lateral palatal com dados de fala permanecem incipientes. As principais referências derivam de estudos baseados em cartas fonético-fonológicas (Nascimento, 2004), cujos resultados indicam maiores percentuais de realização não padrão, e de tarefas de leitura e nomeação de figuras aplicadas a

estudantes do ensino fundamental e médio (Freitag, 2010; Santiago, 2017), que apontam elevadas taxas de uso da variante padrão. A partir dessa lacuna, o presente estudo se propõe a responder à seguinte pergunta: os efeitos de fatores linguísticos e sociais sobre a variação da lateral palatal observados em outras regiões verificam-se também entre os universitários da Universidade Federal de Sergipe?

Deste modo, trabalhamos com a hipótese de que os fatores linguísticos e sociais associados à variação da lateral palatal no português brasileiro verificam-se na amostra de universitários em Sergipe, sem que isso implique a exclusão da ocorrência de variantes não padrão. Além disso, essa pergunta encontra-se ancorada no âmbito das discussões sobre reprodutibilidade na Sociolinguística, uma vez que a identificação de efeitos e direções da recorrência de comportamentos de variáveis independentes em diferentes comunidades constitui evidência para a generalização de resultados sobre fenômenos linguísticos variáveis (Freitag, 2026).

Temos como objetivo geral descrever a variação da lateral palatal na fala de estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: (i) identificar e descrever as variantes encontradas nos dados; (ii) analisar a influência dos fatores linguísticos e sociais sobre a variação do fenômeno; (iii) comparar os resultados com achados de pesquisas anteriores.

Para alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa analisa um *corpus* composto por 73 entrevistas sociolinguísticas realizadas com estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que fazem parte da amostra Deslocamentos 2020, do Banco de Dados Falares Sergipanos (Freitag, 2013). A extração das ocorrências de palavras com a lateral palatal foi feita por meio do *software* ELAN. Essas palavras foram categorizadas através da percepção de oitiva, procedimento que “implica ouvir as formas e para identificar a realização sonora atribui-se uma representação das variantes de uma variável” (Silva, 2021, p. 34).

A análise está fundamentada na Teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968]; Labov, 2008[1972]), a qual explica o comportamento de fenômenos variáveis e de mudança linguística a partir da atuação de fatores linguísticos e sociais. As variáveis linguísticas consideradas nesta pesquisa incluem: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade e classe gramatical. As variáveis sociodemográficas analisadas são: sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso (início e final de curso).

Quanto à organização textual, esta dissertação é composta por oito seções, incluindo esta introdução. Na seção 2, apresentamos a fundamentação teórica da pesquisa, ancorada na abordagem da teoria da variação e mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog,

2006[1968]; Labov, 2008[1972]). Na seção 3, tratamos do comportamento variável da lateral palatal no português brasileiro, sob uma perspectiva fonético-fonológica.

Na seção 4, apresentamos um panorama da literatura sobre a variação da lateral palatal no português brasileiro, explicitando o método utilizado para seleção de pesquisas anteriores, bem como as variáveis linguísticas e sociodemográficas consideradas em cada trabalho e seus respectivos resultados.

Na seção 5, descrevemos os procedimentos metodológicos desta pesquisa, que incluem a constituição do *corpus*, a classificação dos dados, o tratamento da variável dependente e das variáveis independentes, bem como as respectivas hipóteses norteadoras.

Na seção 6 abordamos o tratamento dos dados, o quantitativo de ocorrências e o tipo de análise utilizada na pesquisa, a saber, o cálculo de frequência percentual.

Na seção 7 apresentamos os resultados obtidos por meio da análise da variação da lateral palatal entre os universitários da UFS, seguidos dos resultados individuais de cada variável associada à realização não padrão do fenômeno.

Finalmente, na seção 8, tratamos das considerações finais do presente estudo, apresentando os resultados relacionados aos objetivos e as dificuldades que podem ter limitado generalizações mais amplas sobre o fenômeno.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, apresentaremos a fundamentação teórica desta pesquisa. Inicialmente, discutimos os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, conforme formulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e desenvolvida por Labov (2008[1972]), destacando a concepção de variação como propriedade inerente às línguas naturais e como ponto de partida dos processos de mudança linguística. Em seguida, abordamos os conceitos de variável, variante e fatores condicionantes, bem como os principais problemas para a descrição da variação e mudança linguística propostos no âmbito da Sociolinguística Variacionista, considerando suas contribuições para a descrição sociolinguística da variação da lateral palatal desenvolvida neste trabalho.

2.1 A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Teoria da Variação e Mudança Linguística, formulada por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), parte da concepção de que a variação linguística constitui uma propriedade intrínseca das línguas naturais e pode ser descrita por meio de regras categóricas e variáveis, organizadas em um sistema linguístico heterogêneo. Nessa perspectiva, os autores defendem que os fatores linguísticos e sociais atuam de forma articulada nos processos de variação e mudança linguística. Essa abordagem teórica permite compreender a língua como um sistema dinâmico, no qual a heterogeneidade não constitui uma exceção, mas um princípio organizador. Trata-se, portanto, de um arcabouço adequado à descrição da variação da lateral palatal desenvolvida neste trabalho.

Nesse sentido, a compreensão da mudança linguística recai sobre seu ponto de partida: a variação. Segundo Labov (2008[1972], p. 19), “as variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou disseminação, por analogia empréstimo fusão contaminação variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo”. Dessa forma, a variação emerge da interação entre o sistema linguístico e o uso da língua pelos falantes.

De acordo com Labov (2008[1972]), a maioria das variações é efêmera, manifestando-se apenas em usos isolados e desaparecendo rapidamente. Esse fato evidencia que nem toda variação corresponde necessariamente a um processo de mudança linguística. Algumas formas passam a ocorrer de modo recorrente, sendo progressivamente imitadas e difundidas socialmente. Nesse estágio, a variação deixa de ser individual e passa a circular entre diferentes

falantes, estilos e contextos linguísticos, convivendo em contraste com formas mais antigas. Em uma etapa posterior, uma das variantes tende a se tornar dominante, momento em que a regularidade é alcançada. Esse percurso demonstra que toda mudança linguística é precedida por processos de variação, marcados pela coexistência de formas concorrentes.

2.2 Variação linguística e seus condicionamentos

Conforme Lima e Freitag (2010, p. 30), os aspectos que regem a variação linguística podem ser de natureza fonológica (*peixe ~ pexe*), morfológica (*rapagão ~ rapazão*), sintática (*nós cantamos ~ nós canta*), lexical (*pipa ~ papagaio*), discursiva (*acho que ~ parece*). Nesse sentido, as pesquisas sociolinguísticas dedicam-se à investigação de fatores linguísticos, tais como contextos fonético-fonológicos, tonicidade e classe gramatical e de fatores sociodemográficos, relacionados à escolaridade, sexo/gênero, região, entre outros, para a descrição da variação. É nesse cenário que se insere o presente trabalho, ao investigar a variação de natureza fonético-fonológica da lateral palatal, observada em realizações como *fi[ʎ]o*, *mu[l]é*, *traba[y]a* e *fi[ø]a*. Estudos anteriores indicam que fatores linguísticos e sociodemográficos podem atuar de forma diferenciada na realização dessas variantes, o que justifica a análise desses condicionamentos.

Para a análise dos aspectos variáveis, a Sociolinguística Variacionista oferece um arcabouço teórico-metodológico sistemático. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) formularam um conjunto de postulados voltados à descrição da língua como um sistema heterogêneo e ordenado, ressaltando que fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística, de modo que explicações restritas a apenas um desses aspectos são insuficientes para explicar as regularidades observadas no comportamento linguístico (Weinreich; Labov; Herzog, 2006[1968], p. 126).

Nesse sentido, a mudança linguística é compreendida como um fenômeno sistemático, cuja descrição exige a consideração simultânea de aspectos estruturais e sociais. Conforme Mollica (2003, p. 10-11) “a variação linguística constitui a existência de formas linguísticas alternativas, denominadas variantes”. A variável é concebida como dependente porque o emprego das variantes não ocorre de maneira aleatória, é condicionado por fatores, ou variáveis independentes, de natureza social ou estrutural, internos ou externos à língua, que atuam favorecendo ou desfavorecendo determinadas realizações. No caso da variação da lateral palatal, as variáveis [ʎ], [l], [y], [l] e [ø] se configuram como a variável dependente neste estudo.

2.3 A Sociolinguística Variacionista e os problemas da variação e da mudança

Segundo Tarallo (1985, p. 11-12), as variantes linguísticas mantêm entre si uma relação de competição, podendo ser classificadas, por exemplo, como padrão ou não padrão, conservadoras ou inovadoras, prestigiosas ou estigmatizadas. De modo geral, a variante conhecida como padrão tende também a ser aquela de caráter mais conservador e que detém maior prestígio sociolinguístico. Em contrapartida, as variantes inovadoras costumam ser associadas a usos não padrão, frequentemente, são alvo de avaliação negativa ou estigmatização por parte dos próprios falantes. Por exemplo, no caso da variação da lateral palatal no português brasileiro, as variantes [ʎ] e [ʎi] são tidas como padrão e de prestígio, associadas aos falantes com nível de escolaridade alto, já as formas [y], [l] e [ø] são estigmatizadas e não-padrão, associadas ao baixo nível de escolaridade e a grupos socioeconômicos mais baixos. Contudo, segundo Labov (2008[1972]), não existe falante que use apenas única forma variável, pois todo falante tende a alternar as realizações das variáveis linguísticas, ou seja, mesmo que com um percentual baixo de realização, as formas não padrão podem emergir, independentemente do nível de escolaridade ou grupos sócio-econômicos.

A entrevista sociolinguística constitui um instrumento central para a descrição da variação linguística e identificação das alternâncias de realizações padrão e não padrão, por possibilitar o acesso ao vernáculo dos falantes - estilo em que se presta menor atenção à fala. Para Labov (2008 [1972]), independentemente dos métodos utilizados para a obtenção de amostras de fala, o acesso aos dados requer a elaboração de entrevistas. Nesse contexto, destaca-se o paradoxo do observador, que consiste em romper os constrangimentos da situação de entrevista por meio de procedimentos que desviem a atenção do falante em sua fala e permitam que o vernáculo emerja (Labov, 2008 [1972], p. 244). A condução da entrevista, portanto, é um aspecto fundamental para a coleta de dados representativos da fala espontânea que contribuem para a descrição da variação e mudança.

Para mostrar como a variação e mudança se correlacionam com fatores sociais, entre as contribuições centrais de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), destacam-se cinco problemas fundamentais para a descrição:

- i. O problema dos fatores condicionantes, que trata das restrições linguísticas e sociodemográficas que determinam as alterações e possíveis trajetórias da mudança linguística.

- ii. O problema da transição, que evidencia como a mudança ocorre, quais caminhos e etapas a fortalecem e como se difunde na comunidade de fala, sendo transmitida de uma geração a outra e entre diferentes comunidades.
- iii. O problema do encaixamento, que mostra como as mudanças se inserem nas relações linguísticas e sociodemográficas das variantes, incluindo fatores não atribuídos à consciência linguística. Esse problema apresenta duas dimensões: o encaixamento da variável na estrutura linguística e o encaixamento na estrutura social, que identifica os grupos sociais aos quais as formas se vinculam.
- iv. O problema da avaliação, que estabelece como os membros de uma comunidade de fala percebem uma mudança, considerando avaliações negativas, estigma social e nível de consciência linguística, fatores que podem afetar o processo de mudança.
- v. O problema da implementação, que analisa por que a mudança ocorreu em determinada época e lugar, identificando suas causas e a estrutura social e linguística que a originaram, bem como seu processo de difusão e a resistência que enfrenta.

Embora esses problemas componham um modelo integrado, as pesquisas empíricas tendem a privilegiar determinados aspectos em função do fenômeno analisado. Deste modo, ao longo dos anos, várias pesquisas têm se dedicado à descrição de fenômenos variáveis do português brasileiro em diferentes níveis da língua, como a fonologia, a sintaxe e a morfologia. A Sociolinguística Variacionista conquista um espaço importante na área da linguagem, pois sua abordagem teórico-metodológica, mesmo com desafios, contribui para a solução dos problemas elencados anteriormente, como os do encaixamento, da avaliação e da implementação (Freitag, 2015, p. 29).

Freire (2016), por exemplo, investigou o problema da avaliação na comunidade de fala de Jacaraú/PB a partir da descrição da variação da lateral palatal e da lateral alveolar. Em Itabaiana/SE, Santiago (2017) analisou a avaliação sociolinguística de diferentes traços variáveis, incluindo a vocalização da lateral palatal, em atividades de leitura e nomeação de figuras. Menezes (2022), ao estudar o uso de palavrões em uma obra literária de Itabaiana/SE, evidenciou o estigma social associado a determinadas formas lexicais, contribuindo para a discussão dos problemas da avaliação, do encaixamento e da implementação.

Estudos como os de Silva (2021), sobre as realizações palatais de /t/ e /d/, e de Pinheiro et al. (2017), acerca da relação entre fala e leitura em fenômenos fonológicos do português

brasileiro, contribuem para o entendimento do problema do encaixamento linguístico no português brasileiro ao mostrar que a variação e a mudança não ocorrem de forma aleatória, mas são condicionadas por fatores linguísticos e sociodemográficos que atuam de forma não consciente.

À luz desse arcabouço teórico, a presente pesquisa se insere no campo da Sociolinguística Variacionista, privilegiando o problema do encaixamento, conforme formulado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e retomado por Labov (2008[1972]). Nesse sentido, a busca por fundamentos empíricos para a teoria da variação e da mudança linguística coloca em evidência o problema do encaixamento, uma vez que as mudanças linguísticas não ocorrem de forma isolada, mas se articulam como encaixadas na matriz de outras mudanças no próprio sistema da língua e, simultaneamente, com a organização social, estabelecendo relações entre processos linguísticos e transformações sociais mais amplas.

Tomando como exemplo a variação da lateral palatal, o problema do encaixamento manifesta-se na relação entre a realização das variantes e fatores sociodemográficos como a escolaridade, frequentemente discutida na literatura como uma variável associada a maior ocorrência de formas consideradas padrão, como [ʎ] e [lʲ]. Ao focalizarmos um grupo de falantes universitários, nossa pesquisa realiza um recorte específico da estrutura social, buscando compreender como a variação da lateral palatal se organiza internamente no sistema linguístico dos informantes e de que modo se correlaciona a aspectos sociais, evidenciando quais fatores contribuem para o encaixamento das realizações não padrão da lateral palatal [y], [l] e [ø] no vernáculo dos estudantes universitários.

Para isso, buscamos verificar se os efeitos de fatores linguísticos e sociodemográficos sobre a variação da lateral palatal, descritos em outras regiões do país, também se manifestam entre os estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe. Assim, partimos da premissa da sociolinguística para tratarmos a realização não padrão da lateral palatal como um fenômeno que não ocorre de forma aleatória, mas se distribui de maneira sistemática no sistema linguístico e na estrutura social dos falantes, sendo condicionada por fatores linguísticos e sociodemográficos.

3 DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DA VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL

Esta seção tem como objetivo descrever, do ponto de vista fonético e fonológico, o comportamento variável da lateral palatal no português brasileiro. A discussão se inicia com a caracterização fonética articulatória da lateral palatal [ʎ], bem como as de suas variantes: a palatalização [j], a vocalização [y], a lateral alveolar/dental [l] e o zero fonético [Ø]. Cada uma dessas realizações é descrita com base em suas propriedades articulatórias, conforme Cagliari (1974) e Cristófaró Silva (2024), autora que retoma e sistematiza descrições fonético-fonológicas propostas por Camara Jr. (2015[1970]). Em seguida, abordamos a perspectiva fonêmica da lateral palatal, destacando a ausência de pares mínimos entre as suas variantes, o que a classifica como uma unidade fonologicamente não distintiva em determinados contextos.

3.1 A lateral palatal [ʎ] e suas formas variáveis

A lateral palatal [ʎ] corresponde ortograficamente ao dígrafo "lh" no português brasileiro e ocorre em posição intervocálica, como na palavra *palha*, transcrita foneticamente como [ˈpaʎə] (Cristófaró Silva, 2024, p. 64). Contudo, esse segmento também pode ocorrer em palavras grafadas com *li* seguida de vogal, como em *família*, que é passível de ser realizada como *familha*, ocorrência que, em alguns casos, é transposta até mesmo para a escrita, conforme exemplificado na Figura 3.

Figura 3 - Imagem com a palavra família escrita com lh

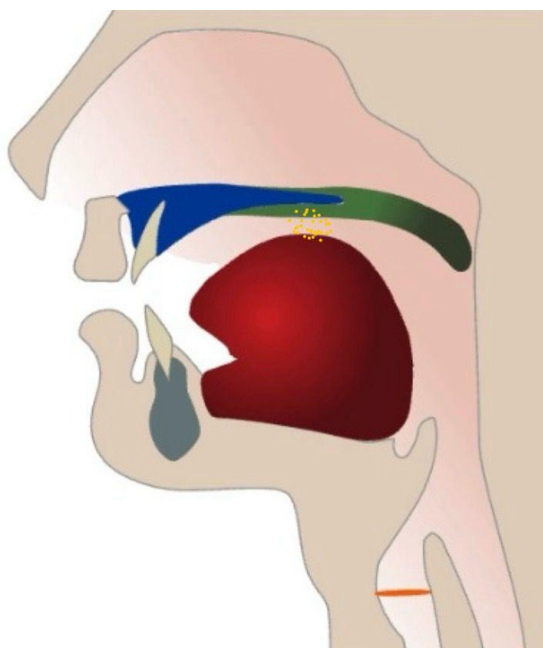


Fonte: <https://br.freepik.com/fotos/familha>

Camara Jr. (2015[1970], p. 49-50) caracteriza a articulação da lateral palatal como uma consoante lingual, em que intervém a articulação da língua em sua produção, pois “o médio-dorso central da língua se estende no médio-palato” e nesse movimento, os lados da língua encontram-se simultaneamente caídos.

Complementado essa descrição, Cristóvão Silva (2024) detalha que esse som é caracterizado por três propriedades articulatórias simultâneas: lateral, palatal e vozeado. O traço lateral refere-se ao modo de articulação, em que a passagem de ar é bloqueada na parte central da cavidade oral e direcionada para as laterais da língua. Já o traço palatal diz respeito ao ponto de articulação, pois a porção média da língua faz contato com a região posterior do palato duro (Figura 4). Por fim, o traço vozeado indica que há vibração das pregas vocais durante a produção do som.

Figura 4 - Articulação ilustrativa do fonema lateral palatal



Fonte: adaptado do site fonologia.org.

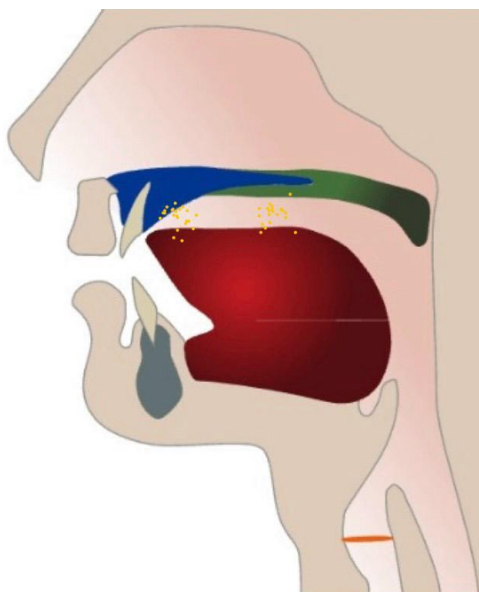
A lateral palatal pode ser realizada dos seguintes modos: palatalização, vocalização, despalatalização e zero fonético. Nos próximos subtópicos, trataremos de cada um deles separadamente.

3.1.1 A palatalização [ʎ]

A palatalização ocorre quando uma consoante lateral alveolar (ou dental) é produzida com uma palatalização como característica articulatória secundária. Conforme

explica Cristófaró Silva (2024), a ponta da língua é levantada em direção aos alvéolos ou aos dentes incisivos superiores, como na articulação da lateral em *bala*. Simultaneamente, a região medial da língua se eleva em direção ao palato duro (Figura 5). O resultado é uma consoante lateral alveolar palatalizada, representada por [lʲ]. A palavra *palha*, por exemplo, para representar essa realização seria transcrita como [ˈpalʲə].

Figura 5 - Articulação ilustrativa da palatalização



Fonte: adaptado do site fonologia.org.

Segundo a autora, essa palatalização acontece quando a consoante antecede as vogais anteriores /i/, /e/, /ɛ/, sejam elas nasais ou orais. A articulação é feita pelo levantamento da língua em direção à parte posterior do palato duro, numa posição mais anterior na cavidade bucal em comparação com outros sons consonantais (Cristófaró Silva, 2024).

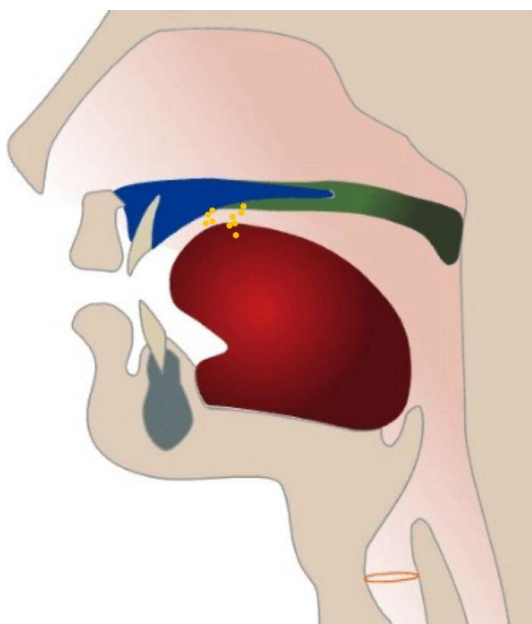
Cagliari (1974) explica que a forma palatalizada muitas vezes passa despercebida pelos falantes por não ter um valor fonológico claro. Isso se deve ao fato de que as palatais são mais longas e prolongadas que outras consoantes, dando a impressão de que são seguidas pelo som [j]. Assim, com o enfraquecimento articulatorio, alguns falantes deixam de realizar a palatal e a pronunciam como uma consoante palatalizada.

Passemos, agora, à vocalização.

3.1.2 A vocalização [y]

A vocalização ocorre quando a lateral palatal deixa de ser realizada como consoante e passa a ser representada por um som de qualidade vocálica próxima a “i”, ocupando posição consonantal (Figura 6). Tal realização pode ser transcrita como [y], resultando, por exemplo, na forma ['payə] para a palavra *palha* (Cristófaros-Silva, 2024).

Figura 6 - Articulação ilustrativa da vocalização



Fonte: adaptado do site fonologia.org.

Segundo Cagliari (1974, p. 114), esse fenômeno corresponde a um processo de assimilação, em que duas consoantes se fundem: mantém-se o modo de articulação da oclusiva, mas com o ponto articulatorio da constritiva, configurando o que se denomina iode ou vocalização. Nessa perspectiva, a lateral palatal, caracterizada por um som firme e enérgico, tende a sofrer enfraquecimento articulatorio, abrindo espaço para novas realizações.

Passemos, agora, à alveolar/dental.

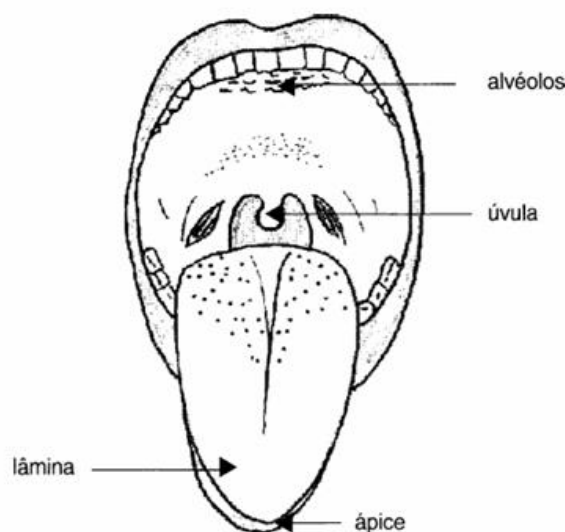
3.1.3 A alveolar/dental [l]

Outra realização possível da lateral palatal [ʎ] é sua substituição pela lateral alveolar/dental [l], o que implica a perda do traço palatal. Do ponto de vista articulatorio, Camara Jr. (2015[1970], p. 49-50) explica que, assim como a lateral palatal, a lateral

alveolar/dental é articulada com a intervenção da língua, cuja ponta estabelece contato com os dentes superiores permitindo a passagem do ar pelas laterais.

Complementando essa descrição, Cristófaró Silva (2024, p. 32) explica que a lateral alveolar/dental possui como articulador ativo o ápice ou lâmina da língua e como articulador passivo os dentes incisivos superiores ou os alvéolos (Figura 7). Esse fenômeno pode ser observado em produções como [mu'le], para a palavra *mulher*, cuja articulação pode variar entre alveolar e dental, a depender do idioleto do falante.

Figura 7 – Ilustração da localização dos alvéolos, ápice e lâmina da língua



Fonte: Cristófaró Silva (2003[1998], p. 31)

Pesquisas sobre a variação da lateral no português brasileiro têm registrado ocorrências dessa forma em diferentes comunidades de fala (Pinheiro, 2009; Freire, 2011; Ferreira, 2011; Santos, 2018; Santos *et al.*, 2021), indicando que se trata de uma realização recorrente no quadro variável do fenômeno.

Passemos, agora, ao zero fonético.

3.1.4 O zero fonético [Ø]

Por fim, alguns estudos registram casos de zero fonético da lateral palatal, ainda que com baixa frequência. Esse processo é caracterizado pela eliminação completa do segmento [ʎ], sem que haja substituição por outra consoante lateral, como [l], ou pela semivogal [y] (Ferreira, 2011).

De acordo com Soares (2008), esse apagamento pode ser compreendido como resultado de uma reestruturação silábica no português brasileiro: a configuração canônica consoante-vogal (CV) sofre simplificação, reduzindo-se a uma estrutura apenas vocálica (V). Assim, palavras como *abelha* podem ser realizadas como [a'beØə].

3.2 A variação da lateral palatal sob o ponto de vista fonológico

Na perspectiva fonêmica, um dos objetivos da análise é identificar quais sons de uma língua possuem valor distintivo. Segundo Cristófar-Silva (2024), quando sons se opõem, como em *vaca* e *faca*, eles são considerados unidades fonêmicas distintas, denominadas fonemas. O método tradicional para identificar um fonema consiste em buscar duas palavras de significados diferentes que apresentem uma cadeia sonora idêntica em todos os segmentos, exceto no som investigado. Essas duas palavras formam o que se denomina par mínimo. A autora afirma ainda que os exemplos *vaca* e *faca* constituem um par mínimo, demonstrando que /v/ e /f/ são fonemas distintos devido à oposição fonêmica que estabelecem. A determinação de fonemas, portanto, é realizada pela identificação de pares mínimos para um determinado grupo de segmentos.

Essa abordagem fonêmica revela um comportamento particular na variação da lateral palatal: os pares de sons /ʎ/ /y/ e /li/ /y/ não possuem pares mínimos, o que leva à alofonia da lateral palatal. Isso significa que a utilização de qualquer uma das variantes /ʎ/, /li/ ou /y/ não altera o significado da palavra. Por exemplo, a alternância entre *trabaia* e *trabalha* não causa mudança de sentido, e é possível encontrar falantes que fazem uso de mais de uma dessas variantes.

De acordo com Câmara Jr. (2015[1970]), esse comportamento fonêmico pode ser explicado, em parte, pelo contexto fonético. O autor defende que as consoantes intervocálicas no português tendem a apresentar uma articulação mais enfraquecida, funcionando como alofones posicionais. Ele observa que certos sons, como o /r/ brando e as consoantes palatais /ʎ/ e /j/, ocorrem apenas nesse contexto, como nos exemplos *aro*, *alho* e *anho*. Em posição não intervocálica, ocorre a neutralização de oposições. Casos de /ʎ/ e /j/ em posição inicial são raros e restritos a vocábulos de origem estrangeira, como *lhama*³ e *nhata*⁴.

³ De acordo com Ferreira (2005, p. 543), *lhama* significa “mamífero domesticado da América do Sul, de pelagem longa e lanosa; lama”. Neste mesmo dicionário e página encontramos a palavra *lhano* que significa “1. Franco, sincero. 2. Simples, desprezioso. 3. Afável, amável” (Ferreira, 2005, p. 543).

⁴ A palavra *nhata* significa “que tem proeminente a maxilla inferior” (Nhata, 2026).

Complementando essa discussão, Cagliari (1974) explica que as alterações nas palatais e palatalizadas são resultado do enfraquecimento de suas distinções fonêmicas, um processo que pode ser condicionado por fatores externos à língua. A vocalização, por exemplo, em que /ʎ/ é realizado como /y/, neutraliza o contraste entre os dois segmentos, como em *filha* ~ *fia* e *telha* ~ *teia*. Cagliari (1974) ressalta que, enquanto as formas com a palatal mantêm prestígio social, as variantes reduzidas tendem a ser estigmatizadas. Esse enfraquecimento também evidencia a perda de saliência distintiva da lateral palatal, que pode evoluir para uma forma palatalizada intermediária, como em *traba/li/a* “trabalia”, que muitas vezes não é reconhecida pelos falantes por não ter um estatuto fonêmico claro.

Considerando todas essas características, a variação da lateral palatal é classificada por Cristófar-Silva (2024) como variação livre, quando dois ou mais segmentos “ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado” (Cristófar Silva, 2024, p. 133). Ou seja, seu comportamento pode ser caracterizado de duas formas: (i) pela presença de um único alofone (ou variante), que pode ser /ʎ/, /li/ ou /y/; ou (ii) pela coexistência dos três alofones em variação livre.

Entretanto, do ponto de vista sociolinguístico essa variação é condicionada por fatores sociodemográficos, como classe econômica, faixa etária, gênero, grau de escolaridade, entre outros, pois conforme Labov (2008[1972], p. 21) as pressões sociais sobre a língua operam continuamente, não a partir de pontos remotos no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

4 PANORAMA DA VARIAÇÃO DA LATERAL PALATAL

Neste capítulo, apresentamos um panorama sobre a variação da lateral palatal no português brasileiro, tendo como referência metodológica o estudo de Souza (2022), cuja estrutura foi adotada como modelo replicável de sistematização. Com o objetivo de garantir a reprodutibilidade da presente revisão, procedemos à sistematização dos resultados de estudos já desenvolvidos sobre o fenômeno em diferentes regiões do país, com os seguintes propósitos: i) identificar quais são as variantes envolvidas na realização da lateral palatal no português brasileiro; e ii) verificar quais fatores linguísticos e sociodemográficos têm sido apontados na literatura como condicionadores dessa variação.

Como método de construção do panorama, foram considerados exclusivamente os trabalhos baseados em dados de fala. Inicialmente, realizou-se uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando como palavra-chave o termo “variação da lateral palatal”. Essa busca retornou 20 resultados, dos quais, após leitura criteriosa dos resumos, sete trabalhos foram selecionados para leitura completa por estarem disponíveis integralmente e por se relacionarem diretamente ao tema da pesquisa.

Em seguida, foi realizada uma segunda busca por meio do software *Publish or Perish* (Harzing, 2007), tendo como base o filtro Google Scholar, por se tratar da plataforma de maior abrangência, conforme argumenta Souza (2022). Após a realização de testes com diferentes combinações de palavras-chave, tais como “*lateral palatal and palatalização and vocalização and despalatalização*”, “*lateral palatal and variação and vocalização*”, “*lateral palatal*” AND “*vocalização*” AND “*variação fonológica*”, e “*lateral palatal; variação; fonética; fonologia*”, bem como após enfrentar algumas instabilidades técnicas no sistema, concluímos que a combinação que apresentou maior número de resultados pertinentes ao fenômeno em análise foi “*variação linguística*” and “*lateral palatal*”. As demais combinações geraram, em sua maioria, resultados alheios ao escopo da Sociolinguística.

A primeira busca foi delimitada a 200 trabalhos, mas, diante da possibilidade de exclusão de alguns estudos que pudessem contribuir com a pesquisa, o número foi ampliado para 500. Os critérios de exclusão adotados foram:

- i) trabalhos que abordavam outros fenômenos de variação linguística;
- ii) estudos sobre a variação da lateral palatal em línguas distintas do

- português brasileiro;
- iii) textos duplicados;
 - iv) trabalhos já identificados na busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes;
 - v) pesquisas sem transparência metodológica quanto à quantidade de participantes, local de coleta, roteiro e duração da entrevista;
 - vi) estudos com apenas dados de escrita.

Após a aplicação desses critérios, foram selecionados 13 estudos adicionais, que, somados aos sete trabalhos obtidos no Catálogo, totalizam 20 pesquisas consideradas neste panorama. As principais características desses estudos, objeto de análise, amostra e variáveis controladas estão sistematizadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Características dos estudos incluídos no panorama da variação da lateral palatal

Autor (data)	Objeto de estudo	Amostra	Variáveis controladas
Madureira (1987)	Lateral palatal e vocalizada.	8 entrevistas sociolinguísticas, exposição de gravuras e teste de percepção linguística.	Variáveis sociodemográficas: escolaridade, sexo, idade e estilo da fala. Variáveis linguísticas: item lexical, contexto anterior, contexto posterior, tonicidade.
Castro (2006)	Lateral palatal e vocalizada.	12 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade e grau de contato. Variáveis linguísticas: classe gramatical, contexto anterior, contexto posterior e tonicidade.
Brandão (2007)	Lateral palatal, palatalizada, despalatalizada, vocalizada e zero fonético.	78 inquéritos.	Variáveis sociodemográficas: área geográfica e idade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, classe gramatical, tonicidade e presença da nasal palatal.
Oliveira e Mota (2007)	Lateral palatal, despalatalizada, vocalizada e apagamento.	Questionário 2001 do Atlas Linguístico do Brasil.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade e escolaridade.

Pinheiro (2009)	Lateral palatal, despalatalizada, vocalizada e apagamento.	24 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: escolaridade, sexo, idade e classe social. Variáveis linguísticas: item lexical, tamanho da palavra, contexto anterior, contexto posterior e tonicidade.
Chaves e Melo (2009)	Lateral palatal, despalatalizada e vocalizada.	72 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade, escolaridade e tonicidade.
Soares (2009)	Palatalizada, despalatalizada seguida de semivogal, vocalizada.	144 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade, escolaridade e origem geográfica.
Aguilera (2009)	Lateral palatal, despalatalizada e vocalizada.	Questionário fonético-fonológico com 200 informantes do Atlas Linguístico do Brasil.	Variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária e escolaridade.
Ferreira (2011)	Despalatalizada, vocalizada e apagamento.	288 entrevistas do Projeto VARSUL.	Variáveis sociodemográficas: escolaridade, sexo, localidade, idade. Variáveis linguísticas: classe morfológica, tamanho da palavra, gênero da palavra, contexto anterior, contexto posterior, tonicidade e frequência do item lexical .
Freire (2011)	Lateral palatal, despalatalizada, vocalizada e zero fonético.	36 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária, escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade, classe gramatical e número de sílabas.

Santos (2012)	Lateral palatal e vocalizada.	24 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade, escolaridade. Variáveis linguísticas: nome próprio e comum, item lexical, contexto anterior, contexto posterior e tonicidade.
Silva e Carvalho (2014)	Lateral palatal e despalatalizada.	37 itens lexicais estratificados de 12 informantes e três módulos de perguntas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade, escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior e contexto posterior.
Freire (2016)	Lateral palatal, despalatalizada, vocalizada e zero fonético.	36 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária e escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade, classe gramatical, número de sílabas, contextos e estilos.
Santos (2018)	Lateral palatal, despalatalizada e vocalizada.	144 entrevistas do Projeto Portal	Variáveis sociodemográficas: escolaridade, sexo, idade, cidade. Variáveis linguísticas: contexto precedente, contexto posterior, tonicidade, tamanho da palavra, indivíduo, item lexical, frequência do item.
Plaza (2019)	Lateral palatal e vocalizada.	30 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária, classe social, região, escolaridade, ascendência, opinião sobre o sotaque
Santos et al. (2021)	Lateral palatal e despalatalizada.	128 áudios do Projeto Portal	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade, escolaridade e região. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, número de sílabas, classe gramatical e tonicidade.

Hora e Schwindt (2022)	Zero fonético e lateral palatal.	24 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade e escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade e número de sílabas, classe gramatical, afiliação morfológica, categoria morfológica da vogal final, número e frequência.
Lima (2024)	Lateral palatal, vocalizada e apagamento.	12 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, idade e escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, classe gramatical, tamanho da palavra, item lexical e tonicidade.
Freire (2024)	Lateral palatal, despalatalizada, vocalizada e zero fonético.	24 entrevistas sociolinguísticas.	Variáveis sociodemográficas: sexo, faixa etária e escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, número de sílabas, tonicidade e classe gramatical.
Muller (2025)	Lateral palatal e vocalizada.	32 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados Iboruna.	Variáveis sociodemográficas: sexo/gênero, faixa etária, e escolaridade. Variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior e tonicidade.

Fonte: Elaboração própria.

Diante da diversidade comportamental das variáveis analisadas nos estudos consultados, optamos por apresentar os resultados individualmente. Essa abordagem permite detalhar o comportamento da variação da lateral palatal em cada região, bem como as variáveis linguísticas e sociodemográficas que influenciaram o fenômeno em cada *corpus*. Embora a organização por variante tenha sido inicialmente considerada, concluímos que tal estrutura comprometeria a fluidez analítica e poderia resultar na omissão ou repetição de informações.

Dessa forma, adotamos o modelo clássico de apresentação, descrevendo, para cada estudo, a localização, a quantidade de dados e informantes, o tipo de metodologia adotada (entrevista, leitura ou nomeação de figuras) e os principais resultados que serão

discutidos nas próximas subseções.

4.1 A variação da lateral palatal nas regiões do Brasil

Nesta subseção descrevemos os resultados das pesquisas anteriores sobre a variação da lateral no português brasileiro. O método de apresentação adotado organiza os estudos por regiões, com base nas pesquisas identificadas por meio procedimento metodológico descrito na seção anterior.

Assim, na região Sudeste localizamos as pesquisas de Madureira (1987), Castro (2006), Brandão (2007), Pinheiro (2009), Santos (2012), Silva e Carvalho (2014), Plaza (2019) e Muller (2025). Na região Sul, foi identificada a pesquisa de Ferreira (2011). Na região Centro-Oeste, localizamos a pesquisa de Lima (2024). Na região Norte, as pesquisas de Soares (2009) e Chaves e Melo (2009). Por fim, na região Nordeste, localizamos os estudos de Oliveira e Mota (2007), Aguilera (2009), Freire (2011), Freire (2016), Santos (2018), Santos *et al.* (2021), Hora e Schwindt (2022) e Freire (2024). Essas pesquisas serão descritas a seguir, de acordo com a organização regional apresentada.

4.1.1 Sudeste

A pesquisa de Madureira (1987) investigou a variação da lateral palatal em Belo Horizonte/MG, com um total de 734 dados extraídos de oito entrevistas. O estudo controlou as variantes lateral palatal e vocalização, as variáveis sociodemográficas sexo, faixa etária, escolaridade, estilo de fala e grupo socioeconômico e as variáveis linguísticas item lexical, contextos precedente e seguinte, e tonicidade.

Os resultados demonstraram que a realização de [ʎ] foi predominante, com 631 ocorrências dos dados totais (86%), enquanto a vocalização foi realizada em 103 casos (14%). A análise estatística indicou que a ocorrência da vocalização foi favorecida por falantes do sexo masculino, por participantes de grupo socioeconômico menos favorecido (27% de uso) e pelo contexto fonológico precedente com a vogal [a], que correspondeu a 26% dos contextos de vocalização. Esse resultado, no entanto, foi associado pela autora à alta frequência do item lexical “trabalhar”, que registrou 27% de sua frequência total na forma vocalizada, “trabaia”. Por outro lado, a realização de [ʎ] foi favorecida por informantes do sexo feminino e de grupo social mais favorecido, e pelas vogais [e], [u] e [i] em contexto anterior e pelas vogais [i], [ɛ], [e], [u] e [ɔ].

O estudo ressalta o comportamento divergente dos itens lexicais “filho” e “mulher”, que, apesar de serem palavras frequentes, registraram poucas vocalizações, com o item “mulher” apresentando apenas 1,8% de ocorrências vocalizadas. Ao final de seu estudo, Madureira (1987) discute brevemente os estilos de fala, embora a variável não tenha apresentado diferenças estatisticamente significativas. A autora observa que a primeira entrevista, considerada mais informal, demonstrou um discreto favorecimento à vocalização. Madureira levanta a hipótese de que esse resultado pode ter sido influenciado por seus próprios procedimentos metodológicos, já que a aplicação de testes de percepção e de nomeação de figuras entre a primeira e a segunda entrevista pode ter levado os informantes a uma maior vigilância linguística, o que reduziu a ocorrência de vocalização.

Castro (2006) analisou a variação do fonema [ʎ] no português falado por uma comunidade afrodescendente de Matição, localizada em Jaboticatubas/MG. A pesquisa baseou-se em 12 entrevistas, com um total de 230 dados, e focou nas variantes lateral palatal [ʎ] e vocalização [y]. Os resultados revelaram que a vocalização foi a variante majoritária, com 60% (139 ocorrências), enquanto a realização de [ʎ] ocorreu em 40% (91 ocorrências).

As variáveis que se mostraram estatisticamente significativas para a variação foram contexto fonológico precedente, classe morfológica e faixa etária. A vogal precedente [a] foi a mais favorecedora da realização de [ʎ] (PR = 0,90), seguida pela vogal [i] (PR = 0,82). Em contrapartida, as vogais [o] (91%) e [ε] (89%) foram os contextos mais favorecedores da vocalização. No que se refere à classe morfológica, os adjetivos (PR = 0,82) favoreceram a realização, enquanto os verbos favoreceram a vocalização, com 70% das ocorrências nesta classe gramatical.

A análise sociodemográfica destacou o papel da faixa etária, mostrando que os falantes mais jovens (25–45 anos) favoreceram a realização de [ʎ] (82%), enquanto os mais idosos (66 anos ou mais) favoreceram a vocalização com uma taxa de 97%. Embora o item lexical não tenha sido incluído na análise estatística, a autora observou que palavras como “filho” (100%) e “trabalho” (95%) apresentaram percentuais relevantes de realização da lateral palatal.

O estudo de Brandão (2007) investigou a variação da lateral palatal em 13 comunidades nas regiões Norte e Noroeste do estado do Rio de Janeiro, com 78 informantes do sexo masculino. A pesquisa, baseada em 3.501 dados, controlou as variáveis sociodemográficas área geográfica e faixa etária, e as variáveis linguísticas

contexto fonológico precedente e seguinte, classe gramatical e tonicidade.

Apesar do baixo nível de escolaridade dos participantes, a variante [ʎ] apresentou o maior índice de realização, com 72% (2.514 ocorrências), o que contraria a expectativa de que a região fosse tendente à vocalização. A pesquisa também analisou as variantes [lʲ], [j] e [l]. No plano linguístico, a variante [lʲ] foi condicionada pela vogal [+alta] no contexto precedente (PR = 0,62), e a tonicidade mostrou-se relevante, com maior incidência em sílabas postônicas (PR = 0,64). A variante [j] foi favorecida por vogais [+abertas] (PR = 0,62) e sílabas postônicas (PR = 0,55). Já a variante [l] teve maior incidência quando precedida por vogal [+coronal] (PR = 0,98).

No plano sociodemográfico, as variantes [lʲ] e [j] apresentaram correlação significativa com a área geográfica: [lʲ] foi mais frequente em áreas litorâneas (PR = 0,62), enquanto [j] teve maior incidência em áreas interioranas (PR = 0,72). A faixa etária também foi relevante, com [j] sendo favorecida por falantes mais velhos (PR = 0,64). Um ponto de fragilidade do estudo é que o recorte da amostra, composta apenas por homens e com baixo nível de escolaridade, limita a observação de possíveis interações com o sexo feminino e com outros níveis de escolaridade. Além disso, a autora destaca a ausência de análise do item lexical, um fator recorrente e relevante em outras investigações sobre o fenômeno.

Pinheiro (2009), em Belo Horizonte/MG, analisou a variação da lateral palatal a partir de 24 entrevistas, totalizando 1.624 ocorrências. As variantes foram categorizadas da seguinte forma: lateral palatal (e lateral seguida de semivogal) com 70,6% (1.147 ocorrências); lateral alveolar [l] com 5,8% (95 ocorrências); vocalização [y] com 21,9% (355 ocorrências); e zero fonético [ø] com 1,7% (27 ocorrências).

O estudo controlou variáveis sociodemográficas como gênero (feminino e masculino), faixa etária (19–25 anos, 31–41 anos, 47–59 anos), escolaridade (fundamental completo/incompleto, médio completo/incompleto, superior completo/incompleto) e grupo social (baixo: informantes com ocupações de menor exigência de qualificação e rendimento médio/baixo; alto: informantes com ocupações mais especializadas e rendimento médio/alto), além de variáveis linguísticas, como contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade da sílaba, item lexical e “especialização semântica”. Na análise das variáveis sociodemográficas, Pinheiro (2009) optou por excluir a variante zero fonético devido ao número reduzido de ocorrências no *corpus*. A variante [l] demonstrou um comportamento estável, não sendo influenciada

pelas variáveis sociais. Assim, a análise principal do estudo focou na variante [ɫ] em relação a [y]. Nos resultados referentes à variável sexo, [y] foi levemente favorecida por falantes do sexo masculino (PR = 0,58) e por falantes de grupo social de menor prestígio (PR = 0,68). Na variável escolaridade os informantes com nível superior favoreceram a variante padrão em 91,6% das 191 ocorrências realizadas por esse grupo, enquanto os menos escolarizados favoreceram a vocalização em 43,2% de 690 ocorrências registradas nesse nível de escolaridade.

Nos resultados referentes às variáveis linguísticas, o contexto precedente foi agrupado por traços distintivos. Cada variante não padrão foi analisada em relação a [ɫ], uma vez que cada uma delas apresentou comportamento fonético/fonológico diferenciado. Na relação entre [ɫ] e [y], observou-se que as vogais médias-altas (PR = 0,64) e médias-baixas (PR = 0,60) foram estatisticamente significativas para a realização de [ɫ], enquanto as vogais altas favoreceram [y] (PR = 0,63). Na relação entre [ɪ] e a [ɫ] as vogais centrais favoreceram [ɫ] (PR = 0,75), ao passo que as vogais posteriores foram estatisticamente significativas para [ɪ] (PR = 0,75). Quanto ao arredondamento dos lábios, as vogais [-arredondadas] favoreceram [ɫ] (PR = 0,73), e as [+arredondadas] foram estatisticamente significativas para [ɪ] (PR = 0,87). Em relação à altura da língua, as vogais altas (PR = 0,76) e médias-altas (PR = 0,73) favoreceram [ɪ], enquanto as vogais média-baixas (PR = 0,90) e baixas (PR = 0,66) favoreceram [ɫ].

Na variável contexto seguinte, seguindo o mesmo padrão de análise, variantes não padrão em relação a [ɫ] e os traços distintivos, as vogais frontais (PR = 0,76) mostraram-se estatisticamente significativas para [y] e as centrais (PR = 0,60) favoreceram [ɫ]. As vogais médias-altas (PR = 0,69) e baixas (PR = 0,60) favoreceram [ɫ], ao passo que as altas (PR = 0,60) e médias-baixas (PR = 0,66) foram estatisticamente significativas para [y]. Na relação entre [ɫ] e [ɪ] as vogais centrais (PR= 0,85) favoreceram [ɫ], enquanto as vogais frontais (PR= 0,99) foram estatisticamente significativas para [ɪ]. As vogais baixas (PR= 0,91) favoreceram [ɫ], em detrimento das vogais médias-altas (PR= 0,92), médias-baixas (0,94) e altas (0,67) que favoreceram [ɪ].

Na variável tonicidade, seguindo a análise das variantes não padrão em relação a [ɫ], o comportamento variável demonstrou que as sílabas pretônicas (PR= 0,61) favoreceram [ɫ] em detrimento de [y], para o qual nenhuma das posições apresentou significância significativa. Na relação [ɫ] e [ɪ], apenas as tônicas (PR= 0,80) foram estatisticamente significativas para [ɪ].

A pesquisa observou uma discrepância em relação aos resultados de Madureira (1987) quanto ao item lexical “trabalhar”: enquanto naquele estudo o item registrou 27% de vocalização, no estudo de Pinheiro (2009) a taxa foi de 16%. Essa diferença temporal, de aproximadamente 20 anos entre os estudos, pode estar relacionada a um possível aumento da autocorreção.

O estudo de Santos (2012) investigou a variação da lateral palatal no município de Papagaios/MG, com base em 24 informantes. O *corpus* analisado totalizou 1.328 ocorrências, das quais 80,3% (1.066 ocorrências) corresponderam à realização da lateral palatal e 19,7% (262 ocorrências) foram classificadas como vocalizações.

A pesquisa controlou variáveis sociodemográficas como idade, sexo e escolaridade, e linguísticas como contextos fonológicos precedente e seguinte, tonicidade, item lexical, frequência de uso e estilo. Entre as variáveis sociodemográficas, a escolaridade revelou-se a mais significativa: o ensino fundamental favoreceu a variante vocalizada (peso relativo - PR = 0,66), enquanto o nível superior a desfavoreceu (PR = 0,30). Esse achado reforça a correlação entre maior escolarização e a preferência por variantes de prestígio social, como observado em Pinheiro (2009). No entanto, um ponto de divergência em relação a outros estudos é que a variável sexo não apresentou significância estatística na amostra, contrariando a tendência de que o gênero seja relevante para a variação.

No plano linguístico, as vogais seguintes [+alta] (PR = 0,75) e [-arredondada] (PR = 0,60) foram significativas para o favorecimento da vocalização. A análise do item lexical indicou que as palavras “filho”, “mulher” e “filha” apresentaram maior propensão à vocalização.

Silva e Carvalho (2014), realizaram em Teresina/RJ uma pesquisa sobre a variação da lateral palatal com 12 informantes do sexo masculino e feminino, com idades entre 29, 49 e mais de 50 anos e nível de escolaridade variando entre analfabeto, fundamental e médio. A pesquisa baseou-se em 37 itens lexicais contendo “lh”, 21 dados extraídos de um questionário de leitura com os informantes alfabetizados e 16 dados com lista de figuras para os informantes analfabetos. Como aplicação da regra variável, a pesquisa focou na variante despalatalização.

Os resultados revelaram que o sexo masculino apresentou maiores índices de despalatalização (PR = 0,65), e a escolaridade, com participantes analfabetos registrando o maior peso relativo (PR = 0,89) para a despalatalização. No plano linguístico, as vogais

anteriores [e] e [i] foram as que mais favoreceram a despalatalização (PR = 0,80), e os vocábulos com mais de duas sílabas (PR = 0,59).

O estudo de Silva e Carvalho (2014) se complementa e contrasta com a pesquisa de Brandão (2007), que também foi realizada no Rio de Janeiro. Enquanto Brandão (2007) analisou um *corpus* mais amplo, com 78 informantes, sua amostra era restrita a homens com baixa escolaridade, o que limita a generalização dos resultados. Por outro lado, a amostra de Silva e Carvalho (2014), embora menor, era mais diversificada, incluindo ambos os sexos e diferentes níveis de escolaridade.

Ambos os estudos, no entanto, confirmam a influência de fatores sociais na variação. Brandão (2007) identificou que as variantes vocalização e despalatalização estavam associadas a padrões socialmente marcados, enquanto Silva e Carvalho (2014) concluíram que a despalatalização é um fenômeno de variação social, condicionado por sexo e escolaridade.

A pesquisa de Plaza (2019) descreveu o dialeto de Itatiba/SP com base em 30 entrevistas, com foco na variação da lateral palatal. Foram analisadas duas variantes: a lateral palatal e a vocalização. O estudo controlou variáveis sociodemográficas como escolaridade, faixa etária, sexo, classe social e localidade, mas não incluiu variáveis linguísticas.

Os resultados apontaram uma predominância da lateral palatal, com 86% (953 ocorrências) de um total de 1.107 dados, enquanto a vocalização foi registrada em 14% (154 casos). A pesquisa também destaca que não houve ocorrência da variante lateral alveolar [l] na amostra. A análise estatística mostrou que a classe social não teve diferença significativa, mas as variáveis faixa etária, escolaridade e localidade foram relevantes. Os informantes com mais de 65 anos foram os que mais favoreceram a vocalização, com uma taxa de 33%. Já os falantes com menor escolaridade produziram a variante estigmatizada com uma taxa de 65% (94 ocorrências), enquanto os com nível superior não apresentaram nenhuma ocorrência da vocalização, sugerindo que a escolaridade funciona como um indicador de prestígio linguístico. A variável região também foi significativa, com os falantes de áreas rurais favorecendo mais a vocalização.

Os resultados de Plaza (2019) sugerem que, apesar de a vocalização ter feito parte do repertório da comunidade, ela tem apresentado indícios de retração. A principal limitação do estudo, reconhecida pela autora, é a ausência de variáveis linguísticas na análise. Por essa razão, a pesquisadora sugere que, com o controle de fatores como item

lexical, contexto fonológico e tonicidade, novas interpretações poderiam surgir.

Muller (2025) investigou a vocalização da lateral palatal no noroeste de São Paulo, a partir de 32 entrevistas do banco de dados Iboruna. A análise totalizou 1.427 ocorrências, das quais 11% (157 casos) corresponderam à vocalização. Foram controladas variáveis sociodemográficas (sexo, faixa etária e escolaridade) e linguísticas (tonicidade, contexto precedente e contexto seguinte).

No que se refere às variáveis sociodemográficas, a escolaridade foi um fator determinante. Os informantes com menor escolaridade foram responsáveis por 27,7% das vocalizações, com peso relativo (PR) de 0,961. Este achado converge com estudos anteriores, como os de Santos (2012) e Pinheiro (2009), e sugere uma maior atenção à fala por parte dos falantes mais escolarizados. A variável sexo também se mostrou relevante, com o grupo masculino concentrando 24% das ocorrências de vocalização. Além disso, a faixa etária entre 26 e 35 anos apresentou a maior propensão à vocalização (PR = 0,818).

Quanto às variáveis linguísticas, apenas o contexto precedente apresentou significância estatística. A presença de vogais médias-baixas anteriores ou posteriores (como em *velha* e *olha*) favoreceu a vocalização (PR = 0,740 e PR = 0,635, respectivamente). A vogal alta [i] (como em *filho*) também demonstrou influência positiva na realização da variante (PR = 0,606).

A pesquisa conclui que a vocalização da lateral palatal é um processo relativamente estável na variedade linguística do noroeste paulista, e a estigmatização social associada a ela persiste. No entanto, o estudo ressalta a importância de aprofundar a investigação sobre o comportamento dos itens lexicais, que não foram analisados, a fim de refinar a descrição linguística da região.

4.1.2 Sul

A pesquisa de Ferreira (2011) analisou a variação da lateral palatal na Região Sul do Brasil, a partir de 288 entrevistas do Projeto VARSUL (Variação Linguística do Sul do Brasil). O estudo concentrou-se em 1.171 ocorrências de despalatalização [l], vocalização [y] e apagamento [∅], excluindo as formas com realização da lateral palatal. A distribuição dos dados revelou uma predominância da vocalização, com 70,9% das ocorrências dos dados, seguida pela despalatalização, com 14,9%, e pelo apagamento, com 14,3%.

No que tange às variáveis linguísticas, o contexto anterior de vogal dorsal [a] favoreceu a vocalização com percentual de 85,3% do total de 421 ocorrências, as vogais [o] e [e] também favoreceram a vocalização nesse contexto em 71,3% e 70,6%. O contexto seguinte de vogal coronal [e] e [i] favoreceu a despalatalização (com 32,3% e 71%, respectivamente), já as vogais [a] e [o] favoreceram a vocalização em 83,2% e 70,7% em contexto seguinte. Na variável a vocalização teve maior incidência nos postônicos com percentual de 74,4% do total de 633 dados. Na classe morfológica a vocalização foi favorecida pelos verbos, em 79,6% de 736 ocorrências verbais, esse resultado se alinha aos de Castro (2006), e as 35 ocorrências do pronome “lhe” favoreceram a despalatalização em 100% das ocorrências. A variável frequência demonstrou que o uso recorrente de certas palavras contribui para a variação. Os dados classificados como de alta ocorrência, quando um mesmo vocábulo se repetiu mais de 35 vezes, teve maior ocorrência com 773, desses 581 favoreceram a vocalização.

Quanto aos fatores sociodemográficos, a pesquisa de Ferreira (2011) corroborou tendências observadas em outros estudos: as variantes despalatalização, apagamento e zero fonético apresentaram maior incidência entre os informantes do sexo masculino. A escolaridade também foi significativa, pois participantes com ensino primário favoreceram a vocalização com 76,5% das ocorrências, enquanto a despalatalização teve maior incidência entre os informantes com nível mais alto de escolaridade (28,7%). A autora destaca o papel do item lexical, especialmente em vocábulos de alta frequência, como condicionador da variação.

4.1.3 Centro-Oeste

A dissertação de Lima (2024) investigou a variação do fonema [ʎ] na cidade de Goiás-GO, com base em doze entrevistas e um total de 950 ocorrências. A pesquisa considerou três variantes: [ʎ] (com 56,7%), vocalização [j] (31,4%) e apagamento [Ø] (11,9%). As variáveis controladas foram: contexto fonológico precedente e seguinte, tonicidade, sexo, idade e escolaridade.

Em relação aos fatores linguísticos, o contexto fonológico precedente mostrou que a manutenção de [ʎ] foi mais frequente com vogais dorsais (61,7%), coronais (54,6%) e labiais (52,6%), embora a vocalização também tenha ocorrido em um número significativo de casos com vogais dorsais (38,3%). No contexto seguinte, a manutenção de [ʎ] foi favorecida por vogais dorsais (46,9%) e labial (64,3%), enquanto a vocalização

teve maior incidência quando seguida por vogal dorsal (49,4%) e coronal (35,9%). A tonicidade também foi significativa, com o ambiente tônico respondendo por 230 das 542 ocorrências de vocalização.

A pesquisa também analisou o item lexical, revelando que "filho" (149 ocorrências) favoreceu [ʎ] em 41,6% e o apagamento em 58,3%, enquanto "trabalhar" (122 ocorrências) teve uma distribuição equilibrada entre [ʎ] e [j] (50% cada). Já "mulher" (116 ocorrências) teve predomínio da manutenção de [ʎ]. A classe gramatical e o tamanho da palavra também se mostraram relevantes. A manutenção de [ʎ] foi favorecida por advérbios (89,5%), adjetivos (52%), substantivos (55,6%) e verbos (54,2%). Por outro lado, a vocalização foi mais frequente nos adjetivos (45,7%) e verbos (43,5%). No plano sociodemográfico, apenas a faixa etária entre 31 e 53 anos apresentou significância estatística para a vocalização (p-valor = 0,020), indicando menor propensão à realização dessa variante em comparação ao grupo de 20 a 30 anos.

4.1.4 Norte

Soares (2009), em um recorte de sua tese de doutorado, investigou a variação da lateral palatal no estado do Pará, utilizando 144 entrevistas do Atlas Linguístico do Pará. A autora delimitou a análise a três variantes: lateral palatalizada [lʎ] (2.270 ocorrências), lateral dental-alveolar seguida de semivogal [lj] (1.276 ocorrências) e semivogal [j] (286 ocorrências), totalizando 3.832 dados. A investigação se concentrou em variáveis sociodemográficas, como escolaridade, sexo, faixa etária e origem geográfica.

Os resultados revelaram um comportamento complexo e multifacetado das variantes. As mulheres favoreceram as variantes [lʎ] (peso relativo - PR = 0,346) e [lj] (PR = 0,374), enquanto os homens demonstraram preferência pela variante [j] (PR = 0,392). Em relação à faixa etária, os informantes mais jovens (15 a 25 anos) apresentaram índices altos para a variante [j] (PR = 0,378), um resultado que contraria a expectativa de que os informantes dessa faixa etária evitariam realizar variantes de menor prestígio. Por outro lado, a variante [lʎ] foi a que apresentou maior prestígio na fala dos informantes mais velhos.

A pesquisa também destacou a forte influência da escolaridade: a menor escolarização favoreceu a ocorrência da variante [j] (PR = 0,426), enquanto níveis mais elevados de escolarização se associaram às variantes [lʎ] (PR = 0,463) e [lj] (PR = 0,338). A origem geográfica também se mostrou relevante, com as cidades de Belém, Bragança,

Soure e Santarém apresentando predominância das formas palatais, e Marabá (PR = 0,502) e Altamira (PR = 0,663) favorecendo as formas semivocalizadas.

Em suma, o estudo de Soares (2009) oferece uma contribuição relevante para a compreensão da variação no Pará, evidenciando a complexidade dos fatores sociais que a condicionam. No entanto, a restrição a variáveis sociodemográficas e a falta de detalhamento do nível de escolaridade por faixa etária limitam a interpretação dos resultados.

O trabalho de Chaves e Melo (2009) investigou a despalatalização na cidade de Rio Branco/AC, com uma amostra de 72 informantes e 2.224 ocorrências. Para a análise no programa VARBRUL, as variantes foram amalgamadas em três categorias: [ʎ] (com a lateral palatal e a seguida de semivogal, totalizando 78,7%); [lj] (com a lateral alveolar seguida de semivogal e a lateral alveolar, 11,4%); e [j] (com a vocalização e o apagamento, 1%).

Os resultados se concentraram em variáveis linguísticas. A variante [ʎ] foi favorecida, no contexto precedente, pelas vogais médias posteriores [o, ɔ] (PR = 0,603) e pela vogal média-alta anterior [e] (PR = 0,575). Já no contexto seguinte, foi favorecida pelas vogais baixas [a, ã] (PR = 0,819). A variável tonicidade favoreceu a manutenção de [ʎ] em posição tônica (PR = 0,603). A classe de palavras também se destacou, com os verbos e adjetivos favorecendo a realização de [ʎ] e de [lj]. As variáveis sociodemográficas não foram consideradas nesse estudo. No entanto, as autoras enfatizam essa etapa como crucial para futuras pesquisas sobre o fenômeno.

4.1.5 Nordeste

Oliveira e Mota (2007) analisaram as diferentes realizações do fonema lateral palatal em seis capitais do Nordeste, com base em 48 inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), totalizando 2.249 ocorrências. Os participantes, de ambos os sexos, foram divididos em duas faixas etárias (18-30 e 50-65 anos) e dois níveis de escolaridade (fundamental e universitário).

Os resultados revelaram uma predominância da manutenção da variante palatal, com 91% das ocorrências. No entanto, a variação se mostrou sensível a fatores sociodemográficos e geolinguísticos. A escolaridade foi um fator determinante: o nível universitário favoreceu a manutenção da variante com peso relativo (PR) de 0,72, em contraste com o nível fundamental (PR = 0,26). A iotização (PR = 0,77), o apagamento

(PR = 0,76) e a despalatalização (PR = 0,61) foram favorecidos em falantes de nível fundamental.

A variação diatópica também se mostrou relevante, com a despalatalização sendo favorecida em Maceió, Recife e Salvador. A iotização, por sua vez, foi favorecida em Aracaju e Teresina. Já o apagamento foi mais frequente em Teresina, Aracaju e Maceió. Em relação ao sexo, a iotização foi favorecida em falantes do sexo masculino (PRs de 0,65 e 0,62), e o apagamento teve maior incidência na fala de homens mais jovens (18-30 anos), com PR = 0,70. As mulheres, especialmente as do grupo etário mais velho, tenderam a preservar a variante de maior prestígio. Em síntese, os autores concluem que a variação do fonema [ʎ] está relacionada a fatores sociolinguísticos e geolinguísticos.

A pesquisa Aguilera (2009), baseada em 200 informantes de 25 capitais brasileiras, investigou a variação do termo "abertura da calça do homem", focando em aspectos lexicais e fonéticos. O estudo utilizou dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e considerou como variáveis sociodemográficas o sexo, a faixa etária (18-30 e 50-65 anos) e a escolaridade (fundamental e superior).

A variante lexical "braguilha" e suas formas fonéticas foram as mais produtivas, representando 77,3% das ocorrências. A análise fonética da sílaba final revelou que a variante palatal [-lha] apresentou alta vitalidade, com 84% dos registros. No entanto, as variantes iotizadas ou sincopadas [-ia] ou [-a] foram mais frequentes no Centro-Oeste (48%) e menos no Norte (2%). A iotização e a síncope mostraram-se condicionadas pela escolaridade, com 78% dos registros coletados junto a falantes com ensino fundamental. A pesquisa também evidenciou um comportamento inesperado da faixa etária: os jovens foram os que mais mantiveram a forma iotizada (72%), enquanto os homens reforçaram a tendência de não usar a forma padrão (65% dos casos).

Em Freire (2011) a variação da lateral palatal em Jacaraú/PB foi investigada com 36 participantes em entrevistas e questionários. Das 1.463 ocorrências identificadas, 66,7% (976 ocorrências) corresponderam à variante [ʎ], enquanto as demais variantes totalizaram 33,3%. Entre as não aplicações, registraram-se 26,8% de semivocalização [j], 8,3% de lateral alveolar [l] e 8,2% de zero fonético [Ø].

As variáveis que condicionaram a variação foram: sexo, escolaridade, faixa etária, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e número de sílabas. O sexo foi a variável mais determinante, com as mulheres favorecendo o uso de [ʎ] (PR = 0,63). Na variável escolaridade os informantes sem nenhuma escolarização foram os que

menos realizaram a lateral palatal [ʎ] (PR = 0,16), o que foi associado a falas estigmatizadas. A faixa etária revelou que a variante [ʎ] foi favorecida nos grupos de 15 a 25 anos (PR = 0,70) e 26 a 49 anos (PR = 0,61), com um decréscimo significativo no grupo acima de 50 anos (PR = 0,36), o que pode estar relacionado à inserção no mercado de trabalho ou à influência escolar.

No plano linguístico, o contexto fonológico seguinte demonstrou que as vogais labiais favorecendo a realização da lateral palatal (PR = 0,61). O número de sílabas do vocábulo também foi significativo, com vocábulos trissílabos (PR = 0,58) apresentando maior favorecimento para a ocorrência de [ʎ] do que os monossílabos/dissílabos (PR = 0,42) e polissílabos (PR = 0,48).

Freire (2016), em sua tese de doutorado, também investigou a variação da lateral palatal em Jacaraú, na Paraíba (PB). Para isso, a pesquisa utilizou um *corpus* de 36 informantes. A pesquisa analisou as variantes [ʎ], vocalização [j], lateral alveolar [l] e zero fonético [Ø]. Na análise quantitativa, foram registradas 1.105 ocorrências, com predominância de [ʎ] (80,9%), seguida de [j] (8,1%), [l] (7,4%) e [Ø] (3,5%).

O estudo destaca o estilo de fala como a principal variável condicionadora do uso de [ʎ]. A metodologia de controle das Variáveis Estilísticas (Variáveis Contextuais) foi baseada em Labov (2001), para identificação do estilo de fala vernacular (*Casual Speech*) e de fala monitorada (*Careful Speech*) conforme ilustrado na Figura 8.

Figura 8 - Ilustração de como a variável estilos-contextos foi controlada por Freire (2016)

LABOV (2001)	FREIRE (2011)
Estilos-contextos	Módulos
<i>Narrative</i>	Identificação
<i>Kids</i>	Infância
<i>Group</i>	Vizinhança
<i>Narrative</i>	Diversão
<i>Soapbox</i>	Religião
<i>Soapbox</i>	Problemas Sociais
<i>Narrative</i>	Perigo de Morte
<i>Soapbox</i>	Esportes
<i>Language</i>	Linguagem

Fonte: Freire (2016).

Para analisar a variável, primeiramente o pesquisador agrupou os informantes em três amostras (A, B, C): o Grupo A referiu-se aos informantes de baixo/nenhum nível de escolaridade e com idade entre 15-26 anos; o Grupo B foi constituído por informantes entre 26-49 anos e com até oito anos de escolaridade; já o Grupo C foi formado por

falantes com +50 anos e mais de oito anos de escolaridade, estratificados por sexo. Os resultados gerais apontaram predominância de realização da lateral palatal [ʎ] pelos três grupos amostrais, além desta variável ter sido mais realizada no estilo monitorado do que no estilo vernacular. Nos Grupos A e C, a lateral palatal [ʎ] foi mais frequente na fala dos informantes do sexo feminino e no Grupo B na fala dos informantes do sexo masculino.

No plano das variáveis sociodemográficas, a escolaridade e a faixa etária foram significativas. Os informantes com mais de 8 anos de escolaridade favoreceram a variante de prestígio [ʎ] (PR = 0,57), enquanto os com menor escolaridade apresentaram um peso relativo de 0,39 para essa variante. O aumento da idade também se associou ao uso mais frequente de [ʎ], com o grupo de mais de 50 anos obtendo PR = 0,57. Em relação ao sexo, as informantes do sexo feminino favoreceram a variante de prestígio em 80,2% das ocorrências.

Quanto às variáveis linguísticas, o contexto precedente (vogal coronal, PR = 0,56), o contexto seguinte (vogal labial, PR = 0,65) e a tonicidade (sílabas tônicas, PR = 0,56) também se mostraram favorecedores da realização de [ʎ], além da classe de palavras verbos (PR = 0,63) e as palavras trissílabas (PR = 0,59). O estudo concluiu que o uso de [ʎ] é favorecido por fatores sociais, estilísticos e internos da língua, e que, na comunidade investigada, a variante se mantém como forma de prestígio.

Santos (2018) investigou a variação da lateral palatal em cidades de Alagoas, como Maceió e Arapiraca. A análise baseou-se em 144 entrevistas do Projeto Variação Linguística no Português Alagoano (PORTAL), e as variantes analisadas foram lateral palatal [ʎ], lateral alveolar [l] e semivogal [j]. A pesquisa registrou 1.724 ocorrências de [ʎ] (65%), 504 de [l] (19%) e 428 de [j] (16%). Para a análise estatística, o estudo utilizou comparações binárias entre as variantes [ʎ] ~ [l] e [ʎ] ~ [j] e um modelo de regressão multinível.

Na análise da oposição [ʎ] ~ [l] (despalatalização), a variante [l] foi favorecida pelo traço [+coronal] no contexto seguinte (PR = 0,66) e pelo traço [-coronal] no contexto precedente (PR = 0,55). A escolaridade também se mostrou estatisticamente significativa, com indivíduos de menor nível de instrução favorecendo a realização de [l] (PR = 0,55). Já na análise da oposição [ʎ] ~ [j] (vocalização), nenhuma variável linguística apresentou significância estatística. No entanto, as variáveis sociais foram significativas: a escolaridade indicou que a vocalização [j] é favorecida por indivíduos com menor escolaridade (PR = 0,70); a faixa etária destacou os informantes com 65 anos ou mais (PR

= 0,79) e aqueles entre 40 e 55 anos (PR = 0,56) como favorecedores de [j]; e o sexo masculino foi associado ao favorecimento da vocalização (PR = 0,61), enquanto o feminino a desfavoreceu (PR = 0,39).

Um ponto relevante do estudo foi a aplicação do Coeficiente de Correlação Intraclasse (CCI), que indicou que 16,1% da variabilidade na escolha entre [ʎ] e [l] pode ser atribuída ao indivíduo, enquanto 6,2% se deve aos itens lexicais. Para a oposição [ʎ] ~ [j], os resultados mostraram que 41,7% da variabilidade pode ser atribuída aos itens lexicais e 40,5% à variação entre os indivíduos. Esses achados reforçam que a variação da lateral palatal em Alagoas tem um comportamento multifatorial, sendo a vocalização sensível a fatores idioletais e lexicais.

Já a pesquisa de Santos *et al.* (2021), realizada em Alagoas, investigou a correlação entre a despalatalização da lateral palatal [ʎ] e variáveis sociodemográficas e linguísticas, com base em 1.539 dados de 128 entrevistas do projeto PORTAL. As análises estatísticas, realizadas no RStudio, constataram que a variável tamanho da palavra foi a única a não apresentar significância estatística.

Entre as variáveis estatisticamente significativas, o sexo masculino destacou-se por favorecer a despalatalização, com 14,8% de uso dessa variante. A escolaridade também foi relevante, pois os participantes com maior nível de instrução apresentaram menor índice de despalatalização em comparação àqueles com escolaridade mais baixa. A região se mostrou um condicionador geolinguístico, com a despalatalização sendo mais favorecida no litoral (16,9%) do que no sertão (5%).

No plano linguístico, as vogais altas no contexto precedente foram os segmentos mais relevantes: a vogal [u] favoreceu a despalatalização (PR = 0,90), enquanto a vogal [i] a desfavoreceu (PR = 0,12). A vogal coronal [i] no contexto seguinte apresentou maior propensão à despalatalização (PR = 0,92). A sílaba átona revelou-se a mais favorável à realização da variante não palatal, com PR = 0,72.

A pesquisa conclui que fatores sociais e estruturais contribuem para a despalatalização. Embora variáveis como o informante (46% da variação) e o item lexical (com 188 ocorrências de "mulher" despalatalizada) tenham apresentado peso estatístico expressivo, não foram analisadas de forma aprofundada. O estudo sugere, portanto, a pertinência de que futuras investigações controlem quais itens lexicais são mais propensos à despalatalização.

A pesquisa de Hora e Schwindt (2022) investigou o apagamento da consoante lateral palatal na comunidade quilombola de Rio das Rãs, Bahia. Baseando-se em 24 entrevistas e 1.354 ocorrências, o estudo revelou que o apagamento é o processo predominante, ocorrendo em 55,8% (755 ocorrências) dos casos, superando a preservação do fonema, que totalizou 44,2% (599 ocorrências).

A análise de regressão logística apontou que as variáveis escolaridade baixa (até 4 anos) e a categoria morfológica "masculino" foram estatisticamente significativas para o apagamento. A análise descritiva bivariada demonstrou que o apagamento é mais frequente entre homens (34,3%) e em indivíduos com baixa escolaridade (38,7%). Interações também se mostraram relevantes: o processo foi desfavorecido entre mulheres jovens (até 25 anos) e favorecido pela interação entre a vogal média-alta/alta no contexto precedente e a vogal aberta no contexto seguinte. A análise de variáveis aleatórias indicou que a "palavra" e o "participante" têm um papel significativo no comportamento do fenômeno, sugerindo que a variação está ligada a itens lexicais específicos e a padrões individuais de fala.

O estudo conclui que o apagamento da lateral palatal na comunidade quilombola é um fenômeno condicionado por fatores sociais, como a escolaridade baixa, e por variáveis linguísticas e interações específicas. A abordagem metodológica, que considerou variáveis aleatórias como "palavra" e "participante", contribui para uma compreensão mais aprofundada da complexidade multifatorial da variação.

Freire (2024) investigou a variação da lateral palatal em duas comunidades do Nordeste, Jacaraú/PB e Nova Cruz/RN, com base em 24 entrevistas, sendo 12 de cada dialeto. A análise considerou as variantes [ʎ], [l], [j] e [∅]. A pesquisa registrou um total de 204 ocorrências no dialeto paraibano e 165 no norte-riograndense.

Os dados revelaram a predominância da variante [ʎ] em ambas as comunidades, com 78,9% (161 ocorrências) na Paraíba e 92,1% (152 ocorrências) no Rio Grande do Norte. Essa alta incidência sugere um prestígio social associado ao uso de [ʎ] nas duas comunidades de fala.

No dialeto paraibano, a análise das variáveis sociodemográficas mostrou que o sexo feminino foi o principal fator a favorecer o uso de [ʎ], com peso relativo (PR) de 0,71, enquanto o masculino teve um PR de 0,32. A escolaridade também foi relevante: os informantes com mais de 8 anos de escolarização foram os que mais favoreceram a variante [ʎ] (PR = 0,88), em contraste com os analfabetos (PR = 0,14). Já no plano

linguístico, o contexto fonológico seguinte foi o fator mais significativo, com a vogal coronal (PR = 0,88) e a vogal labial (PR = 0,73) favorecendo a variante [ʎ].

No dialeto norte-riograndense, a faixa etária e o contexto fonológico precedente foram as variáveis mais significativas. Os informantes entre 26 e 49 anos foram os que mais favoreceram a variante [ʎ] (PR = 0,80). No plano linguístico, o contexto precedente com vogal coronal (PR = 0,71) se destacou como o principal favorecedor de [ʎ], em oposição às vogais dorsal (PR = 0,30) e labial (PR = 0,02).

Nesta revisão, foi possível observar o comportamento variável da lateral palatal em diversas regiões e estados do país, o que demonstra o interesse de pesquisadores sobre o fenômeno e os fatores que cada *corpus* identificou como relevantes para a variação.

Constatamos que algumas variáveis linguísticas, como o contexto fonológico anterior e posterior, a tonicidade e a classe gramatical, sociodemográficas, como sexo, faixa etária, escolaridade e região geográfica foram condicionadoras da variação da lateral palatal na maioria das pesquisas (Madureira, 1987; Castro, 2006; Brandão, 2007; Chaves; Melo, 2009; Pinheiro, 2009; Freire, 2011; 2016; 2024; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Lima, 2024; Muller, 2025).

Embora as pesquisas de Freitag (2010) e Santiago (2017) não tenham sido incluídas no panorama de estudos sobre a lateral palatal, suas leituras forneceram informações importantes sobre o processo de variação em Sergipe. A primeira pesquisa utilizou dados de estudantes do ensino fundamental menor, e a segunda, de alunos do 6º e 9º anos do ensino fundamental e do 3º ano do ensino médio. Em ambas, os resultados mostraram altas taxas de uso da variante padrão.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção destina-se à apresentação dos procedimentos metodológicos adotados na presente pesquisa. Inicialmente, descreveremos a origem e a organização do conjunto de dados; em seguida, abordaremos a variável dependente e as variáveis independentes linguísticas e sociodemográficas consideradas.

5.1 Amostra linguística

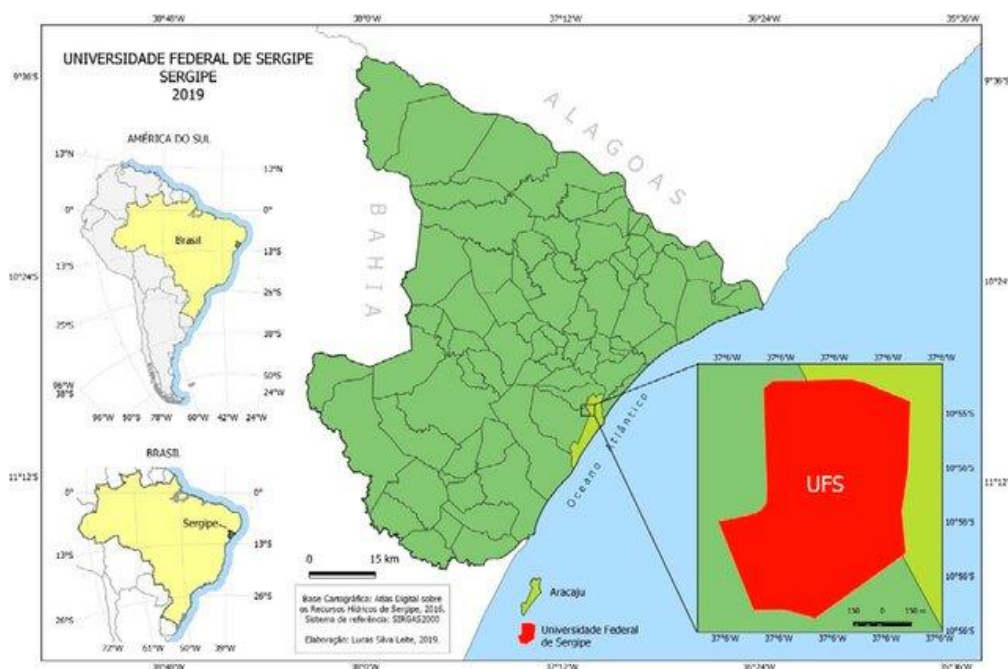
5.1.1 Sergipe, São Cristóvão e o Campus José Aloísio de Campos

Localizado na região Nordeste do Brasil, Sergipe é o menor estado do país em

extensão territorial, composto por 75 municípios, faz fronteira com o Oceano Atlântico e com os estados da Bahia (a oeste e ao sul) e Alagoas (ao norte).

No âmbito educacional, o estado conta com seis *campi* universitários federais, entre os quais se destaca o *Campus* Professor José Aloísio de Campos (Figura 9), localizado no município de São Cristóvão, quarta cidade mais antiga do Brasil e primeira capital sergipana. Atualmente, a cidade integra a região metropolitana de Aracaju, atual capital do estado.

Figura 9 - Localização geográfica da Universidade Federal de Sergipe



Fonte: Leite (2019).

O *campus*, popularmente conhecido como *Campus* São Cristóvão, reúne cursos de graduação e pós-graduação em diferentes áreas, ofertados nos turnos matutino, vespertino, noturno, além da modalidade de educação a distância (EAD). O espaço abriga ainda o Colégio de Aplicação (CODAP), instituição pública de ensino fundamental e médio vinculada à universidade.

O *corpus* desta pesquisa foi constituído no referido *campus*, por meio de entrevistas sociolinguísticas realizadas com estudantes de graduação. Os participantes são oriundos de diferentes municípios de Sergipe e, em sua maioria, deslocam-se diariamente até a universidade. Esse perfil diversificado contribui para investigações sociolinguísticas, pois permite reunir dados que refletem distintas experiências socioculturais e linguísticas.

5.1.2 A amostra Deslocamentos (2020)

O *corpus* desta pesquisa corresponde a um recorte da amostra Deslocamentos (2020), que integra o banco de dados linguísticos da variedade do português falado no estado de Sergipe, o Falares Sergipanos (Freitag, 2013). A amostra foi organizada por Silva (2020), Cardoso (2021), Novais (2021), Pinheiro (2021), Rodrigues (2021), Silva (2021), Souza (2022) e outros pesquisadores integrantes do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS). O recorte usado em nossa pesquisa é constituído por 73 entrevistas sociolinguísticas com estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS), matriculados no *campus* Professor José Aloísio de Campos, localizado em São Cristóvão (SE), com idades entre 18 e 30 anos.

Os participantes são oriundos de diferentes localidades do estado, incluindo a região metropolitana de Aracaju e o interior (tanto de zonas urbanas quanto rurais), contatados nas imediações do *campus*, principalmente no entorno do Condomínio de Laboratórios Multiusuários de Informática e Documentação (LAMID), bem como por meio de divulgação em redes sociais, especificamente Instagram e Facebook. A seleção para a composição da amostra levou em consideração o tempo de vínculo dos estudantes com a graduação (categorizado em início e final de curso), o deslocamento geográfico até a universidade, o sexo/gênero e a idade (Quadro 2), bem como a disponibilidade para participar das entrevistas.

Quadro 2 - Estratificação da amostra Deslocamentos (2020)

Tipo	Início		Final		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
Deslocamento 1	5	5	2	5	17
Deslocamento 2	3	4	3	3	13
Deslocamento 3	3	3	3	4	13
Deslocamento 4 Alagoas e Bahia	7	8	7	8	30
Total	18	20	15	20	73

Fonte: elaboração própria.

A amostra foi estratificada com base nos seguintes critérios: i. o deslocamento do falante; ii. o tempo de curso do estudante: início (do 4º período para baixo) e final de curso (do 5º período para cima); e iii. sexo/gênero (feminino e masculino). O Deslocamento 4 foi composto por estudantes provenientes de Alagoas e Bahia, estados vizinhos a Sergipe, conforme apresentado no Quadro 3.

Quadro 3 - Estratificação dos participantes quanto ao Deslocamento (2020)

Deslocamento 1	Estudantes da UFS nascidos na Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra do Coqueiros) e que residem nela.
Deslocamento 2	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que fazem o trajeto diário para a UFS.
Deslocamento 3	Estudantes da UFS nascidos no interior de Sergipe que residem na Grande Aracaju.
Deslocamento 4	Estudantes da UFS nascidos e criados em Alagoas e Bahia, que atualmente residem na Grande Aracaju.

Fonte: elaboração própria a partir de Silva (2025).

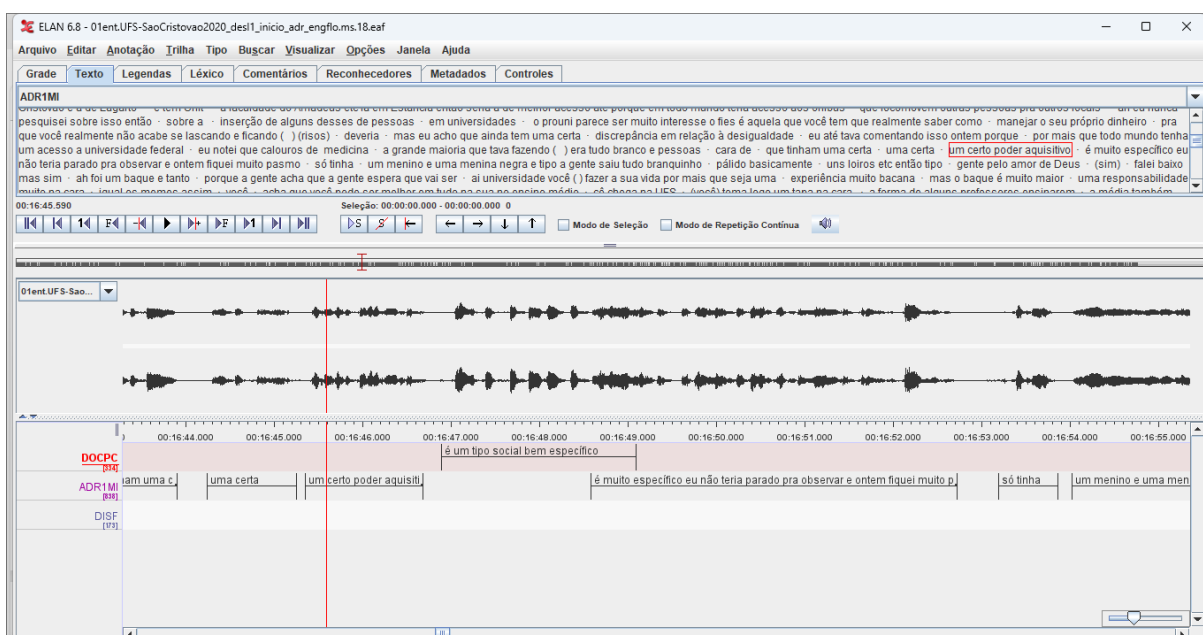
As entrevistas seguem o modelo de entrevista sociolinguística, bem como os protocolos definidos pelo Banco de Dados Falares Sergipanos (Freitag, 2013), com duração aproximada de 40 a 60 minutos cada. Para a coleta dos dados, foi elaborado um roteiro contendo perguntas sobre o local de moradia, a idade e temas como universidade, curso, mercado de trabalho, cenário político, gênero, saúde e segurança. Como algumas respostas dos informantes deram margem a novas questões, os entrevistadores as adicionaram ao longo dos diálogos, visando a um maior engajamento na conversa.

Os informantes foram previamente informados sobre a gravação das interações, mas não foram comunicados de que o material seria utilizado para análise linguística. Essa medida foi adotada com intuito de reduzir os efeitos do paradoxo do observador, já que um dos principais propósitos da metodologia de entrevistas sociolinguísticas é minimizar a influência da presença do pesquisador na situação de coleta de dados (Labov, 2008 [1972]; Souza, 2022). A seguir, descrevemos os instrumentos utilizados na coleta de dados.

5.1.3 As transcrições no software ELAN

As entrevistas utilizadas nessa pesquisa foram organizadas, transcritas e revisadas por Silva (2020), Cardoso (2021), Novais (2021), Pinheiro (2021), Rodrigues (2021), Silva (2021), Souza (2022) e outros pesquisadores integrantes do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (GELINS), por meio do *software* ELAN (Oushiro, 2014). Esse *software* possibilita o alinhamento simultâneo entre o áudio e o texto transcrito, o que facilita a identificação e a discriminação de variantes linguísticas presentes no *corpus*, uma vez que organiza as falas do entrevistador e do participante em trilhas separadas (Figura 10). Além disso, o ELAN permite a exportação dos dados em diferentes formatos, como o arquivo .txt (documento de texto padrão), o que favorece etapas posteriores da análise.

Figura 10 - Visualização das trilhas de uma transcrição feita no software ELAN



Fonte: elaboração própria.

No que se refere à variação da lateral palatal, localizamos os ambientes possíveis de ocorrência de palavras contendo o segmento. Para isso, adotamos uma estratégia baseada na representação ortográfica do fenômeno, por meio do dígrafo *lh*. Esse procedimento resultou na identificação de 4.539 ocorrências ao longo das 73 entrevistas, extraídas por meio de buscas realizadas em múltiplos arquivos .eaf no *software* ELAN, como ilustra a Figura 11.

Figura 11 - Busca de múltiplos arquivos eaf no ELAN

N.	Arquivo	Trilha	Antes	...	Depois	Mãe	Derivada	Tempo ini...	Tempo final	Duração
1	01ent.UFS-S...	DOCPC	e qual o nível ...	e	sim			00:01:08...	00:01:10.6...	00:00:01...
2	01ent.UFS-S...	DOCPC	e qual meio d...	vo	cê já trabalho...			00:02:55...	00:02:56.9...	00:00:01...
3	01ent.UFS-S...	DOCPC	você trabalha...	cê	e você gosto...			00:02:58...	00:03:00.7...	00:00:01...
4	01ent.UFS-S...	DOCPC	sei sei	cê	preferia lá?			00:04:23...	00:04:27.1...	00:00:04...
5	01ent.UFS-S...	DOCPC	sim	m	onde você m...			00:06:03...	00:06:04.9...	00:00:01...
6	01ent.UFS-S...	DOCPC	a educação é...	cê	em qual asp...			00:12:03...	00:12:06.2...	00:00:03...
7	01ent.UFS-S...	DOCPC	em qual asp...	ev	profissional			00:12:21...	00:12:23.0...	00:00:01...
8	01ent.UFS-S...	DOCPC	você	ter	arquitetura			00:18:29...	00:18:38.0...	00:00:08...
9	01ent.UFS-S...	DOCPC	então você ac...	vo	você acha qu...			00:21:44...	00:21:49.9...	00:00:05...
10	01ent.UFS-S...	DOCPC	você concord...	vo	muito espaço...			00:22:00...	00:22:04.9...	00:00:04...
11	01ent.UFS-S...	DOCPC	pontual né is...	vo	que que voç/			00:22:53...	00:22:58.3...	00:00:04...
12	01ent.UFS-S...	DOCPC	a questão de ...	dr	o filho de Gre...			00:26:36...	00:26:43.0...	00:00:06...
13	01ent.UFS-S...	DOCPC	drag queens ...	o	fe gays tem a...			00:26:43...	00:26:44.4...	00:00:01...
14	01ent.UFS-S...	DOCPC	nos postos n...	pr	cê tinha dito ...			00:35:47...	00:35:49.5...	00:00:02...
15	01ent.UFS-S...	DOCPC	cê tinha dito ...	es	você acha que			00:35:55...	00:35:59.5...	00:00:03...
16	01ent.UFS-S...	DOCPC	em relação a	ai	em todas as ...			00:36:45...	00:36:51.7...	00:00:06...
17	01ent.UFS-S...	DOCPC	você quando ...	vo	cê			00:52:40...	00:52:44.1...	00:00:04...
18	01ent.UFS-S...	DOCPC	a escolarizaç...	ter	então pra voc...			00:53:54...	00:53:58.2...	00:00:03...
19	01ent.UFS-S...	ADR1MI	minha mãe é...	nã	em um empr...			00:01:10...	00:01:13.8...	00:00:02...
20	01ent.UFS-S...	ADR1MI	em um empr...	e	segurança n...			00:01:16...	00:01:17.4...	00:00:01...
21	01ent.UFS-S...	ADR1MI	e antes ela tr...	se	de enfermag...			00:01:17...	00:01:19.5...	00:00:01...

Fonte: elaboração própria.

Cabe destacar que as entrevistas que compõem a amostra Deslocamentos (2020) passaram por um processo de revisão, seguindo as normas de transcrição estabelecidas pelo Banco de Dados Falares Sergipanos, conforme descrito por Sousa e Souza (2022). Essa etapa teve como objetivo verificar e corrigir eventuais erros e desalinhamentos ocorridos durante o processo de transcrição inicial.

Uma vez concluída a etapa de descrição do processo de transcrição e organização dos dados no *software* Elan, passemos ao processo de classificação semiautomática dos dados.

5.1.4 Classificação semiautomática dos dados

A classificação semiautomática dos dados foi desenvolvida com o objetivo de automatizar a identificação e a categorização das ocorrências de palavras que contêm a lateral palatal nas entrevistas analisadas (Cruz; Freitag; Gois, 2026)⁵. Para tanto, foram

⁵ Este processo de automação foi desenvolvido em parceria com Túlio Sousa de Gois, graduando em Engenharia de Computação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pesquisador bolsista de Iniciação Científica no Laboratório Multiusuário de Documentação e Processamento Linguístico (LAMID/UFS), bem como com a colaboração da Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag. Informações adicionais sobre esses pesquisadores podem ser consultadas na Plataforma Lattes, nos seguintes endereços: <https://s1lnk.com/dacruz>, <https://s1lnk.com/freitag> e

definidos metadados⁶ responsáveis por descrever cada variável considerada na pesquisa, bem como seu respectivo significado analítico. A construção desses metadados foi realizada em parceria com Conceição (2026)⁷, que desenvolveu a pesquisa A variação fonológica da nasal palatal na fala dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe: Um Estudo Sociolinguístico.

Inicialmente, procedeu-se a leitura dos arquivos de anotação no formato *.eaf* por meio do *software* ELAN, utilizando a biblioteca *pympl-ling* para extração dos segmentos de transcrição. Em seguida, cada segmento de transcrição passou por normalização textual, que incluiu a padronização de letras maiúsculas e a remoção de sinais de pontuação, seguido da *tokenização* dos dados. Posteriormente, o *script* percorreu os *tokens* gerados com o objetivo de identificar os itens lexicais que continham a lateral palatal. Para cada ocorrência identificada, realizou-se a classificação fonética e contextual correspondente.

Na primeira etapa da classificação, foi atribuída a tonicidade da sílaba que continha a lateral palatal, categorizada como pretônica, tônica ou postônica, conforme ilustrado na Figura 12. Esse procedimento foi realizado por meio da consulta a um dicionário previamente elaborado para esta pesquisa (*lh_tonicidade.csv*). Na segunda etapa, os contextos fonéticos anterior e posterior à lateral palatal foram identificados e mapeados para suas respectivas representações fonéticas. Na terceira etapa, cada item lexical foi submetido à etiquetagem automática de categorias morfossintáticas (*Part-of-Speech – POS*), por meio do modelo *pt_core_news_3lg* da biblioteca *spaCy*.

<https://11nq.com/sousagois>.

⁶ O acesso aos metadados está disponível em <https://osf.io/fuzh7/overview>.

⁷ Neyriane Santos da Conceição é mestra em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Informações adicionais sobre a pesquisadora podem ser acessadas através do link: <https://s11nk.com/FLlrS>.

Figura 12 - Planilha com a classificação da sílaba contendo a lateral palatal

The screenshot shows an Excel spreadsheet titled 'ocorrencias_lh_tonicidade'. The table has the following data:

	A	B	C	D	E
1	ocorrencia	frequencia	tonicidade		
2	mulheres	558	tônica		
3	mulher	506	tônica		
4	melhor	477	tônica		
5	trabalho	445	postônica		
6	trabalhar	313	tônica		
7	trabalha	205	postônica		
8	olha	197	postônica		
9	melhorar	119	pretônica		
10	melhorou	117	pretônica		
11	olhe	108	postônica		
12	escolha	107	postônica		
13	filho	101	postônica		
14	melhorado	99	pretônica		
15	escolheu	94	tônica		
16	olhar	94	tônica		
17	lhe	93	N/A		
18	trabalhou	86	tônica		
19	trabalhava	82	tônica		
20	velho	80	postônica		

Fonte: elaboração própria.

Cada ocorrência foi enriquecida com os metadados sociodemográficos extraídos do nome do arquivo original da entrevista, a saber: sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso. Essas informações foram integradas a uma planilha final, na qual cada dado foi associado à entrevista de origem, identificada pelo nome do arquivo .eaf, bem como à trilha (tier) do ELAN da qual a anotação foi extraída. Para fins de contextualização, registrou-se uma janela textual contendo aproximadamente cinco palavras anteriores e cinco posteriores ao item lexical analisado, além da identificação da palavra que continha a lateral palatal. Também foi registrado o tempo de ocorrência de cada item no arquivo .eaf, expresso em milissegundos, possibilitando a recuperação precisa do trecho de áudio correspondente. A Figura 13 ilustra as trilhas da planilha *Excel*.

Figura 13 - Planilha com ilustração das trilhas

	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
1	trilha	contexto	item_lexical	realizacao	nome_da_variavel	numero_de_vezes	audio_referencia	contexto_anterior	contexto_posterior	tonicidade	classe_gramatical	deslocamento	sexo	tempo_curso	tempo_ocorri
2	DOCPC	e sua mãe traba	trabalha	1 lateral palatal	2 não	[a]	[a]	postônica	verbo	desl1	ms	início	6		
3	DOCPC	o trabalho	trabalha	1 lateral palatal	3 não	[a]	[a]	postônica	verbo	desl1	ms	início	17		
4	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[a]	[o]	tônica	verbo	desl1	ms	início	17		
5	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[e]	[o]	tônica	advérbio	desl1	ms	início	26		
6	DOCPC	o trabalho	trabalhou	0 despalatalizada	4 não	[e]	[o]	não se aplica	pronome	desl1	ms	início	36		
7	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	4 não	[e]	[o]	pretônica	verbo	desl1	ms	início	72		
8	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	4 não	[e]	[o]	pretônica	verbo	desl1	ms	início	74		
9	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	4 não	[a]	[o]	postônica	substantivo	desl1	ms	início	110		
10	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	4 não	[u]	[e]	tônica	substantivo	desl1	ms	início	130		
11	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	3 não	[u]	[e]	tônica	substantivo	desl1	ms	início	132		
12	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[u]	[e]	tônica	substantivo	desl1	ms	início	137		
13	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[u]	[e]	tônica	substantivo	desl1	ms	início	159		
14	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[i]	[o]	postônica	substantivo	desl1	ms	início	166		
15	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	3 não	[a]	[a]	tônica	verbo	desl1	ms	início	214		
16	DOCPC	o trabalho	trabalhou	1 lateral palatal	2 não	[o]	[e]	postônica	verbo	desl1	ms	início	215		

Fonte: elaboração própria.

Embora tenham sido necessários ajustes manuais em decorrência de contextos não previstos inicialmente pelo sistema, o procedimento mostrou-se de grande utilidade, por tornar essa etapa mais ágil e sistemática. Em consonância com os pressupostos da Ciência Aberta⁸, que preconizam a disponibilização de dados em repositórios públicos, os metadados e as planilhas resultantes dessa etapa encontram-se disponíveis publicamente na plataforma Open Science Framework (OSF), por meio do link: <https://osf.io/fuzh7/overview>.

A seguir, passaremos para a descrição da variável dependente desta pesquisa.

5.2 Variável dependente

Em todo sistema linguístico há ocorrência do fenômeno de variação linguística, que evidencia duas ou mais maneiras de falar a mesma coisa e com um mesmo valor de verdade (Labov, 2008[1972]). A variável dependente deste estudo trata-se das ocorrências relacionadas à variação da lateral palatal /*ʎ*/. As variantes observadas podem ser realizadas da seguinte forma:

[*ʎ*] – manutenção do segmento, como em ‘pa/*ʎ*/a’, *palha*;

[*ʎ*] – palatalização, como em ‘pa/*ʎ*/a’;

[*y*] – vocalização, como em ‘te/*y*/a’, *telha*;

[*l*] – despalatalização, como em ‘mu/*l*/é’, *mulher*;

⁸ Para mais informações sobre Ciência Aberta acesse o site <https://rkofreitag.github.io/index.html>.

[Ø] – zero fonético, como em ‘te/Ø/a’, *telha*.

Mas, para fins de análise no aparato da Sociolinguística Variacionista, a variável dependente está codificada de forma binária, de modo a refletir a presença ou ausência da realização da lateral palatal. O valor 0 corresponde à realização não padrão do segmento, englobando a vocalização [y], despalatalização [l] e o zero fonético [Ø]. Neste estudo, a realização não padrão da lateral palatal é adotada como valor de aplicação da análise. Já o valor 1 corresponde à realização padrão, abrangendo tanto a manutenção do segmento quanto a palatalização. A palatalização será tratada como realização padrão, uma vez que compartilha traços fonéticos com a lateral palatal e ocorre na fala da maioria dos falantes do português brasileiro (Cristófar-Silva, 2024, p. 40).

As ocorrências foram examinadas pelo método perceptivo (oitiva), a partir da escuta de cada fragmento nas gravações. A adoção desse procedimento metodológico é respaldada por estudos anteriores que atestam sua confiabilidade (Silva, 2021). No que se refere especificamente ao fenômeno em análise, ao realizar a codificação acústica dos dados, Santos (2018) não identificou divergências significativas em relação aos resultados obtidos em pesquisas fundamentadas na codificação perceptiva da variação da lateral palatal.

Definida a variável dependente, passamos à apresentação das variáveis independentes consideradas neste estudo.

5.3 Variáveis independentes

As variáveis independentes representam os fatores potencialmente condicionadores da variação de um fenômeno linguístico. De acordo com Freitag (2025, p. 15), a noção de regras variáveis na Sociolinguística está condicionada a diversos fatores que atuam tanto no nível linguístico quanto no social. Essas variáveis são descritas para verificar se influenciam a aplicação de uma regra de variação.

Nesse sentido, a seleção das variáveis independentes deste estudo fundamentou-se no panorama da literatura, trabalhado na seção 4, sobre a variação da lateral palatal no português brasileiro. Priorizamos aquelas que, em trabalhos anteriores, apresentaram percentuais expressivos de condicionamento da variação. A saber, entre as variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade e classe gramatical, bem como o monitoramento da fala. Entre as variáveis sociodemográficas: sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso.

A construção argumentativa das hipóteses de cada variável independente, nesse primeiro momento, partiu da elaboração prévia dos metadados e das hipóteses, realizada antes da tabulação dos dados. Na etapa de análise dos resultados, algumas realizações fonológicas não previstas inicialmente foram incorporadas à análise, além de outras classes gramaticais, em decorrência da análise dos dados tabulados. A seguir, cada variável será apresentada individualmente.

5.3.1 *Variáveis independentes linguísticas*

As variáveis linguísticas são fatores internos ao sistema da língua que permitem identificar os contextos propícios ou desfavoráveis à ocorrência de uma variação. Para investigar a variação da lateral palatal, este estudo considera as seguintes variáveis linguísticas: contexto anterior, contexto posterior, tonicidade, classe gramatical e monitoramento da fala. Na próxima seção, cada uma dessas variáveis será apresentada individualmente, acompanhada de sua fundamentação teórica, empírica, bem como das respectivas hipóteses de pesquisa.

5.3.1.1 *Contexto anterior*

O contexto anterior constitui-se por qualquer segmento ou pausa que antecede a lateral palatal. Esse segmento, em sua maioria, é uma vogal, exceto nos casos em que a lateral palatal ocupa o início de palavras, como no substantivo *lhama* e no pronome *lhe*. As características articulatórias da vogal que antecede o fonema podem influenciar sua tendência à variação, conforme demonstram estudos anteriores (Madureira, 1987; Castro, 2006; Brandão, 2007; Pinheiro, 2009; Chaves; Melo, 2009; Santos, 2012; Freire, 2011; 2016). Segundo Cristóvão Silva (2024, p. 68-69), as vogais podem ser classificadas por meio de critérios articulatórios, que incluem altura da língua (alta, média e baixa), posição (anterior, posterior e central), e arredondamento dos lábios (arredondados e não arredondados).

Em nossa tabulação, para cada ocorrência de palavras com a lateral palatal, a vogal anterior ao segmento foi classificada conforme a sua realização. Esse contexto possui cinco possibilidades ortográficas: a, e, i, o, u. Contudo, foneticamente, pode apresentar sete possibilidades de vogais orais considerando a altura da língua: [i], [u], [e], [o], [ɛ], [ɔ] e [a] em exemplos como *f[i]lho*, *m[u]lher*, *esp[e]lho*, *[o]lho*, *v[ɛ]lho*, *[ɔ]lhos*, e *m[a]lho*, além do contexto *vazio*, referente ao contexto anterior do pronome *lhe*.

Considerando a realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação, assumimos a hipótese de que as vogais médias-baixas (anteriores e posteriores) e a vogal baixa (central) em contexto anterior apresentariam maior percentual de realização não padrão, em função do relaxamento da língua na articulação dessas vogais, assim como apontam as tendências observadas nos estudos de Madureira (1987), Brandão (2007) e Santos (2012). Por sua vez, espera-se que as vogais altas (anteriores e posteriores) e médias-altas (anteriores e posteriores) apresentem menor percentual de ocorrência das realizações não padrão, uma vez que a posição da língua na articulação dessas vogais compartilha traços articulatorios com a consoante lateral palatal, em que “o falante levanta a parte média da língua em direção ao palato duro” (Cristóvão Silva, 2024, p. 65), conforme indicam também Chaves e Melo (2009), Castro (2006), Brandão (2007), Pinheiro (2009), Freire (2011; 2016).

5.3.1.2 Contexto posterior

O contexto posterior refere-se a qualquer segmento ou ambiente vazio que segue a lateral palatal. Assim como no contexto anterior, as vogais podem ser classificadas por meio de critérios articulatorios, que incluem altura (alta, média e baixa) e posição (anterior, posterior e central) da língua e arredondamento dos lábios (arredondados e não arredondados). As vogais i, e, a, em posição postônica final, estão representadas conforme Cristóvão Silva (2024, p. 85) “para a maioria dos falantes do português brasileiro, as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e pretônicas e são pronunciadas como [ɪ, ə, ʊ]”.

Seguindo esse pressuposto, as vogais posteriores ao segmento lateral palatal foram codificadas, assim como no contexto anterior, por meio da referência às cinco possibilidades de vogais ortográficas: a, e, i, o, u. Contudo, foneticamente foram consideradas dez possibilidades de vogais orais considerando a altura da língua: [i], [u], [ɪ], [ʊ], [e], [o], [ə], [ɛ], [ɔ] e [a], em exemplos como *escolh[i]*, *silh[u]eta*, *escolh[ɪ]*, *trabalh[ʊ]*, *escolh[e]u*, *maravilh[o]so*, *escolh[ə]*, *mulh[ɛ]res*, *melh[ɔ]r* e *trabalh[a]r*, além de quatro correspondentes nasais: [ĩ], [ẽ], [õ] e [ã], nos exemplos *olh[ĩ]nhos*, *escolh[ẽ]*, *bilh[õ]es* e *brilh[ã]tes*.

Nossa hipótese é que as vogais articuladas como médias-baixas (anterior e posterior) e baixa (central) apresentariam maior percentual de realização não padrão da lateral palatal, assim como nos resultados de Brandão (2007), Pinheiro (2009), Santos

(2012), Ferreira (2011), Santos (2018), Lima (2024) e Freire (2024). Em contrapartida, as vogais articuladas como altas (anteriores e posteriores) e médias-altas (anteriores e posteriores), em razão do compartilhamento articulatório entre esses segmentos e a lateral palatal, apresentem menor percentual de ocorrência das realizações não padrão, conforme a tendência observada em estudos como Pinheiro (2009), Freire (2011) e Santos (2018).

5.3.1.3 *Tonicidade*

A variável tonicidade refere-se ao acento da sílaba que contém a lateral palatal. Segundo Cristóvão Silva (2024, p. 77) “toda sílaba apresenta obrigatoriamente um pico ou núcleo. O núcleo de uma sílaba pode ser acentuado ou não. O acento é uma propriedade caracterizada pela tonicidade”. Assim, mobilizamos o pressuposto da saliência fônica e o exemplo ilustrativo da concordância no sintagma nominal para tratarmos da tonicidade das sílabas contendo a lateral palatal em nosso *corpus*. Com base em Scherre e Naro (2006, p. 112-113), os traços menos salientes são aqueles em que a marca de plural é representada pelo morfema *-s* em sílabas não acentuadas, a exemplo de *casa/casas* ou dos monossílabos átonos *o/os*. Esses vocábulos tendem a apresentar menor propensão à manutenção da marca de plural quando comparados a vocábulos com traços mais salientes, que incluem formas em que a marca de plural está em posição tônica, como em *café/cafés* ou monossílabos tônicos, a exemplo *meu/meus*.

Ademais, para os referidos autores (Scherre; Naro, 2006), nos casos das formas verbais e do efeito da saliência fônica nas oposições singular/plural, quando há menor diferença fônica, como em *vive/vivem*, marcada apenas pela nasalização da vogal átona final, os contextos plurais têm sua realização menos favorecida, diferente dos casos em que essa distinção tem maior diferença fônica, como em *esgotou/esgotaram*, em que há envolvimento de sílabas acentuadas e marcas de mudança vocálicas. À luz desse princípio, e sem estabelecer uma equivalência direta entre os fenômenos, consideramos que as sílabas em que a lateral palatal ocorre em posição pretônica, tônica ou postônica também podem apresentar comportamentos distintos quanto à realização do fenômeno.

Tivemos como hipótese que as realizações não padrão da lateral palatal apresentariam maior percentual nas posições pretônica e postônica, enquanto a posição tônica apresentaria percentuais mais baixos de ocorrência das realizações não padrão. Tal hipótese encontra respaldo em estudos anteriores, como os de Brandão (2007), Chaves e

Melo (2009), Santos (2012), Freire (2016) e Santos *et al.* (2021), nos quais a posição tônica foi associada a menores percentuais de ocorrência das realizações não padrão da lateral palatal.

Para isso, foram filtradas todas as ocorrências de palavras com a lateral palatal do *corpus*. Posteriormente, essas palavras foram exportadas em formato *.csv* e tiveram sua tonicidade categorizada quanto à posição da sílaba contendo a lateral palatal e seu acento.

Exemplo das categorias:

- i- Tônica: espalhar, escolheu, trabalhando, entre outras;
- ii- Pretônica: acolhedor, melhorar, entre outras;
- iii- Postônica: empecilho, trabalhe, entre outras.

5.3.1.4 Classe gramatical

A análise dessa variável buscou identificar se a classe gramatical dos segmentos encontrados no banco de dados exerce algum tipo de influência sobre a variação da lateral palatal neste estudo. Pesquisas anteriores (Castro, 2006; Chaves; Melo, 2009; Ferreira, 2011; Freire, 2016; Santos *et al.*, 2021) mostram, em suas análises, que essa variável não apresenta um comportamento uniforme, manifestando-se de maneira diferenciada conforme a categoria gramatical sobre a qual o fonema incide.

A codificação dessa variável foi baseada na classe gramatical à qual a palavra pertence. Os fatores são:

- i) Substantivo: mulher;
- ii) Adjetivo: velho;
- iii) Verbo: trabalhar;
- iv) Pronome: lhe.

Considerando a realização não padrão como valor de aplicação, nossa hipótese para essa variável é que as realizações não padrão da lateral palatal apresentariam maior percentual entre os substantivos, adjetivos e pronomes, em consonância com resultados apresentados por Castro (2006), Ferreira (2011) e Santos *et al.* (2021). Por outro lado, a classe dos verbos apresentava menores percentuais de ocorrência das realizações não padrão conforme demonstrado em Chaves e Melo (2009) e Freire (2016).

5.3.1.5 Monitoramento da fala

De acordo com Labov (2008 [1972]), a variação estilística é um aspecto inerente à fala, uma vez que nenhum indivíduo utiliza um único estilo linguístico de forma constante. Embora alguns falantes apresentem um espectro de alternância mais amplo do que outros, todos exibem variações em seu vernáculo à medida que o contexto social e o tópico de conversação se modificam.

Essa relação entre estilo e variação foi confirmada por Freire (2016), que demonstrou a influência do monitoramento da fala no processo de variação da lateral palatal em seu *corpus*. Ainda que a metodologia adotada pelo autor se diferencie da adotada em nossa pesquisa, uma vez que se baseou na análise dos tópicos temáticos das entrevistas, seus resultados apontaram maior percentual da variante padrão [ʎ] em contextos de maior monitoramento da fala.

Assim, mesmo que a entrevista sociolinguística seja classificada como um evento de fala formal, ela possibilita deslocamento para momentos de diálogo mais espontâneo. Ainda que não disponhamos de dados provenientes de situações informais de fala espontânea, como interações cotidianas do entrevistado com amigos ou familiares, a entrevista oferece a vantagem de permitir certo controle sobre o grau de monitoramento da fala, com trechos mais e menos monitorados, uma vez que “o grau de espontaneidade e entusiasmo nas respostas dos indivíduos pode variar muito” (Labov, 2008 [1972], p. 103). Diante disso, controlamos, em nossa pesquisa, a variável monitoramento da fala, com o objetivo de verificar em qual recorte temporal da entrevista os informantes apresentarão maior ocorrência da realização não padrão da lateral palatal.

Para alcançar esse objetivo, as ocorrências da variável foram mensuradas com base em dois recortes temporais da entrevista:

M1: que incluem os 30 minutos iniciais da entrevista;

M2: que incluem os 30 minutos finais da entrevista.

Para que tenhamos uma média considerando o conjunto das entrevistas e minimizar interferências de resultados decorrentes daquelas que apresentam duração inferior a 60 minutos, controlamos também a variável tempo total da entrevista, cujos resultados são descritos na subseção 7.2.5, junto aos resultados referentes ao controle da variável monitoramento da fala.

Nossa hipótese é que as realizações não padrão da lateral palatal apresentarão maiores percentuais de ocorrência nos 30 minutos finais da entrevista (M2), em função do tempo de exposição do falante à situação de entrevista e da progressão da familiaridade com o entrevistador, o que pode favorecer a quebra do paradoxo do observador e o surgimento de uma fala menos monitorada por parte do entrevistado. Essa hipótese está ancorada nos resultados apresentados por Freire (2016), que embora tenha usado uma metodologia divergente da nossa, identificou maior percentual de realização não padrão da lateral palatal em contexto de fala menos monitorada.

5.3.2 *Variáveis independentes sociodemográficas*

Os fatores linguísticos não são os únicos a influenciar a ocorrência de uma variação no vernáculo do falante; aspectos socioculturais, socioeconômicos e geográficos também exercem influência. Neste estudo, as variáveis sociodemográficas controladas foram: sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso. A seguir, cada uma dessas variáveis será apresentada individualmente, com sua respectiva fundamentação teórica, empírica e hipóteses.

5.3.2.1 *Sexo/gênero*

As pesquisas sobre a variação da lateral palatal incluem a variável sexo/gênero como um fator social amplamente analisado. Embora a maioria das pesquisas demonstre resultados sobre a variação da lateral palatal a partir do controle dessa variável, ela tem apresentado efeitos pouco ou não significativos, conforme evidenciam pesquisas anteriores (Castro, 2006; Soares, 2009; Pinheiro, 2009; Santos, 2012; Freire, 2016). Esses resultados alinham-se à reflexão de Freitag (2015), que sugere que as explicações tradicionais para o papel de gênero na Sociolinguística se tornaram datadas. Conforme a autora, “a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade” (Freitag, 2015, p. 18).

Temos como hipótese que essa variável não exerceria influência sobre a ocorrência das realizações não padrão da lateral palatal em nosso *corpus*. Essa hipótese segue as tendências observadas em estudos anteriores (Castro, 2006; Pinheiro, 2009; Soares, 2009; Santos, 2012; Freire, 2016), os quais indicam que a variável sexo/gênero

não apresenta diferenças percentuais expressivas na explicação da variação do fenômeno.

Dada a limitação de informações sobre o gênero dos participantes, nossa codificação seguiu o padrão binário (masculino/feminino), com base no sexo biológico informado no banco de dados. Ressaltamos que, embora reconheçamos a distinção conceitual entre sexo biológico e gênero enquanto construção sociocultural, essa operacionalização foi adotada em função das informações disponíveis no *corpus*.

As categorias consideradas foram:

- i) “ms” para o masculino;
- ii) “fs” para o feminino.

5.3.2.2 *Deslocamento*

A variável Deslocamento refere-se ao fator deslocamento dos estudantes em relação à universidade. Para esta pesquisa, os tipos de deslocamento foram organizados conforme Cardoso (2021), Novais (2021), Pinheiro (2021), Rodrigues (2021), Silva (2020), Silva (2021), Souza (2022) e colaboradores, com base no local de origem e residência atual dos participantes. Essa variável já vem sendo descrita em estudos anteriores sobre variação linguística entre os universitários da Universidade Federal de Sergipe (Corrêa, 2019; Ribeiro, 2019; Silva, 2021; Cardoso, 2021; Silva, 2025), apontando que o local de origem do estudante pode mostrar tendências de variação linguística. Segundo Siqueira e Freitag (2025, p. 46), o ambiente universitário é um espaço rico para observação de efeitos de migração, pois a universidade constitui uma experiência de realocação de jovens adultos, que podem se movimentar por diferentes regiões dialetais e interagir com indivíduos de outras regiões dialetais, potencializando o contato e a interação linguística entre falantes de múltiplas origens.

As categorias são:

- i) Deslocamento I: estudantes da Região Metropolitana de Aracaju.
- ii) Deslocamento II: estudantes do interior de Sergipe (zona urbana ou rural) que se deslocam diariamente.
- iii) Deslocamento III: estudantes do interior (zona urbana ou rural) que se mudaram para a Grande Aracaju durante o curso.
- iv) Deslocamento IV: estudantes de Alagoas e Bahia que residem na Grande Aracaju.

Estudos sobre a variação da lateral palatal no português brasileiro apontam para uma maior realização de variantes não padrão em regiões interioranas (Brandão, 2007; Soares, 2009; Ferreira, 2011; Santos, 2018; Plaza, 2019). Em Sergipe, pesquisas em dialetologia baseadas em cartas fonético-fonológicas do *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (Ferreira *et al.*, 1988), embora não apresentem dados específicos sobre a variação da lateral palatal, indicam ocorrências de realizações de variantes não padrão em áreas interioranas do estado. Estudos sobre a variação lexical da palavra *sarolha* (Carta 22), por exemplo, mostram informantes do interior de Sergipe realizando formas como *saroia* e *saroiada* (Cardoso e Rollemberg, 1988, p. 45–46). Observa-se, nesses casos, a vocalização da lateral palatal.

Com base nesses indícios, e considerando a realização não padrão como valor de aplicação, formulamos a hipótese de que os estudantes do grupo Deslocamento II e Deslocamento III apresentariam maior percentual de ocorrência da realização não padrão da lateral palatal, em decorrência do contato com a região de origem interiorana, essa hipótese baseou-se nos resultados de Cardoso e Rollemberg (1988) para essa região sergipana, bem como em Ribeiro (2019), que observou maior percentual de realização não padrão das preposições *em ~ ni* entre os universitários do interior de Sergipe. Em contrapartida, os estudantes dos Deslocamentos I e IV apresentariam menores percentuais de ocorrência das realizações não padrão, conforme resultados de Brandão (2007), Soares (2009), Ferreira (2011), Santos (2018) e Plaza (2019), nos quais capitais e regiões metropolitanas apresentaram menores percentuais dessas realizações.

5.3.2.3 *Tempo de curso*

O controle dessa variável teve como objetivo verificar se a variação da lateral palatal apresenta diferenças em função do tempo de inserção do falante no contexto universitário. Essa variável foi operacionalizada como equivalente aproximada à tradicional variável escolaridade. Estudos anteriores apontam que, quanto maior o nível de escolaridade dos falantes, maior tende a ser o percentual de realização padrão da lateral palatal. Nessa perspectiva, comparamos os universitários em início e em final de curso, a fim de verificar se o tempo de inserção na universidade se reflete em padrões diferenciados de uso linguístico. As categorias consideradas nessa variável são:

- i) Início (do 4º período para baixo);
- ii) Final (do 5º período para cima).

Tivemos como hipótese que os estudantes no início do curso apresentariam maiores percentuais de ocorrência das realizações não padrão da lateral palatal, enquanto os estudantes no final de curso apresentariam menores percentuais dessas realizações, seguindo a tendência apontada em estudos anteriores sobre a variável escolaridade (Oliveira; Mota, 2007; Pinheiro, 2009; Soares, 2009; Freire, 2011; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Silva; Carvalho, 2014; Freire, 2016; Plaza, 2019; Hora; Schwindt, 2022).

5.4 Tratamento dos dados

O tratamento dos dados segue a abordagem quantitativa da Sociolinguística Variacionista, com análise descritiva baseada na distribuição percentual das ocorrências. Após a exportação de 4.539 ocorrências provenientes das 73 entrevistas, cada dado foi codificado por meio de percepção auditiva, atribuindo-se o valor 0 às realizações não padrão e valor 1 às realizações padrão.

Do total de 4.539 ocorrências, 49 foram excluídas por apresentarem problemas como repetição, erro de transcrição, trechos inaudíveis, truncamento, interrupção da fala, inexistência do segmento, entre outros fatores. Assim, o *corpus* final é constituído por 4.490 ocorrências, analisadas por meio da plataforma R (R Core Team, 2018), mais especificamente, pela interface RStudio.

Para a análise quantitativa dos dados, foi realizado o cálculo da frequência relativa percentual. Inicialmente, dividimos o número de ocorrências da variante não padrão (256) pelo total de ocorrências do *corpus* (4.490). Em seguida, o valor obtido foi multiplicado por 100, com o objetivo de converter a proporção em percentual. Esse procedimento permite visualizar a distribuição percentual das ocorrências não padrão e padrão no conjunto de dados analisados.

Para a análise das variáveis linguísticas e sociodemográficas, o total inicial de 4.490 ocorrências foi reduzido para 4.489, em decorrência da exclusão de 1 ocorrência cuja realização em contexto anterior apresentava interferência de encontro consonantal, a saber: [h], no exemplo “fazer-lhe-ei”. Na análise da variável linguística contexto posterior, especificamente na Tabela 5, o total de 4.489 dados foi reduzido para 4.374, uma vez que determinados contextos vocálicos não apresentaram ocorrências de realização não padrão e, por esse motivo, não figuram na distribuição do valor de aplicação. Esses dados e suas respectivas ocorrências encontram-se detalhados na Tabela 1.

Tabela 1 - Ajustes do total de dados na variável contexto posterior

Contexto vocálico	Nº de ocorrências	Motivo da não inclusão na Tabela 5
[ɪ]	76	Não apresentou realização não padrão
[ĩ]	6	Não apresentou realização não padrão
[õ]	14	Não apresentou realização não padrão
[ê]	19	Não apresentou realização não padrão
Total	115	

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 6, devido a amalgamação dos dados, independentemente de sua ocorrência ou não, o resultado total de 4.489 dados é devidamente reestabelecido.

Concluída a etapa de tratamento e organização dos dados após a tabulação, passamos agora para a apresentação dos resultados.

6 RESULTADOS

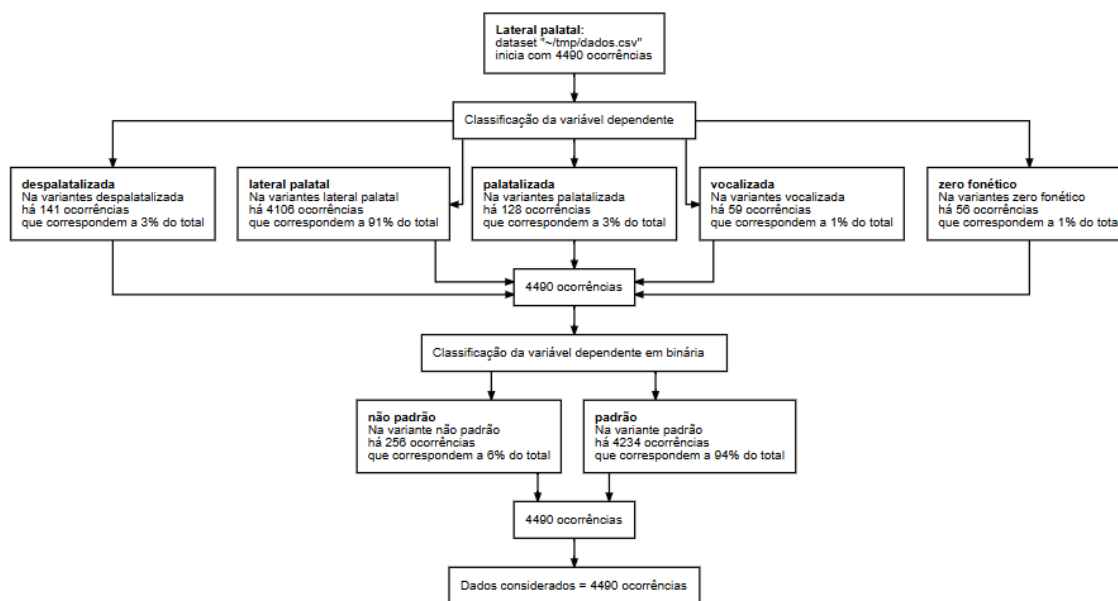
Nesta seção, descreveremos a distribuição geral das realizações padrão e não padrão da lateral palatal no *corpus*, bem como o comportamento das variáveis linguísticas e sociodemográficas analisadas, com base nos dados já tratados na seção 6. Para a análise descritiva percentual, adotamos como valor de aplicação as realizações não padrão da lateral palatal, compreendendo a despalatalização, a vocalização e o zero fonético. Essa escolha decorre do interesse em compreender o comportamento dessas realizações entre os estudantes universitários, bem como identificar quais dos fatores linguísticos e sociais, selecionados para esta pesquisa, apresentam maiores percentuais de ocorrência do fenômeno. A exposição dos resultados seguirá o mesmo padrão de apresentação das variáveis na seção metodológica. Desse modo, inicialmente serão apresentados os resultados gerais referentes às realizações padrão e não padrão da lateral palatal no *corpus*. Em seguida, discutiremos os resultados relativos às variáveis linguísticas contexto anterior, contexto posterior, tonicidade, classe gramatical e monitoramento da fala, bem como as variáveis sociodemográficas sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso, nesta ordem.

6.1 Resultados gerais

Identificamos 4.490 ocorrências extraídas do conjunto de 73 entrevistas que constituem a amostra Deslocamentos 2020. Deste total, 256 ocorrências correspondem à realização não padrão da lateral palatal, equivalente a 6% dos dados, enquanto 4.234 ocorrências corresponderam à realização padrão, com 94% do total.

Durante o processo de codificação cada realização foi associada à sua respectiva variante, conforme ilustrado na Figura 14.

Figura 14 - Distribuição das ocorrências por variante.



Fonte: elaboração própria.

Partindo do maior percentual de ocorrências para o menor, observamos que a variante padrão da lateral palatal apresentou 4.106 ocorrências, correspondendo a 91% do total. Em seguida, temos a variante despalatalizada, com 141 ocorrências, o que equivale a 3%. Posteriormente, a variante palatalizada apresentou 128 ocorrências, correspondentes a 3% do total, enquanto a variante vocalizada contabilizou 59 ocorrências, correspondentes a 1% do total, assim como a variante zero fonético, com 56 ocorrências, também correspondentes a 1% do total. Ressaltamos que os percentuais foram arredondados para números inteiros, de modo que a soma pode não totalizar exatamente 100%.

Considerando que as variantes despalatalizada, vocalizada e zero fonético são classificadas como não padrão e apresentam baixa ocorrência individual, optamos por sua amalgamação, totalizando 256 ocorrências, o que corresponde a 6% do total de dados. Por sua vez, as variantes lateral palatal e palatalizada foram agrupadas por compartilharem traços articulatorios e por serem consideradas padrão, resultando em 4.234 ocorrências, equivalentes a 94% do total, conforme apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição de frequência da lateral palatal quanto à realização

realização	frequência	percentual
não padrão	256	6%
padrão	4.234	94%
total	4.490	100%

Fonte: elaboração própria.

Conforme evidenciam os dados, a realização padrão da lateral palatal predomina na fala dos estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe. Esse resultado segue a mesma tendência observada em estudos anteriores, nos quais falantes com maior nível de escolaridade apresentam maior percentual de realização da variante padrão.

Passamos agora, à análise dos fatores linguísticos que condicionam a realização não padrão da lateral palatal em nosso *corpus*.

6.2 Resultados das variáveis independentes linguísticas

Partimos agora para a descrição dos dados referentes às variáveis linguísticas. Ressaltamos que nem sempre é possível obtermos os mesmos resultados de outros estudos, devido à codificação ser realizada de modo diferente. A análise dessas variáveis depende do modelo adotado pelo autor para que os resultados possam ser explicados. Por exemplo, em nossa pesquisa para a análise das variáveis linguísticas excluimos as ocorrências com encontro consonantal, conforme ilustrado na seção 6.

Além disso, conforme postulamos na subseção 5.3, algumas realizações fonológicas não previstas inicialmente foram incorporadas aos nossos resultados, além de outras classes gramaticais, como interjeições, numerais e advérbios, em decorrência da análise dos dados tabulados.

Assim, tendo a realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação, passamos agora à análise descritiva dos dados.

6.2.1 Contexto anterior

O contexto anterior constitui-se por qualquer segmento ou ambiente vazio que antecede o fenômeno. O controle dessa variável tem por finalidade identificar a distribuição percentual da realização não padrão da lateral palatal em cada segmento anterior.

Como explicamos na seção metodológica, as características articulatórias da vogal que antecede o fonema podem influenciar sua tendência à variação, conforme demonstram estudos anteriores (Madureira, 1987; Chaves; Melo, 2009; Castro, 2006; Brandão, 2007; Pinheiro, 2009; Santos, 2012; Freire, 2011; 2016). Além disso, a lateral palatal é um fenômeno que ocorre no português brasileiro, quase categoricamente, em posição intervocálica. Cristófaros Silva (2024, p. 68-69) explica que as vogais podem ser classificadas por meio de critérios articulatórios, que incluem altura da língua (alta, média e baixa), posição (anterior, posterior e central), e arredondamento dos lábios (arredondados e não arredondados).

Nossa hipótese para esse contexto é que as vogais médias-baixas (anteriores e posteriores) e a vogal baixa terão um percentual maior da realização não padrão da lateral palatal, em função do maior relaxamento da língua na articulação dessas vogais, e as vogais médias-altas e altas apresentarão menor percentual de ocorrência de não padrão em função de compartilharem traços articulatórios com a variante padrão, realizada com a parte medial da língua em direção ao palato duro (Cristófaros Silva, 2024, p. 65).

Foram encontradas nesse contexto as ocorrências: [i], [u], [e], [o], [ɛ], [ɔ] e [a] e vazio, correspondente ao contexto anterior do pronome “lhe”. Assim, antes de passarmos para a análise dos resultados, observe alguns exemplos de trechos extraídos das entrevistas em que há a ocorrência dos contextos do Quadro 5:

- i. [i] – Informante CAT4FF: *tá bem no Enem, né, “f[i]a” (filha), porque...*
- ii. [u] – Informante CAR4MF: *ah, “m[u]lé” (mulher) é tão difícil [risos].*
- iii. [e] – Informante BAR3FF: *o vocabulário fica melhor, vai “m[e]lorando” (melhorando) com o tempo, porque a...*
- iv. [o] – Informante DOCMS: *tendo oportunidade, você “esc[o]leria” (escolheria) morar onde?*
- v. [ɛ] – Informante MIC4MI: *um mais “v[ɛ]io” (velho) e um mais novo.*
- vi. [ɔ] – Informante AUR4FF: *então quando você escuta, você “[ɔ]ia” (olha) assim, um pouco estranho.*
- vii. [a] – Informante CLA3FI: *e a gente “trab[a]ia” (trabalha) com o que quiser, né?*
- viii. **Contexto vazio** – Informante LUI4MI: *“[vazio] li” (lhe) proporcionando você ficar aqui.*

Após, vejamos na Tabela 3, os resultados referentes ao contexto anterior.

Tabela 3 - Distribuição dos segmentos anteriores à realização não padrão da lateral palatal

contexto anterior	aplicação	total	percentual
[i]	9	286	3,1%
[u]	25	949	2,6%
[e]	5	296	1,7%
[o]	7	403	1,7%
[ɛ]	48	779	6,2%
[ɔ]	37	392	9,4%
[a]	46	1.297	3,5%
vazio	78	87	89,7%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Os dados, apresentados na Tabela 3, mostram que o contexto anterior vazio, correspondente ao início da palavra, apresentou ocorrências quase categóricas da realização não padrão, de 87 ocorrências, 78 foram de não padrão, o que equivale a 89,7% do total. Esse resultado deve ser interpretado com cautela, uma vez que pode estar associado à ocorrência do pronome “lhe”, identificado na literatura como associado a maiores percentuais de realização não padrão, por ser frequentemente realizado como “li” (Soares, 2008; Ferreira, 2011; Santos, 2018). Assim, aqui não temos um fator exclusivamente fonético, mas podemos observar também um efeito lexical.

Nos contextos vocálicos, a vogal média-baixa posterior [ɔ], de 392 ocorrências, apresentou 37 realizações não padrão, correspondendo a 9,4%, sendo o maior percentual nesse conjunto de contextos vocálicos. Em seguida, a vogal média-baixa anterior [ɛ], com 48 ocorrências de não padrão em um total de 779, apresentou 6,2%. A vogal baixa [a], com 46 ocorrências em 1.297, apresentou 3,5%, enquanto a vogal alta anterior [i], com 9 ocorrências em 286, apresentou 3,1%. Já as vogais médias-altas [e] e [o], ambas com 1,7%, e a vogal alta posterior [u], com 2,6%, apresentaram os menores percentuais de realização não padrão.

Esses resultados corroboram parcialmente a hipótese inicial, ao indicar que, no âmbito de cada contexto analisado, os contextos vocálicos [ɔ] e [ɛ] apresentaram percentuais relativamente mais elevados de realização não padrão da lateral palatal,

possivelmente em função do maior relaxamento articulatorio da língua nesses contextos. De modo geral, observa-se que as vogais médias-altas e a vogal alta posterior [u] apresentaram menores percentuais de realização não padrão, o que está em consonância com tendências descritas em estudos anteriores (Chaves; Melo, 2009; Castro, 2006; Brandão, 2007; Pinheiro, 2009; Freire, 2011; 2016).

Assim, considerando a baixa frequência de ocorrência de alguns fatores, bem como reduzir a fragmentação dos dados e possibilitar uma análise mais consistente dos condicionamentos fonéticos, os contextos anteriores foram combinados com base na similaridade de traços articulatorios das vogais. A título de exemplificação, as vogais médias anteriores [e] e [ɛ] foram reunidas em um mesmo grupo e as vogais médias posteriores [o] e [ɔ], foram reunidas em outro grupo, uma vez que são articuladas com o corpo da língua em altura (média) e posição (mais anterior ou mais posterior) similares. Esse procedimento resultou na redução dos níveis da variável contexto anterior de oito para seis, a saber: vogal alta anterior [i], vogal média anterior [e], vogal baixa [a], vogal média posterior [o], vogal alta posterior [u] e contexto de ataque, correspondente à ausência de segmento precedente, conforme apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 - Distribuição dos segmentos anteriores amalgamados

contexto anterior2	aplicação	total	percentual
[i]	9	286	3,1%
[u]	25	949	2,6%
[e]	53	1.075	4,9%
[o]	44	795	5,5%
[a]	46	1.297	3,5%
ataque	78	87	89,7%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Após a amalgamação, os resultados indicam que o contexto de ataque silábico, isto é, o início de palavra, manteve o maior percentual de realização não padrão da lateral palatal, com taxa de aplicação de 89,7%. Esse comportamento reforça o efeito da ocorrência do pronome “lhe” já descrito na literatura como um dos principais contextos de realização não padrão (Soares, 2009; Ferreira, 2011; Santos, 2018).

No que se refere aos contextos vocálicos, observa-se que a vogal média posterior [o], com 44 ocorrências em 795 (5,5%), apresentou o percentual mais elevado de realização não padrão no conjunto dos contextos vocálicos amalgamados. Em seguida, a vogal média anterior [e], com 53 ocorrências em 1075 (4,9%), apresentou percentual intermediário. A vogal baixa [a], com 46 ocorrências em 1297 (3,5%), e a vogal alta anterior [i], com 9 ocorrências em 286 (3,1%), apresentaram percentuais inferiores. A vogal alta posterior [u], com 25 ocorrências em 949 (2,6%), apresentou o menor percentual de realização não padrão.

6.2.2 Contexto posterior

O contexto posterior refere-se a qualquer segmento ou ambiente vazio que segue a lateral palatal. Assim como no contexto anterior, as vogais podem ser classificadas por meio de critérios articulatórios, que incluem altura da língua (alta, média e baixa), posição (anterior, posterior e central) e arredondamento dos lábios, arredondados e não arredondados (Cristóforo Silva, 2024). Na tabulação, as vogais i, e, a em posição postônica final foram representadas como [ɪ, ə, ʊ], em conformidade com o que aponta Cristóforo Silva (2024, p. 85), que “para a maioria dos falantes do português brasileiro as vogais postônicas finais são distintas das vogais tônicas e pretônicas e são pronunciadas como [ɪ, ə, ʊ] nas palavras júri, jure, gota, mató”.

Assim como no contexto anterior, há cinco possibilidades de vogais ortográficas: a, e, i, o, u. Porém, foneticamente foram identificadas no *corpus* dez vogais orais considerando a altura da língua: [i], [u], [ɪ], [ʊ], [e], [o], [ə], [ɛ], [ɔ] e [a], além de cinco correspondentes nasais: [ĩ], [ũ], [ẽ], [õ] e [ã]. Ressaltamos que, embora tenhamos identificado ocorrências das vogais nasais [ẽ], [õ] e [ĩ], bem como da vogal postônica final representada como [ɪ] durante a tabulação, essas realizações não ocorreram nas ocorrências classificadas como realização não padrão da lateral palatal e, por esse motivo, não aparecem na Tabela 5. O acesso a quantidade de ocorrências desses contextos vocálicos pode ser consultado na subseção 5.4. Assim, no contexto posterior, identificamos uma possível influência da vogal do vocábulo subsequente, como nos exemplos “ói [ũ]ma” e “ói [u] conteúdo”. Esse tipo de ocorrência pode ser explicado à luz de Bisol (1992, p. 85), que descreve esse tipo de ocorrência como resultado da combinação de dois vocábulos fonológicos.

Apresentaremos, a seguir, exemplos de trechos extraídos exclusivamente das entrevistas em que identificamos os diferentes contextos posteriores. Nos casos em que não houve correspondência com realizações não padrão, incluiremos exemplos de realizações padrão, a fim de ilustrar todas as realizações encontradas no *corpus*.

- i. [i] – Informante ISY4FF: “**li**” (*lhe*) *dê alguma coisa ou “li*” (*lhe*) *coloque em algum lugar.*
- ii. [u] – Informante DAN1FF: *eles disseram “ô **u**” (olhe o) conteúdo é esse.*
- iii. [ɪ] – Informante CAT4FF: *você escolh**ɪ** (escolhe) uma área você passa.*
- iv. [ɔ] – Informante VAG2FF: *mim é normal porque eu “trabai**ɔ**” (trabalho) de agente de saúde...*
- v. [e] – Informante LAR1FI: *dos textos que você vai escolh**e**r (escolher) ler, né? se for textos...*
- vi. [o] – Informante ADR1MI: *sapiens é um livro maravilh**o**so (maravilhoso).*
- vii. [ə] – Informante ERI3FF: *me sentia a pessoa mais “vei**ə**” (velha) da turma.*
- viii. [ɛ] – Informante RIV3MF: *literatura assim nesse estilo de Guil**ɛ**rme (Guilherme).*
- ix. [ɔ] – Informante MIK4FF: *pra mim é melh**ɔ**r (melhor). Eu funciono melhor de madrugada.*
- x. [a] – Informante DAN2MF: *que deve ser “trabal**a**da” (trabalhada) antes...*
- xi. [ĩ] – Informante MIR3FI: *ele tava muito velh**ĩ**nho, muito velh**ĩ**nho (velhinho).*
- xii. [ũ] – Informante AUG1MF: *eh (hes) principalmente “ô **ũ**” (olhe um) exemplo disso é que...*
- xiii. [ẽ] – Informante DAN2MF: *acabei escolh**ẽ**do (escolhendo) farmácia.*

- xiv.** [õ] – Informante VIC4MF: *que mais ou menos dez milh[õ]es (milhões) de reais...*
- xv.** [ã] – Informante ELI2MI: *e principalmente “oi[ã]do” (olhando) pra...*

Identificamos ainda contextos de pausa, tabulados como [vazio], bem como interferências de consoantes do vocábulo seguinte em alguns contextos. Esses dados foram tabulados como contexto *sândi*, entendido como um processo em que a sílaba resultante é incorporada à inicial do vocábulo seguinte (Bisol, 1992). Nessa categoria, identificamos os seguintes contextos consonantais:

- i. [d] – Informante ANT1MI: *foi massa “véi [d]eu” (velho deu) pra tirar muita coisa.*
- ii. [f] – Informante GUI1MI: *caindo assim “ói [f]oi” (olhe foi) uma coisa assim engraçada.*
- iii. [k] – Informante FRA3FF: *“ói [k]ue” (olhe que) são a assim, né?*
- iv. [l] – Informante FRA3FF: *o cara que me assaltou “véi [l]evou” (velho levou) um Nokia.*
- v. [m] – Informante JAD3MI: *“ói [m]inha” (olhe minha) mãe...*
- vi. [n] – Informante RIV3MF: *atualmente não ela “trabaia [n]o” (trabalha no) hospital mas não na...*
- vii. [s] – Informante MIC4MI: *(hes) “ói [s]inceramente” (olhe sinceramente) eu acho que sim.*
- viii. [t] – Informante ERI3FF: *“ói [t]á” (olha tá) vendo você também, é?*

A hipótese formulada para essa variável é que as vogais médias-baixas e baixas, por compartilharem determinados traços articulatórios e apresentarem um maior relaxamento da língua em suas realizações, apresentarão percentuais maiores de realização não padrão, conforme indicado nos estudos de Brandão (2007), Pinheiro (2009), Santos (2012), Ferreira (2011), Santos (2018), Lima (2024) e Freire (2024). Em

contrapartida, as vogais altas e médias-altas, por compartilharem traços articulatorios com a lateral palatal, apresentarão menor percentual de ocorrência de realizações não padrão, seguindo a tendência apresentada por Pinheiro (2009), Freire (2011) e Santos (2018). Vejamos na Tabela 5 os resultados em função do contexto posterior considerando a realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação.

Tabela 5 - Distribuição dos segmentos posteriores em função da realização não padrão da lateral palatal

contexto posterior	aplicação	total	percentual
[i]	79	129	61,2%
[u]	2	2	100%
[ɔ]	24	700	3,4%
[e]	13	212	6,1%
[o]	6	333	1,8%
[ə]	23	630	3,7%
[ɛ]	30	954	3,1%
[ɔ̃]	17	673	2,5%
[a]	26	535	4,9%
[ũ]	1	1	100%
[ã]	8	179	4,5%
sândi	18	18	100%
vazio	8	8	100%
total geral	255	4.374	

Fonte: elaboração própria.

Os contextos classificados como *sândi* e *vazio* apresentam aplicação categórica de realização não padrão (100%). Vale ressaltar que a análise aprofundada do fator *sândi* não faz parte do escopo desta pesquisa, mas que sua ocorrência precisa ser registrada com objetivo de contribuir com análises futuras.

Os resultados da Tabela 5 serão descritos em ordem decrescente do percentual da realização não padrão para cada contexto. Assim, temos: a) a vogal alta [u] e sua correspondente nasal [ũ], que apresentam percentuais categóricos de 100% de realização não padrão, contudo, esses resultados correspondem a ocorrências extremamente reduzidas (2/2 e 1/1); b) a vogal alta anterior [i] apresenta 79 ocorrências de realização não padrão em um total de 129, correspondendo a 61,2%; c) a vogal média-alta [e], com

13 ocorrências de realização não padrão em um total de 212, correspondente a 6,1%; d) as vogais baixas [a], que apresenta 26 ocorrências de 535 e percentual de 4,9%, [ã] com 8 ocorrências de 179, com percentual total de 4,5% e [ə] que apresenta 23 ocorrências de 630 e percentual de 3,7%, resultaram em percentuais bem próximos entre si.

As vogais com menor percentual de realização não padrão foram: a) a vogal alta posterior [ɔ], com 24 ocorrências de realização não padrão em um total de 700 (3,4%); b) a vogal média-baixa [ɛ], com 30 ocorrências em um total de 954 (3,1%); c) a vogal média-baixa [ɔ], com 17 ocorrências em um total de 673 (2,5%); e d) a vogal média-alta [o], com 6 ocorrências em um total de 333 (1,8%).

Esses resultados corroboram parcialmente a hipótese inicial, uma vez que, no âmbito de cada contexto, algumas vogais baixas apresentam percentuais relativamente mais elevados de realização não padrão. No entanto, a hipótese não se confirma no caso das vogais médias-baixas [ɛ] e [ɔ], que apresentam percentuais bastante reduzidos desse tipo de realização. Outro resultado que não se alinha à hipótese refere-se à vogal alta [i], pois, embora tenhamos hipotetizado que ela apresentaria maior percentual de realização padrão em função da similaridade de traços articulatorios com a lateral palatal, essa vogal apresentou o percentual mais elevado de realização não padrão entre os contextos analisados (61,2%), considerando a distribuição interna de cada fator. Resultados como este também foram observados em Silva e Carvalho (2014), Santos (2018) e Santos *et al.* (2021) em que a vogal alta [i] demonstrou percentuais elevados na realização não padrão da lateral palatal.

Combinamos os resultados de alguns fatores do contexto posterior em decorrência da baixa frequência, da similaridade de traços articulatorios das vogais, conforme Cristóforo Silva (2024), incluem altura da língua (alta, média e baixa), posição (anterior, posterior e central), e arredondamento dos lábios (arredondados e não arredondados), bem como para reduzir a fragmentação dos dados e possibilitar uma análise mais consistente dos condicionamentos fonéticos nesse contexto. O primeiro grupo foi constituído pelas vogais altas [i, ĩ, ɪ]; o segundo pelas vogais médias anteriores [e, ě, ɛ]; o terceiro grupo foi formado pelas vogais baixas [a, ã, ə]; o quarto grupo pelas vogais médias posteriores [o, õ, ɔ]; o quinto grupo foi constituído pelas vogais altas posteriores [u, ũ, ʊ]; o sexto foi formado pelos contextos *sândi* [d, f, k, l, m, n, s, t], que embora tenham modo de articulação distintos, fazem parte do sistema consonantal do PB; o sétimo e último grupo corresponde aos dados NA (não se aplica) correspondentes aos casos de pausa/contextos

vazios. Esse procedimento resultou na redução dos níveis da variável contexto posterior de quatorze para sete. A Tabela 6 mostra os resultados obtidos com a amalgamação dos fatores em grupos.

Tabela 6 - Distribuição dos segmentos posteriores amalgamados

contexto posterior2	aplicação	total	percentual
[i] / [ĩ] / [ɪ]	79	211	37,4%
[u] / [ũ] / [ʊ]	27	703	3,8%
[e] / [ẽ] / [ɛ]	43	1.185	3,6%
[o] / [õ] / [ɔ]	23	1.020	2,3%
[a] / [ã] / [ə]	57	1.344	4,2%
sândi	18	18	100%
NA	8	8	100%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Os dados da tabela mostram maior percentual da realização não padrão nos dados *sândi* e NA, ambos com 100% das ocorrências como não padrão. Esses resultados podem estar relacionados à presença de itens lexicais específicos no *corpus*, hipótese que poderá ser explorada em análises futuras.

No grupo das vogais, o fator com maior percentual de realização não padrão é o grupo das vogais altas anteriores [i, ã, ɪ], em que, das 211 ocorrências, 79 foram de realização não padrão, o que equivale a 37,4%. Em seguida, temos o grupo das vogais baixas [a, ã, ə], em que, de 1344 ocorrências, 57 tiveram realização não padrão, o que corresponde a 4,2% do total. Esse comportamento do grupo das vogais altas anteriores [i, ã, ɪ], assim como no contexto anterior, pode estar relacionado ao contexto posterior do pronome “lhe”, já identificado em estudos anteriores como um item recorrentemente realizado como não padrão.

Os fatores com menor percentual de ocorrência de realização não padrão da lateral palatal foram os grupos das vogais altas posteriores [u, ã, ʊ], de 703 ocorrências, 27 foram de não padrão (3,8%); das vogais médias anteriores [e, ẽ, ɛ], em que, de 1185 ocorrências, 43 foram de não padrão (3,6%); e das vogais médias posteriores [o, õ, ɔ], em que, de 1020 ocorrências, 23 foram de não padrão (2,3%).

6.2.3 *Tonicidade*

A variável tonicidade refere-se ao acento da sílaba que contém a lateral palatal. Segundo Cristófaró Silva (2024, p. 77), toda sílaba apresenta obrigatoriamente um núcleo, que pode ou não ser acentuado, sendo o acento uma propriedade associada à tonicidade. Controlamos esta variável com o objetivo de identificar a distribuição percentual da realização não padrão da lateral palatal em relação à tonicidade da sílaba que contém o segmento.

Pesquisas anteriores apontam que a posição postônica apresenta percentuais maiores de realização não padrão da lateral palatal do que a posição tônica (Chaves; Melo, 2009; Santos, 2012). Nossa hipótese é que a realização não padrão terá maior percentual nas sílabas em que o segmento ocupa as posições pretônicas e postônicas, enquanto a posição tônica apresentará percentuais mais baixos de realização não padrão, seguindo a tendência apresentada em Brandão (2007), Chaves e Melo (2009), Santos (2012), Freire (2016) e Santos *et al.* (2021).

Assim, mobilizaremos o pressuposto da saliência fônica e o exemplo ilustrativo da concordância no sintagma nominal para tratarmos da tonicidade das sílabas contendo a lateral palatal em nosso *corpus*. Com base em Scherre e Naro (2006, p. 112-113), os traços menos salientes são aqueles em que a marca de plural é representada pelo morfema *-s* em sílabas não acentuadas, a exemplo de *casa/casas*. Esses vocábulos tendem a apresentar menor propensão à manutenção da marca de plural quando comparados a vocábulos com traços mais salientes, que incluem formas em que a marca de plural está em posição tônica, como em *café/cafés*.

Além disso, para os referidos autores (Scherre; Naro, 2006), nos casos das formas verbais e do efeito da saliência fônica nas oposições singular/plural, quando há menor diferença fônica, como em *vive/vivem*, marcada apenas pela nasalização da vogal átona final, os contextos plurais têm sua realização em menor ocorrência, diferentemente dos casos em que essa distinção tem maior diferença fônica, como no exemplo *esgotou/esgotaram*, em que há envolvimento de sílabas acentuadas e marcas de mudanças vocálicas. À luz desse pressuposto, e sem estabelecer equivalência direta entre os fenômenos, acreditamos que as sílabas em que a lateral palatal ocorre em posição pretônica, tônica ou postônica também podem apresentar comportamentos distintos quanto à realização do fenômeno.

Inicialmente controlamos quatro fatores nesta variável: pretônica, tônica, postônica e não se aplica, referente às ocorrências do pronome “*lhe*”. Seguem exemplos extraídos exclusivamente do *corpus*:

- i. Pretônica: **mel**horar;
- ii. Tônica: **mul**heres;
- iii. Postônica: **fil**ho;
- iv. Não se aplica: **l**he.

Os resultados da análise inicial podem ser observados na Tabela 7.

Tabela 7 - Distribuição da tonicidade em função da realização não padrão da lateral palatal

tonicidade	aplicação	total	percentual
não se aplica	78	87	89,7%
postônica	100	1.547	6,5%
pretônica	13	392	3,3%
tônica	64	2.463	2,6%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Considerando a realização não padrão como valor de aplicação para a análise dos resultados, a realização não padrão apresentou maior percentual no contexto não se aplica, com 78 ocorrências em um total de 87 dados, o que equivale a 89,7%. No contexto postônico, de um total de 1.547 ocorrências, 100 foram de realização não padrão, correspondendo a 6,5%. O fator pretônico apresentou 13 ocorrências de realização não padrão em um total de 392 dados, o que equivale a 3,3%. Já o fator tônico apresentou 64 ocorrências em um total de 2.463 dados, correspondendo a 2,6%.

Os resultados indicam que, no âmbito de cada contexto analisado, a posição tônica apresentou os percentuais mais baixos de realização não padrão, enquanto a posição postônica apresentou percentuais relativamente mais elevados, seguida da posição pretônica. Esses resultados mostram uma confirmação parcial da hipótese inicialmente formulada, uma vez que a posição tônica apresentou percentuais mais baixos de realização não padrão, enquanto a posição postônica apresentou percentuais mais elevados.

Entretanto, evidenciamos o percentual elevado do contexto não se aplica, que corresponde aos dados referentes ao pronome “*lhe*”. Esse comportamento é semelhante

ao observado nos resultados das variáveis contexto anterior e contexto posterior, em que esse item também apresentou percentuais elevados de realização não padrão, indicando que sua presença no *corpus* se associa de forma recorrente a esse tipo de realização.

6.2.4 *Classe gramatical*

Esta variável foi controlada com objetivo de identificar a distribuição percentual em função da classe gramatical na variação da lateral palatal. Pesquisas anteriores apontam que essa variável não apresenta um comportamento uniforme, manifestando-se de maneira diferenciada conforme a categoria gramatical sobre a qual o fonema incide (Castro, 2006; Chaves; Melo, 2009; Ferreira, 2011; Freire, 2016; Santos *et al.*, 2021).

Nossa hipótese é que a classe dos substantivos, adjetivos e pronomes terá maiores percentuais de realização não padrão da lateral palatal e que a classe dos verbos terá menor percentual de realização não padrão, assim como sugerem as tendências apontadas em estudos anteriores (Castro, 2006; Chaves; Melo, 2009; Ferreira, 2011; Freire, 2016; Santos *et al.*, 2021).

Para atestarmos nossa hipótese, a tabulação dessa variável baseou-se na categoria gramatical à qual os vocábulos pertencem. As classes gramaticais interjeição, numeral e advérbio foram acrescentadas aos dados à medida que suas ocorrências foram identificadas. A categoria interjeição, por exemplo, foi acrescentada para englobar as ocorrências de elementos que não são previstos pelas gramáticas, como os marcadores discursivos, que buscam manter a interação falante/ouvinte e auxiliar no planejamento da fala (Freitag, 2013, p. 23). Seguem abaixo os exemplos extraídos das entrevistas:

- i) **Substantivo** – Informante JAD3MI: *a **mulher** usar o que quiser.*
- ii) **Adjetivo** – Informante MIC4MI: *um mais **velho** e um mais novo.*
- iii) **Verbo** – Informante IGO4MF: *meios que a gente deveria **trabalhar** como por exemplo jornalismo impresso.*
- iv) **Pronome** – Informante ISY4FF: *o que quisesse o que **lhe** faz bem.*
- v) **Numeral** – Informante CAI1MF: *ou **milhares** não tenho o número mas...*
- vi) **Advérbio** – Informante DAN1MF: *mas (hes) aí eu prefiro **melhor** não.*
- vii) **Interjeição** – Informante MAI3MI: ***olha**, eu nunca vi essa expressão.*

A Tabela 8 mostra a distribuição da realização não padrão quanto à natureza da classe gramatical na amostra. Em seguida, apresentaremos uma análise descritiva dos

dados em ordem decrescente dos percentuais de realização não padrão.

Tabela 8 - Distribuição da classe gramatical em função da realização não padrão da lateral palatal

classe gramatical	aplicação	total	percentual
adjetivo	5	232	2,2%
advérbio	5	419	1,2%
interjeição	49	209	23,4%
numeral	1	18	5,6%
pronome	77	86	89,5%
substantivo	54	1.882	2,9%
verbo	64	1.643	3,9%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Retomando a hipótese formulada para essa variável, acreditamos que os substantivos, adjetivos e pronomes terão maiores percentuais de realização não padrão da lateral palatal e que os verbos terão menores percentuais da realização não padrão. Lembrando que a realização não padrão da lateral palatal é o nosso valor de aplicação para a descrição dos resultados. Assim, podemos observar que, entre as classes gramaticais, a que apresentou maior percentual de realização como não padrão foi a classe dos pronomes em 77 de 86 ocorrências totais, equivalente a 89,5%; a classe das interjeições, com 49 de 209 das ocorrências, foi a segunda com maior percentual de realização não padrão, equivalente a 23,4% do total de ocorrências; posteriormente a classe numeral, com apenas 1 de 18 ocorrências, equivalente a 5,6%; e os verbos, com 64 de 1.643 ocorrências, 3,9% do total. Em contrapartida, as classes que apresentaram menores percentuais de realização não padrão foram os substantivos, que apresentam 54 de 1882 ocorrências, 2,9% do total; os adjetivos, com 5 de 232 ocorrências, percentual de 2,2%; e os advérbios, com 5 de 419 ocorrências, com percentual de 1,2%.

Esses dados confirmam parcialmente nossa hipótese inicial, especialmente no que se refere aos pronomes, que obtiveram o maior percentual de realização não padrão dos dados totais do corpus. Esse resultado é semelhante ao observado nas variáveis contexto anterior e posterior, conforme descrito em estudos anteriores, nos quais o pronome “lhe” apresenta percentuais elevados de realização não padrão (Soares, 2008; Ferreira, 2011; Santos, 2018). Dentre os percentuais de realização não padrão temos também a classe

das interjeições, que apresentou 23,4%. Entretanto, nossa hipótese inicial não se confirma para os substantivos (2,9%) e adjetivos (2,2%), que apresentaram percentuais inferiores aos dos verbos (3,9%).

Os resultados referentes às interjeições demonstram que determinadas formas podem mudar de categoria gramatical ao serem usadas com funções opostas ao que está descrito nas gramáticas. O exemplo apresentado a seguir tem caráter ilustrativo e visa apenas evidenciar possíveis fatores relacionados à variação da lateral palatal entre os universitários da UFS. A análise aprofundada dessa categoria não faz parte do escopo de nossa pesquisa, tampouco formulamos hipóteses prévias para ela, mas o seu comportamento no *corpus* em análise pode fornecer subsídios para investigações futuras. Assim, como exemplo do comportamento da classe interjeição temos a forma “velho” que, poderíamos classificar como adjetivo, classe gramatical que pode “caracterizar as possibilidades designativas do substantivo” (Bechara, 2024, p. 162). No entanto, na fala do informante FER3FI: “*Velho, eu não sei dizer. Pera!*” observamos o emprego do item com função mais próxima do planejamento da fala do que da caracterização de algo ou alguém. Outras ocorrências semelhantes foram identificadas no *corpus*, como na fala do informante BRU2MI “Os ricos roubam bem mais, **véi** (velho)”, nas quais também observamos variação na realização da lateral palatal, ora da forma padrão, ora da forma não padrão.

6.2.5 *Monitoramento da fala*

A variável monitoramento da fala foi controlada com o objetivo de verificar em qual recorte temporal da entrevista os informantes apresentam maior ocorrência da realização não padrão da lateral palatal.

De acordo com Labov (2008 [1972]), a variação estilística é um aspecto inerente à fala, uma vez que nenhum indivíduo utiliza um único estilo linguístico de forma constante. Embora alguns falantes apresentem um espectro de alternância mais amplo do que outros, todos exibem variações em seu vernáculo à medida que o contexto social e o tópico de conversação se modificam.

Conforme discutimos na subseção 5.4.5, Freire (2016) demonstrou a influência do monitoramento da fala no processo de variação da lateral palatal em seu *corpus*. Ainda que a metodologia adotada pelo autor se diferencie da adotada em nossa pesquisa, uma vez que se baseou na análise dos tópicos temáticos das entrevistas, seus resultados

apontaram maior percentual da variante padrão [λ] em contextos de maior monitoramento da fala.

Assim, ainda que não disponhamos de dados provenientes de situações informais de fala espontânea, como interações cotidianas do entrevistado com amigos ou familiares, a entrevista sociolinguística oferece a vantagem de permitir certo controle sobre o grau de monitoramento da fala, com trechos mais e menos monitorados, uma vez que “o grau de espontaneidade e entusiasmo nas respostas dos indivíduos pode variar muito” (Labov, 2008 [1972], p. 103).

As ocorrências da variável foram mensuradas com base em dois recortes temporais da entrevista:

M1: que inclui os 30 minutos iniciais da entrevista;

M2: que inclui os 30 minutos finais da entrevista.

Temos como hipótese que a ocorrência de realização não padrão da lateral palatal apresentará maior percentual nos 30 minutos finais da entrevista (M2), em função do tempo de exposição do falante à situação de entrevista e da progressão de sua familiaridade com o entrevistador, o que pode favorecer a quebra do paradoxo do observador e o surgimento de uma fala menos monitorada por parte do entrevistado. Essa hipótese está ancorada nos resultados apresentados por Freire (2016), que identificou maior percentual de realização não padrão da lateral palatal em contexto de fala menos monitorada.

A Tabela 9 exibe a distribuição da realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação desta pesquisa, para posterior análise da variável monitoramento.

Tabela 9 - Distribuição da realização não padrão quanto ao monitoramento da fala

monitoramento	aplicação	total	percentual
M1	150	2.745	5,5%
M2	105	1.744	6,0%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Os resultados mostram que a realização não padrão da lateral palatal ocorreu com percentual ligeiramente mais elevado no contexto M2, referente aos 30 minutos finais da entrevista, com 105 ocorrências em um total de 1.744 dados, correspondendo a 6,0%. Já

o contexto M1, correspondente aos 30 minutos iniciais da entrevista, apresentou 150 ocorrências em um total de 2.745 dados, com percentual de 5,5%.

Esses resultados se alinham à hipótese inicial, mas a diferença percentual é pequena, uma vez que os contextos M1 e M2 apresentaram percentuais muito próximos. Desse modo, não se verifica uma distinção clara entre os recortes temporais da entrevista que permita relacionar a realização não padrão a níveis diferentes de monitoramento da fala.

Para padronizar a comparação entre as entrevistas e minimizar possíveis interferências decorrentes daquelas que apresentam duração inferior a 60 minutos, paralelamente ao controle da variável monitoramento da fala, temos como variável de controle o tempo da entrevista. Para essa variável, cada entrevista foi dividida com base em sua duração total, por exemplo, se a entrevista era composta por 50 minutos, dividimos o tempo em 25 minutos iniciais e 25 minutos finais. Os resultados referentes a essa variável encontram-se na Tabela 10.

Tabela 10 - Distribuição da realização não padrão quanto ao tempo da entrevista

Tempo da entrevista	aplicação	total	percentual
inicial	133	2.269	5,9%
final	122	2.220	5,5%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Conforme ilustrado nos resultados, o tempo inicial das entrevistas apresentou percentual ligeiramente mais elevado de realização não padrão da lateral palatal, com 133 ocorrências em um total de 2.269 dados, correspondendo a 5,9%. Já o tempo final apresentou 122 ocorrências em um total de 2.220 dados, com percentual de 5,5%.

Esse resultado indica que, assim como na variável monitoramento, o controle do tempo da entrevista manteve valores próximos entre os recortes analisados. Embora os momentos iniciais tenham apresentado percentual um pouco mais elevado de realização não padrão, esse comportamento não coincide com o observado na variável monitoramento da fala, em que o percentual mais elevado ocorreu em M2. Esse contraste pode estar relacionado a fatores não controlados, como o tópico conversacional da entrevista, tal qual controlou Freire (2016).

6.3 Resultados das variáveis independentes sociodemográficas

6.3.1 Sexo/gênero

Controlamos a variável sexo/gênero com o objetivo de verificar a distribuição percentual da realização não padrão da lateral palatal no *corpus* analisado. Temos como hipótese que a variável sexo/gênero não apresenta diferenças percentuais relevantes na variação da lateral palatal, seguindo as tendências observadas em estudos anteriores (Castro, 2006; Pinheiro, 2009; Soares, 2009; Santos, 2012; Freire, 2016), os quais indicam que essa variável não apresenta diferenças percentuais suficientes para a explicação do fenômeno.

Nesse sentido, Freitag (2015) sugere que as explicações tradicionais atribuídas ao papel do gênero na sociolinguística se tornaram datadas. Conforme a autora, “a explicação de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas, por conta de seu papel como mães e educadoras, talvez fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade” (Freitag, 2015, p.18).

Os resultados dos dados referentes a essa variável se observam na Tabela 11.

Tabela 11 - Distribuição da realização não padrão quanto ao sexo/gênero

sexo	aplicação	total	percentual
feminino	128	2.509	5,1%
masculino	127	1.980	6,4%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Considerando a realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação, observamos que os resultados indicam uma distribuição bastante semelhante entre os grupos analisados. No grupo feminino, foram registradas 128 ocorrências de realização não padrão em um total de 2.509 dados, o que corresponde a 5,1%. No grupo masculino, foram identificadas 127 ocorrências de realização não padrão em um total de 1.980 dados, correspondendo a 6,4%.

Esses resultados corroboram a hipótese inicialmente formulada, e a tendência observada em Castro (2006), Pinheiro (2009), Soares (2009), Santos (2012) e Freire (2016), ao indicarem que a variável sexo/gênero não apresenta diferenças percentuais expressivas no *corpus* analisado. Assim, a variação da lateral palatal entre os estudantes

universitários da UFS não apresenta grande distinção percentual entre os grupos de sexo/gênero, mas se mostra mais evidente em outros fatores, especialmente de natureza linguística, como aqueles discutidos nos resultados relativos aos contextos anteriores e posteriores e à classe gramatical. Além disso, cabe ponderar que em nosso *corpus* tanto as mulheres quanto os homens estão em um mesmo nível de escolaridade: universitários, esse aspecto pode contribuir para a relativa proximidade dos percentuais observados.

6.3.2 *Deslocamento*

A variável deslocamento foi controlada com o objetivo de verificar se o local de origem e o tipo de deslocamento dos estudantes em relação à universidade estão relacionados à distribuição percentual da realização não padrão da lateral palatal. Essa variável já vem sendo descrita em estudos anteriores sobre variação linguística entre os universitários da Universidade Federal de Sergipe (Corrêa, 2019; Ribeiro, 2019; Silva, 2021; Cardoso, 2021; Silva, 2025), apontando que o local de origem do estudante pode mostrar tendências de variação linguística. Conforme Siqueira e Freitag (2025, p. 46), o ambiente universitário é um espaço rico para observação de efeitos de migração, pois a universidade constitui uma experiência de realocação de jovens adultos, que podem se movimentar por diferentes regiões dialetais e interagir com indivíduos de outras regiões dialetais, potencializando o contato e a interação linguística entre falantes de múltiplas origens.

Para esta variável, consideramos quatro categorias:

- i. Deslocamento I (estudantes da Região Metropolitana de Aracaju);
- ii. Deslocamento II (estudantes do interior de Sergipe que se deslocam diariamente);
- iii. Deslocamento III (estudantes do interior que se mudaram para a Grande Aracaju durante o curso);
- iv. Deslocamento IV (estudantes oriundos de Alagoas e Bahia que residem na Grande Aracaju).

Estudos sobre a variação da lateral palatal no português brasileiro apontam para uma maior realização de variantes não padrão em regiões interioranas (Brandão, 2007; Ferreira, 2011; Santos, 2018; Plaza, 2019). Em Sergipe, pesquisas em dialetologia baseadas em cartas fonético-fonológicas do *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (Ferreira

et al., 1988), embora não apresentem dados específicos sobre a variação da lateral palatal, indicam ocorrências de realizações de variantes não padrão em áreas interioranas do estado. Estudos sobre a variação lexical da palavra *sarolha* (Carta 22), por exemplo, mostram informantes do interior de Sergipe realizando formas como *saroia* e *saroiada* (Cardoso e Rollemberg, 1988, p. 45–46). Observa-se, nesses casos, a vocalização da lateral palatal.

Com base nesses indícios, formulamos a hipótese de que os estudantes do grupo Deslocamento II e Deslocamento III apresentarão maior percentual de realização não padrão da lateral palatal, em decorrência do contato com a região de origem interiorana. Essa hipótese baseia-se nos resultados de Cardoso e Rollemberg (1988) para essa região sergipana e no que defendem Siqueira e Freitag (2025, p. 45), ao mostrarem que mesmo quando adultos estão imersos em uma nova comunidade, como o ambiente universitário da UFS, e adquirem traços do dialeto local, mantêm características de sua origem. Já os estudantes dos Deslocamentos I e IV apresentarão menor percentual de realização não padrão, conforme resultados de Brandão (2007) Soares (2009) Ferreira (2011) Santos (2018) e Plaza (2019), nos quais as capitais e regiões metropolitanas tiveram maiores percentuais de realização padrão.

A Tabela 12 mostra a distribuição percentual da variante não padrão em cada um dos grupos.

Tabela 12 - Distribuição da realização não padrão quanto ao deslocamento

deslocamento	aplicação	total	percentual
Deslocamento I	66	1.020	6,5%
Deslocamento II	76	825	9,2%
Deslocamento III	41	786	5,2%
Deslocamento IV	72	1.858	3,9%
total geral	255	4.489	

Fonte: elaboração própria.

Considerando a realização não padrão como valor de aplicação, apresentaremos os resultados em ordem decrescente dos percentuais observados em cada grupo. Assim, os resultados mostram que a realização não padrão da lateral palatal apresentou percentual mais elevado entre os estudantes do Deslocamento II, com 76 ocorrências em um total de

825 dados, correspondendo a 9,2%. Em seguida, o Deslocamento I apresentou 66 ocorrências em um total de 1.020 dados, equivalente a 6,5%. O Deslocamento III registrou 41 ocorrências em um total de 786 dados, correspondendo a 5,2%. Já o grupo Deslocamento IV apresentou o menor percentual, com 72 ocorrências em um total de 1.858 dados, o que equivale a 3,9%.

Os resultados corroboram parcialmente nossa hipótese inicial de que os estudantes provenientes de regiões interioranas de Sergipe apresentariam um maior percentual de realização não padrão, especialmente no Deslocamento II, composto por estudantes que se deslocam diariamente do interior à universidade. Entretanto, o Deslocamento III não apresentou percentuais próximos aos do Deslocamento II, como esperado, mas valores mais próximos aos observados no Deslocamento I. Ribeiro (2019) identificou resultado similar entre os deslocamentos, no qual estudantes do deslocamento III tiveram maiores percentuais de realização da variante *ni*, em sua pesquisa sobre a variação das preposições *ni ~ em* entre os estudantes universitários da UFS.

De modo geral, os percentuais de realização não padrão entre os diferentes deslocamentos mostram diferenças relativamente reduzidas, sem uma separação muito marcada entre os grupos. Esse comportamento indica que, embora a variável deslocamento apresente tendências compatíveis com a hipótese formulada, especialmente no caso do Deslocamento II, sua relação com a distribuição da realização não padrão da lateral palatal entre os universitários em Sergipe apresenta poucas diferenças percentuais.

Acreditamos que, assim como postulado na variável sexo/gênero, há indícios de que, por serem de nível de escolaridade elevado, todos universitários, as realizações não padrão tendem a ser menos realizadas pelos informantes. Esse resultado continua apontando para contrastes percentuais mais nítidos em fatores de natureza linguística, como aqueles discutidos nos resultados relativos aos contextos anteriores e posteriores e à classe gramatical.

6.3.3 *Tempo de curso*

A variável tempo de curso foi controlada como equivalente à variável escolaridade. Essa variável já vem sendo controlada em estudos anteriores sobre outros fenômenos variáveis e alguns resultados apontam para um processo de variação e mudança linguística por meio dela (Corrêa, 2019). Assim, buscamos verificar a distribuição percentual dessa variável no que diz respeito à realização não padrão da

lateral palatal entre os estudantes da UFS.

Temos como hipótese que os estudantes no início do curso apresentarão maior percentual de realização não padrão da lateral palatal, enquanto estudantes no final de curso realizarão menos a variante não padrão, seguindo a tendência apontada em estudos anteriores sobre a variável escolaridade (Oliveira e Mota, 2007; Pinheiro, 2009; Soares, 2009; Freire, 2011; Ferreira, 2011; Santos, 2012; Silva; Carvalho, 2014; Freire, 2016; Plaza, 2019; Hora e Schwindt, 2022).

As categorias dessa variável são: início de curso (com alunos entre o 1º e 3º período) e final de curso (com alunos a partir do 7º período). A Tabela 13 mostra a distribuição da realização não padrão da lateral palatal como valor de aplicação desta pesquisa.

Tabela 13 - Distribuição da realização não padrão quanto ao tempo de curso

tempo de curso	aplicação	total	percentual
final	121	2.287	5,3%
início	134	2.202	6,1%
total geral	255	4.489	total geral

Fonte: elaboração própria.

Os resultados mostram que a realização não padrão da lateral palatal ocorreu de forma muito próxima entre os dois grupos: estudantes no início do curso registraram 134 ocorrências de realização não padrão em um total de 2.202 dados, correspondendo a 6,1%. Já os estudantes no final do curso apresentaram 121 ocorrências em um total de 2.287 dados, equivalente a 5,3%.

Esses resultados não corroboraram nossa hipótese inicial, pois a diferença percentual entre os grupos é pequena, mantendo valores próximos entre início e final de curso, o que indica que o tempo de curso apresenta pouca distinção na distribuição da realização não padrão da lateral palatal no *corpus* analisado. Esse resultado também reforça o que pontuamos na análise da variável sexo/gênero e deslocamento, ao indicar que, em nosso *corpus*, a distribuição da realização não padrão se mostra mais evidente em fatores de natureza linguística do que sociodemográfica. Assim, como sugestão para novas pesquisas, cabe um olhar atento tanto para as variáveis controladas neste estudo quanto em outras, como o item lexical, para verificar outras possibilidades de variáveis que podem estar associadas à variação da lateral palatal entre os universitários da UFS.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi descrever a variação da lateral palatal na fala de estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe. Pesquisas anteriores têm apontado para um elevado percentual de realização padrão da lateral palatal entre os mais escolarizados. A maior parte dessas pesquisas consiste em fazer comparações entre os níveis de escolaridade, oferecendo poucas informações sobre as realizações não padrão entre os mais escolarizados. Assim, nossa pesquisa partiu do interesse de descrever a variação da lateral palatal entre os universitários da UFS e verificar o comportamento das variáveis linguísticas e sociodemográficas em relação à realização não padrão da lateral palatal.

Como objetivos específicos, definimos i) identificar e descrever as variantes encontradas nos dados; (ii) analisar a influência dos fatores linguísticos e sociais sobre a variação do fenômeno; (iii) comparar os resultados com achados de pesquisas anteriores.

Tendo em vista que a variação da lateral palatal no português brasileiro é um fenômeno amplamente investigado em diferentes regiões do Brasil e que em Sergipe as pesquisas sobre esse fenômeno ainda são incipientes, buscamos verificar se as variáveis linguísticas contexto anterior, contexto posterior, tonicidade, classe gramatical e monitoramento da fala, bem como as sociodemográficas sexo/gênero, deslocamentos e tempo de curso, poderiam fornecer indícios sobre as direções da variação da lateral palatal no *corpus* analisado. Para isso, partimos do seguinte questionamento: os efeitos de fatores linguísticos e sociais sobre a variação da lateral palatal observados em outras regiões verificam-se também entre os universitários da Universidade Federal de Sergipe?

Trabalhamos com a hipótese de que sim, os fatores linguísticos e sociais associados à variação da lateral palatal no português brasileiro, conforme descritos em estudos anteriores, verificam-se igualmente na amostra de universitários da UFS.

Também explicitamos que haveria maior ocorrência de realização padrão em comparação às não padrão, conforme apontam estudos anteriores sobre os mais escolarizados (Oliveira; Mota, 2007; Pinheiro, 2009; Freire, 2011, 2016; Plaza, 2019, entre outros).

A presente seção de considerações finais expõe o caminho percorrido para alcançar os objetivos propostos, assim como para responder à questão que orientou a pesquisa.

Deste modo, na seção 2 tratamos da fundamentação teórica desta pesquisa, a saber a Sociolinguística Variacionista, e de como as pesquisas na área contribuem para a descrição de fenômenos linguísticos por meio da análise de variáveis linguísticas e sociodemográficas passíveis de explicar o condicionamento da variação e mudança linguística. Apresentamos também que a nossa análise está amparada no problema do encaixamento, com vistas a verificar como as variáveis linguísticas e sociodemográficas estão encaixadas na fala dos estudantes universitários da Universidade Federal de Sergipe e contribuindo para a variação da lateral palatal entre eles.

Na seção 3, descrevemos do ponto de vista fonético e fonológico o comportamento variável da lateral palatal, caracterizando as variantes lateral palatal [ʎ], palatalização [j], vocalização [y], lateral alveolar/dental [l] e zero fonético [Ø] do ponto de vista articulatorio para que o leitor pudesse se familiarizar com as realizações do fenômeno.

Na seção 4, apresentamos um panorama da variação da lateral palatal no português brasileiro, mostrando que esse fenômeno é amplamente discutido em todas regiões do Brasil e os critérios estabelecidos nesta pesquisa para seleção de estudos que foram usados como referência.

Na seção 5 apresentamos os procedimentos metodológicos, contextualizamos de onde foi extraído o corpus desta pesquisa, bem como a quantidade de entrevistas que foram usadas para extração das ocorrências da lateral palatal. Nesta mesma seção discutimos as variáveis selecionadas para análise do corpus, a saber as variáveis linguísticas contexto anterior, contexto posterior, classe gramatical e tonicidade, bem como as variáveis sociodemográficas sexo/gênero, deslocamento e tempo de curso.

Na seção 6 mostramos como os dados foram tratados, a saber por meio da análise descritiva baseada na distribuição percentual das ocorrências.

E por fim na seção 7 apresentamos os resultados referentes ao quantitativo percentual das realizações padrão e não padrão extraídas do corpus, bem como os resultados referentes à análise das variáveis linguísticas e sociodemográficas.

Os resultados gerais apontam para um grande percentual de uso da variante padrão da lateral palatal entre os universitários 94% total. Esse resultado já era previsto, pois se tratando de um grupo altamente escolarizado, o uso de variantes não padrão tende a ser menor. Assim, as realizações não padrão obtiveram um percentual de 6% total.

Sobre os resultados obtidos por meio das variáveis linguísticas, pudemos constatar que o maior percentual de realização não padrão da lateral palatal foi identificado no

contexto anterior *vazio*, correspondente ao início de palavra, resultado diretamente relacionado ao uso do pronome “lhe”. Nos contextos vocálicos, a vogal média posterior [ɔ] foi a que apresentou maior percentual de realização não padrão, seguida da vogal média-baixa anterior [ɛ]. Após a amalgamação dos fatores, o maior percentual entre os contextos vocálicos manteve-se na vogal média [o], seguida da vogal média [e].

No contexto posterior, os fatores classificados como *sândi* e *vazio* apresentaram aplicação categórica de realização não padrão; entre os contextos vocálicos, a vogal alta anterior [i] foi a que apresentou maior percentual de realização não padrão e, após a amalgamação dos fatores, o grupo das vogais altas anteriores [i, î, ɪ] manteve o maior percentual de realização não padrão, seguido do grupo das vogais baixas [a, ã, ə]. Na variável tonicidade, o maior percentual de realização não padrão foi identificado no contexto não se aplica, seguido da posição postônica, que apresentou o maior percentual entre as posições silábicas, enquanto as posições pretônica e tônica apresentaram percentuais inferiores.

Na variável classe gramatical, os pronomes apresentaram o maior percentual de realização não padrão, seguidos das interjeições, enquanto as demais classes gramaticais apresentaram percentuais consideravelmente inferiores. Já na variável monitoramento da fala, o maior percentual de realização não padrão foi identificado no contexto M2, referente aos 30 minutos finais das entrevistas, embora a diferença em relação ao contexto M1 tenha sido pouco expressiva. No controle do tempo da entrevista, o recorte inicial apresentou percentual ligeiramente mais elevado de realização não padrão.

De acordo com Labov (2008[1972]), os fatores linguísticos desempenham um papel importante na explicação da propagação e regularidade dos processos de variação e mudança. Os resultados obtidos corroboram essa perspectiva ao evidenciar de que maneiras os fatores linguísticos estão se encaixando no comportamento linguístico dos estudantes universitários da UFS. Embora não tenha sido identificada uma correspondência total entre os dados analisados e os achados de um único estudo anterior, verificamos a convergência de alguns resultados com aqueles já descritos na literatura.

Os resultados referentes às variáveis sociodemográficas apresentaram percentuais com diferenças muito pequenas, com uma leve exceção para a variável Deslocamento. Assim, na variável sexo/gênero, os resultados indicaram percentuais bastante próximos entre os grupos analisados, com ligeiro percentual mais elevado de realização não padrão no grupo masculino em relação ao feminino, enquanto na variável tempo de curso, os

resultados também indicaram percentuais muito próximos entre os grupos, com ligeiro percentual mais elevado de realização não padrão entre os estudantes no início do curso em relação aos do final. Já a variável Deslocamento indicou que o maior percentual de realização não padrão foi identificado no grupo Deslocamento II, seguido do Deslocamento I, enquanto os grupos Deslocamento III e, especialmente, Deslocamento IV apresentaram percentuais inferiores. Vale ressaltar que mesmo nesta variável as diferenças percentuais não foram muito significativas.

Com esses resultados foi possível responder à nossa pergunta de pesquisa: os efeitos de fatores linguísticos e sociais sobre a variação da lateral palatal observados em outras regiões verificam-se também entre universitários da Universidade Federal de Sergipe? Sim. Pudemos verificar que os efeitos descritos na literatura se verificam parcialmente em nosso *corpus*, principalmente nos fatores linguísticos os quais demonstraram percentuais maiores de condicionamento da variação da lateral palatal entre os universitários.

Os quadros a seguir sistematizam os resultados encontrados em pesquisas anteriores, discutidas no panorama da literatura, em comparação com os resultados obtidos em nosso *corpus*. Tais quadros cumprem função exclusivamente comparativa e sintética, uma vez que a análise detalhada dos nossos resultados já foi realizada na seção de resultados (subseções 7.2 e 7.3). Salientamos ainda que foram incluídos apenas os fatores que apresentaram percentuais mais elevados em cada estudo. Pesquisas e variáveis cujos percentuais se mostraram neutros, muito próximos entre si não foram incluídas nesses quadros. Além disso, apresentamos apenas os quadros referentes aos resultados das variáveis linguísticas, uma vez que resultados das variáveis sociodemográficas, em nosso *corpus*, indicaram neutralidade, exceto para a variável deslocamento, cujo comportamento pode ser consultado na subseção 7.2.3. Ressaltamos ainda que nos dedicamos aos resultados referentes às realizações não padrão da lateral palatal, valor de aplicação da nossa pesquisa. Vejamos, a seguir, alguns resultados da literatura que parcialmente convergem com os que encontramos entre os universitários da UFS. Começando pelo Quadro 4, referente ao contexto anterior.

Quadro 4 - Resultados comparativos da variável contexto anterior

Estudo	Variante	Fator	Percentual
Castro (2006)	Lateral palatal	[ɔ] / [i] / [a] / [e]	63% / 54% / 38% / 75%
	Vocalizada	[o] / [ɛ]	91% / 89%
Brandão (2007)	Palatalizada	Vogais +altas	29%
	Vocalizada	Vogais +abertas	8%
Chaves e Melo (2009)	Lateral palatal	Vogais médias posteriores / média alta anterior	Não consta.
	despalatalizada	Vogal alta posterior / vogal baixa	
	Vocalizada	Vogal baixa / vogais médias posteriores	
Pinheiro (2009)	Lateral palatal	Frontal e central / [-arredondadas]	79,5% e 78,7% / 79,1%
Freire (2011)	Lateral palatal	Vogais coronais e dorsais	68% / 70%
Santos (2012)	Vocalizada	Vogais anterior [-alta] [e], [ẽ], [ɛ], [o], [õ], [ɔ], [a]	25%
Ferreira (2011)	Despalatalizada	Vogais coronais	22,3%
Freire (2016)	Lateral palatal	Vogais coronais	86,5%
Santos (2018)	Lateral palatal	[+coronal] / [ɛ], [e], [i]	24,6%
	Despalatalizada	[-coronal] / [a], [ɔ], [o], [u]	
Santos et al. (2021)	Despalatalizada	[u]	39,3%
Lima (2024)	Lateral palatal	Vogal dorsal/ vogais coronais/ vogais labiais	61,7% / 54,6% / 52,6%
	vocalização	Vogais labiais	47%
	Apagamento	Vogais coronais	33%

Freire (2024)	Lateral palatal	Vogais coronais	98%
Cruz (2026)	Realização não padrão: [y], [l] e [Ø].	Antes da amalgamação: vazio / [ɔ] / [ɛ] Depois amalgamação: ataque / [o] / [e]	Antes da amalgamação: 89,7% / 9,4% / 6,2% Depois amalgamação: 89,7% / 5,5% / 4,9%

Fonte: elaboração própria.

No que se refere à variável contexto anterior, observamos que os resultados do nosso estudo apresentam convergência parcial com achados de pesquisas anteriores. Assim, eles dialogam parcialmente com os de Castro (2006), Chaves e Melo (2009), Santos (2012) e Santos (2018), ao indicarem que o contexto vocálicos como [ɔ] e [ɛ] tendem a apresentar percentuais elevados de realização não padrão da lateral palatal.

Vejamos a seguir o Quadro 5 referente aos resultados da variável contexto posterior.

Quadro 5 - Resultados comparativos da variável contexto posterior

Estudo	Variante	Fator	Percentual
Brandão (2007)	Despalatalizada	Vogal Coronal	59%
Chaves e Melo (2009)	Lateral palatal	Vogais baixas oral e nasal	Não consta.
	Despalatalizada	Ditongo / vogais médias / vogal baixa em posição átona final / Vogal alta posterior	
	Vocalizada	Ditongo / Vogal alta posterior	
Freire (2011)	Lateral palatal	Vogais labiais	74%
Santos (2012)	vocalizada	Vogais [+altas] [i], [ĩ], [u], [ũ] e [-arredondadas] [e], [ê], [ɛ], [i], [ĩ], [a]	28,1% 20,2%
Ferreira (2011)	Despalatalizada	Vogais coronais	27,7%

Silva e Carvalho (2014)	Despalatalizada	Vogais anteriores [e] e [i]	Não consta
Freire (2016)	Lateral palatal	Vogais labiais	88,8%
Santos (2018)	Despalatalizada	[+coronal] / [ɛ], [e] e [i]	38,2%
Santos et al. (2021)	Despalatalizada	[i]	49%
Lima (2024)	Lateral palatal	Vogais labiais/ vogais coronais/	64,3% / 63,5%
	Vocalizada	Vogais dorsais	49,4%
	Apagamento	Vogais labiais	26,6%
Freire (2024)	Lateral palatal	Vogais labiais e Coronais	56,6% / 88,1%
Cruz (2026)	Realização não padrão: [y], [ɭ] e [Ø].	Antes da amalgamação: sândi / vazio / [i] / [a] Depois amalgamação: sândi / NA / [i, ĩ, ɪ]	Antes da amalgamação: 100% / 100% / 61,2% / 4,9% Depois amalgamação: 100% / 100% / 37,4%

Fonte: elaboração própria.

No que se refere à variável contexto posterior, os resultados amalgamados do nosso estudo indicam que os contextos vocálicos [i, ĩ, ɪ] apresentaram os maiores percentuais de realização não padrão da lateral palatal, em concordância parcial com achados das pesquisas de Chaves e Melo (2009), Santos (2012) Silva e Carvalho (2014) e Santos (2018).

Vejamos agora os resultados do Quadro 6 referentes à tonicidade.

Quadro 6 - Resultados comparativos da variável tonicidade

Estudo	Variante	Fator	Percentual
Brandão (2007)	Palatalizada	Postônica	26%
	Vocalizada	Postônica	6%
	Despalatalizada	Tônica/pretônica	13%
Chaves e Melo (2009)	Lateral palatal	Tônica	Não consta.
	Despalatalizada	Pretônica + postônica	
	Vocalizada	Tônica	
Pinheiro (2009)	Lateral palatal	Postônico	99,1%
	despalatalizada	Tônica	13,9%
	vocalizada	Neutralidade nas tônicas e postônicas	
Santos (2012)	Vocalizada	Postônico	23%
Ferreira (2011)	Despalatalizada	Tônico	20,2%
Freire (2016)	Lateral palatal	Tônico	77,6%
Santos <i>et al.</i> (2021)	Despalatalizada	Átona	8,6%
Lima (2024)	Vocalizada	Tônico	42,4%
Cruz (2026)	Realização não padrão: [y], [l] e [Ø].	não se aplica / postônica	89, 7% / 6,5%

Fonte: elaboração própria.

Na variável tonicidade, os resultados que coadunam parcialmente com os de nossa pesquisa são os de Brandão (2007), Santos (2012) e Chaves e Melo (2009), ao indicarem que o contexto postônico apresentou percentuais mais elevados de ocorrência da realização não padrão.

Vejamos no Quadro 7 com quais estudos o resultados referentes à classe gramatical da nossa pesquisa se relacionam.

Quadro 7 - Resultados comparativos da variável classe gramatical

Estudo	Variante	Fator	Percentual
Castro (2006)	Lateral palatal	Adjetivo	31%
	Vocalizada	Verbos	70%
Brandão (2007)	Palatalizada	Nomes	23%
Chaves & Melo (2009)	Vocalizada	Substantivos	Não consta
Ferreira (2011)	Despalatalizada	Nomes	24,8%
Freire (2016)	Lateral palatal	Verbos	87,4%
Santos <i>et al.</i> (2021)	Despalatalizada	Pronome	95,8%
Cruz (2026)	Realização não padrão: [y], [l] e [Ø].	Pronomes/ interjeição	89,5% / 23,4%

Fonte: elaboração própria.

Na variável classe gramatical, os maiores percentuais de realização não padrão ocorreram nos pronomes e interjeições. Esses resultados apresentam conformidade parcial com os de Ferreira (2011) e Santos *et al.* (2021).

Sobre a realização não padrão, o encaixamento das variáveis linguísticas, em especial a variável contexto anterior vazio e vocálico de [ɔ] e o contexto posterior com o conjunto de vogais altas [i, ɨ, ɪ], mostraram uma regularidade de percentuais maiores para a realização não padrão. Aqui fica como indicação para análises futuras verificar quais foram os itens lexicais mais realizados como não padrão, com uma abordagem mais voltada para a análise da lexicalização destes itens, dentre outras possibilidades teórico-metodológicas para aprofundar a discussão sobre possibilidades de condicionamento desse resultado. Nossa pesquisa chegou apenas à análise descritiva percentual.

Neste momento, cabe ressaltar as fragilidades da pesquisa, pois, em função dos recortes metodológicos adotados e das limitações operacionais da pesquisa, não tivemos a possibilidade de verificar resultados além do percentual. Nesse sentido, não realizamos

o cálculo de pesos relativos, tampouco o cruzamento entre variáveis, procedimentos que poderiam oferecer uma compreensão mais aprofundada do grau de influência de cada fator sobre as ocorrências da realização não padrão da lateral palatal.

Além disso, alguns fatores que se mostraram importantes ao longo da análise, como o item lexical, não foram controlados. É possível que determinadas regularidades observadas nos resultados estejam associadas à recorrência de itens específicos no *corpus*, hipótese que deverá ser explorada em investigações futuras.

Outro aspecto não contemplado nessa pesquisa refere-se ao controle do tópico conversacional nas entrevistas. Sabemos que, por mais que a entrevista sociolinguística seja o método mais próximo de extração de dados da fala espontânea do informante, esse tipo de situação comunicativa ainda envolve algum grau de atenção à fala (Labov, 2008[1972]). Assim, o controle da variável monitoramento da fala entre os universitários, considerando o tópico conversacional, pode contribuir para identificar os momentos em que a realização não padrão da lateral palatal tende a emergir com maior ou menor frequência.

Nossa pesquisa limitou-se à descrição baseada no tempo da entrevista. Porém, um aprofundamento na análise dos conteúdos discutido poderia ampliar ainda mais os resultados referentes a essa variável. Ressaltamos, ainda, que temos acesso ao roteiro das entrevistas, o que poderia propiciar uma outra abordagem metodológica distinta para investigar o monitoramento da fala. No entanto, em razão de limitações na elaboração de uma nova análise, tal abordagem não pôde ser desenvolvida no escopo deste trabalho.

Apesar dessas e outras limitações, entendemos que os resultados apresentados oferecem contribuições para a descrição da variação da lateral palatal no português brasileiro. Além disso, manifestamos o interesse em dar continuidade a este estudo, incorporando novas abordagens metodológicas e dando atenção às lacunas que foram deixadas durante o processo de pesquisa.

8 REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Braguilha ou barguia: eis a questão. In: RIBEIRO, Silvana Soares Costa; COSTA, Sônia Bastos Borba; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 284-303. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6578>. Acesso em: 29 jan. 2026.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. A despalatalização e conseqüente iotização no falar de Fortaleza. In: Jornada de Estudos Linguísticos do GELNE, Natal, 1996. **Livro de resumos**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996, p. 1-8. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/Trabalho1.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgar Blucher, p. 79-98, 2014.

BISOL, Leda. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 23, p. 83-101, 1992.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. 1974. 174 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/47334>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CAMACHO, Roberto Gomes. Uma breve retrospectiva da pesquisa sociolinguística. In: PARREIRA, Maria Cristina; CAVALARI, Suzi Marques; ABREU-TARDELLI, Lilia; NADIN, Odair Luiz; COSTA, Daniel Soares da (Orgs.). **Pesquisas em linguística no século XXI: perspectivas e desafios teórico-metodológicos**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, v. 1, p. 13-27. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/serie-trilhas-linguisticas-n27.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 47^a Ed. Petrópolis: Vozes, 2015 [1972].

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa - edição crítica**. Petrópolis: Vozes, 2019.

CARDOSO, Paloma Batista. **Efeitos linguísticos e paralinguísticos na inferência dos sentidos indicados por (eu) acho que em entrevistas sociolinguísticas**. 2021. 99 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera. A vitalidade de sarolha nos falares baianos. In: FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; ANDRADA, Nadja; SILVA, Myrian; SILVA, Rosa Virgínia; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith (Orgs.). **Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988. p.43-51.

CASTRO, Enilde Fortunato. **Sobre o uso da semivogal [y] e a inserção da lateral palatal [ʎ] no Português Brasileiro**. 2006. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/598M.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. A despalatização /ʎ/ na fala da zona urbana de Rio Branco (AC). XII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro, 2009. **Anais [...]. Rio de Janeiro: ano, p. 2137-2149**.

CONCEIÇÃO, Neyriane Santos da. **A variação fonológica da nasal palatal na fala dos estudantes da Universidade Federal de Sergipe: um estudo sociolinguístico**. Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2026.

CORRÊA, Thaís Regina de Andrade. **A variação na realização de /t/ e /d/ na comunidade de práticas da UFS: mobilidade e integração**. 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11472>. Acesso em: 29 jan. 2026.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. **Fonética e Fonologia do Português: Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2024.

DANTAS, Wagner Saback; GIBBON, Adriana de Oliveira. A abordagem do estilo de fala narrativa na proposta da “árvore de decisão”: algumas questões de análise. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 141-162.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, Milena Machado. A variação da lateral palatal segundo transcrição do Banco de Dados Varsul. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/49688>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; ANDRADA, Nadja; SILVA, Myrian; SILVA, Rosa Virgínia; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; FREITAS, Judith (Orgs.). **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialectologia rural e outros. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da Lateral Palatal na Comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. 2011. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6516>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística**: o caso das laterais /ʎ/ e /l/ no falar paraibano. 2016. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9220>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FREIRE, Josenildo Barbosa. Variação linguística: o caso da lateral palatal /ʎ/ em duas comunidades de fala. **Travessias Interativas**, São Cristóvão, v. 14, n. 31, p. 25–38, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Travessias/article/view/n31p25>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FREITAG, Raquel Meister Ko. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (org.). **Mulheres, linguagem e poder**: estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17–74. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9788580391213/completo.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Linguística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Dissecando a entrevista sociolinguística: estilo, sequência discursiva e tópico. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de (orgs.). **Variação estilística**: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-141.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Implicações da variação na alfabetização: a lateral palatal e seus correspondentes grafêmicos. **Revista Leitura**, n. 46, p. 37-56, 2010.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; SANTOS, Adelmileise de Oliveira. Percepção e atitudes linguísticas em relação às africadas pós-alveolares em Sergipe. In: LOPES, Norma da Silva; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; FREITAG, Raquel Meister Ko. (orgs.). **A Fala Nordestina: entre a sociolinguística e a dialetologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Blucher, 2016, p. 109-122.

FREITAG, Raquel. **Variação linguística: diversidade e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2025.

FREITAG, Raquel. Reprodutibilidade na Sociolinguística. **DELTA**, 2026 [no prelo]

HORA, Dermeval da; SCHWINDT, Luiz Carlos. A consoante lateral palatal em uma comunidade quilombola. **Letrônica**, v. 15, n. 1, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/42525>. Acesso em: 29 jan. 2026.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA, Geralda de Oliveira Santos; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística**. São Cristóvão: UFS/CESAD, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Raquel-Freitag/publication/324969198_Sociolinguistica/links/5aeda9dca6fdcc8508b8041c/Sociolinguistica.pdf. Acesso em: 29 jan. 2026.

LIMA, Joeline de Barros. **A variação da lateral palatal na cidade de Goiás**. 2024. 135 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41786>. Acesso em: 29 jan. 2026.

MADUREIRA, Evelyne Dogliani. Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português. 1987. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/58d333da-04da-4e26-9a2e-266444585e89/full>. Acesso em: 29 jan. 2026.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MENEZES, Keila Vasconcelos. **Monitoramento e identidade linguística: um estudo de palavrões em duas versões de uma obra literária itabaiense**. 2022. 148 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/17359>. Acesso em: 29 jan. 2026.

MIRANDA, Izabel Cristina Campolina; GUIMARÃES, Daniela Mara Lima Oliveira. Contribuição dos Modelos Multirrepresentacionais à Variação Fonológica. **Letrônica**, v. 6, n. 1, p. 214–227, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/13413>. Acesso em: 29 jan. 2026.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2023, p. 9-14.

MOURA, Cleide Queiroz de Paula; FERREIRA, Jannaína Soares Silva Reis. Metaplasmos no falar urbano monte-belense: um estudo sobre apócope e vocalização. **Ícone - Revista de Letras**, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 196-210, 2008. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/pt_BR/article/view/5139. Acesso em: 29 jan. 2026.

MÜLLER, Vitória Andrade. **A vocalização da lateral palatal no noroeste paulista**. 2025. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português/Inglês) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2025. Disponível em: <https://ri.uepg.br/monografias/handle/123456789/353>. Acesso em: 29 jan. 2026.

NASCIMENTO, Carina Sampaio. A iotização de / λ / no alers # als. VII Semana da Mobilização Universitária, 2004, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2004. Disponível em: <https://ri.ucsal.br/items/6c5d832a-45f1-48c7-ab6b-3ba49d28b47a/full>. Acesso em: 29 jan. 2026.

NHATA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. [S. l.]: 7Graus, 2026. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nhata/>. Acesso em: 03 fev. 2026.

OLIVEIRA, Dijeane de Almeida Lima de; MOTA, Jacyra Andrade. As variantes do fonema lateral palatal em inquéritos do Projeto Atlas Lingüístico Do Brasil. III Seminário de Pesquisas em Estudos Linguísticos, Vitória da Conquista, 2007. **Anais [...]**. Vitória da Conquista: UESB, 2008, p. 153-156. Disponível em: <https://anais.uesb.br/index.php/periodicos-uesb-br-spel/article/view/1360>. Acesso em: 29 jan. 2026.

OUSHIRO, Livia. Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o Elan. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 117-132

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2023, p. 33-42.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 201-232, 1999.

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques; SILVA, Lucas Santos; ARAÚJO, Luna Costa; QUIRINO, Rayane Rocha; SOUZA, Victor Rene Andrade; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Processos fonológicos que passam da fala para a leitura**. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; ROIPHE, Alberto. *Leitura, escrita e literatura : interseções e convergências*. São Cristóvão: Editora UFS, 2017, p. 10-25.

PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. **Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos diminutivos**. 2021. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15218>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar. **O processo de variação das palatais lateral e nasal no português de Belo Horizonte**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/ccf5009f-6faa-4f8e-9e1f-66ad91bda4e2/full>. Acesso em: 29 jan. 2026.

PLAZA, Luna Sartoratto. **O Dialeto Caipira no Município de Itatiba-SP**. 2019. 256 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1094926>. Acesso em: 29 jan. 2026.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2014. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 29 dez. 2025.

RIBEIRO, Cristiane Conceição de Santana. **Deslocamento geográfico e padrões de uso linguístico: a variação entre as preposições em ~ ni na comunidade de práticas da Universidade Federal de Sergipe**. 2019. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/11465>. Acesso em: 29 jan. 2026.

RODRIGUES, Fernanda Gabrielle

Costa. **Variação na regência de complementos locativos de verbos de movimento na fala de universitários da UFS**. 2021. 137 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15201?mode=full>. Acesso em: 29 jan. 2026.

Romanos 11:36. **Bíblia Online**, 2026. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvt/rm/11/36>. Acesso em: 23 fev. 2026.

SANTIAGO, Vanessa de

Almeida. **'Eu não falo assim'**: produção e percepção sociolinguísticas de estudantes do ensino fundamental e médio. 2017. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2017. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/8289>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTOS, Karoline Biscardi. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios – MG**. 2012. 76f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/0edd43bd-ca2a-4879-a6b7-c2ed6db80f36/full>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTOS, Maria de Fátima Rocha; OLIVEIRA, Almir Almeida de; MARQUES, Andressa Kaline Luna de Oliveira; OLIVEIRA, Aline Bezerra Falcão de. **Diversitas Journal**, v. 6, n. 1, p. 1680-1698, 2021. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1147. Acesso em: 29 jan. 2026.

SANTOS, Selma Cruz. **Variação na Lateral Palatal em Falares**

Alagoanos: Despalatalização e Semivocalização. 2018. 66 f. Mestrado em Linguística e Literatura Instituição de Ensino: Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/3425>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J.. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 107-129, 2006. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/12597>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SEVERO, Cristine Gorski;. Estilo, variação linguística e discurso. In:

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO,, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes

de (orgs.). **Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise.** Florianópolis: Insular, 2014, p. 31-50.

SILVA, Jose Manoel Siqueira da. **Covariação morfossintática no português brasileiro: identificação dialetal de estudantes da Universidade Federal de Sergipe.** 2025. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2025. Disponível: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/21709>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, José Manoel Siqueira da. **Variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais: padrões dialetais e contatos.** 2020. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15160>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, Lélia Ramires de Oliveira; CARVALHO, Lucirene da Silva. A despalatalização de /λ/ no falar Teresinense: uma análise Sociolinguística. **Revista Philologus**, Ano 20, N° 58, p. 61-68, 2014. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/58supl/005.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SILVA, Lucas Santos. **Análise acústica ou de oitiva? Contribuições para o estudo da palatização em Sergipe.** 2021. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15147>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SIQUEIRA, Manoel; FREITAG, Raquel. O controle da mobilidade na constituição de amostras sociolinguísticas. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; PEREIRA, Telma Cristina de Almeida Silva; MACEDO, Anderson Lucas (orgs.). **LABPEC-UFF: contato, glotopolítica e etnicidade em movimento.** São Paulo: Pedro e João Editores, 2025, p. 43-71.

SOARES, Eliane Pereira Machado. **As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica.** 2008. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6637>. Acesso em: 29 jan 2026.

SOUZA, Gládisson Garcia Aragão. **Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe.** 2016. 76 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5843>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SOUZA, Victor Renê Andrade. **Monotongação dos ditongos decrescentes orais [oɔ], [eɪ], [aɪ] e [oɪ] na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos.** 2022.

165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15779>. Acesso em: 29 jan. 2026.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

APÊNDICE – DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Yasmine Grazielle da Cruz, autora do presente trabalho, declaro, para os devidos fins, que a redação desta dissertação contou com suporte de ferramentas de Inteligência Artificial, especificamente ChatGPT (OpenAI), NotebookLM (Google) e Gemini (Google).


As ferramentas foram utilizadas como apoio à redação e à revisão gramatical, incluindo: reformulação de trechos para melhoria de clareza e coesão textual; sugestões de reorganização de parágrafos; revisão gramatical.

Os comandos (prompts) empregados envolveram solicitações de revisão, reorganização e melhoria de clareza, coesão e fluidez textual, sempre a partir de textos produzidos por mim, sem a adição de informações ou referências que não fossem as originais do próprio texto, com destaque para o que foi organizado e corrigido, bem como para os motivos das correções.

Declaro, ainda, que todas as decisões analíticas, interpretações, organização dos dados, resultados e conclusões são de minha responsabilidade exclusiva, cabendo às ferramentas de IA apenas a função auxiliar de redação e revisão gramatical.

Declaro também ter plena ciência do conteúdo da Resolução nº 09/2016 e de suas implicações legais, assumindo total responsabilidade pelo conteúdo apresentado neste trabalho.

São Cristóvão/SE, 31 de Janeiro de 2025

Documento assinado digitalmente
 YASMINE GRAZIELLE DA CRUZ
Data: 31/01/2026 14:25:50-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura